

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

**Letramento Literário a partir de letras da Legião Urbana:
Um olhar crítico do aluno sobre si e sobre o mundo**

Paulo Silva de Avila

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE
LETRAS DA LEGIÃO URBANA:
UM OLHAR CRÍTICO DO ALUNO SOBRE SI E SOBRE O MUNDO

PAULO SILVA DE AVILA

Sob a Orientação do Professor Doutor

Marcos Estevão Gomes Pasche

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras**, no Curso de Pós-Graduação em Letras (Profletras), Área de Concentração em Linguagens e Letramentos.

Seropédica, RJ
Fevereiro de 2018

A9581 Avila, Paulo Silva de, 1977-
Letramento Literário a partir de letras da Legião Urbana: Um olhar crítico do aluno sobre si e sobre o mundo / Paulo Silva de Avila. - 2018.
186 f.

Orientador: Marcos Estevão Gomes Pasche.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, 2018.

1. Ensino de Literatura. 2. Letramento literário.
3. Letras de canção. I. Pasche, Marcos Estevão Gomes, 1981-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

PAULO SILVA DE AVILA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 21/02/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche (UFRRJ)
Orientador

Prof. Dr. André Luiz Dias Lima (UFF)
Avaliador externo

Prof. Dr. Wagner Alexandre dos Santos Costa (UFRRJ)
Avaliador interno

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que eu amo, em especial minha esposa Silvana Avila, minha mãe e todos os meus amigos.

Aos meus professores, desde os que me alfabetizaram e me letraram no antigo primário até os que lecionaram no PROFLETRAS. Cada um, a seu modo, tem sua parcela de contribuição em minha formação acadêmica e profissional.

A todos os professores que se inquietam diante de um ensino estático e tradicional, buscando novos caminhos e métodos para tornar a educação crítica e voltada para a cidadania e para a humanização.

À Legião Urbana, por fazer com que eu me aproximasse, na adolescência, do texto literário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha esposa, companheira e incentivadora Silvana Avila, por me ajudar de tantas formas, pelo seu conhecimento profissional em computação, ajudando-me em formatações, em dificuldades com o *Word* e por tantas vezes ter consertado meu *notebook*, além de tantas outras coisas que só quem ama é capaz de fazer. Agradeço-a ainda por entender as minhas viagens a Seropédica, as horas ausentes na produção desta dissertação, as palavras de força e coragem, por sempre acreditar em mim quando nem eu mesmo acreditava. Sem você, talvez este trabalho não tivesse sido concluído ou, quem sabe, eu nem mesmo tivesse me inscrito no processo seletivo deste Mestrado.

Agradeço à minha mãe, que sempre soube aonde eu poderia chegar e me incentivou desde criança ao universo da leitura, e aos meus amigos, que são presença constante em minha vida, mesmo quando distantes.

Aos meus amigos do curso, que caminharam comigo ao longo desses dois anos, compartilhando experiências, alegrias e apreensões; em especial, à Andreia e à Ana Paula, pela companhia durante o almoço e por formarem meu grupo nos trabalhos e seminários.

Aos professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que lecionaram no PROFLETRAS, por toda a atenção e pelo profissionalismo. Obrigado por entenderem que o conhecimento não se aprisiona, mas se partilha na interação dialógica entre sujeitos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Pasche, pela competência, profissionalismo, atenção, ética e extrema educação ao se dirigir a seus orientandos, conduzindo-nos da melhor forma para a realização desta última etapa.

Aos professores Wagner Costa e Roberto Bozzetti, que participaram da banca de qualificação e — de forma firme, competente e respeitosa — direcionaram meu trabalho com autoridade e com dicas valiosas.

Aos meus queridos alunos da turma 701 do Colégio Estadual Ministro Raul Fernandes, que tornaram possível a intervenção didática, dedicando-se às atividades e mostrando que as aulas podem ser reflexivas, interativas e criativas.

A todos os professores e funcionários do Colégio Estadual Ministro Raul Fernandes, em especial Vitaly Costa e Silva, pelo *abstract*.

Aos *Pasheiros*, grupo de WhatsApp dos orientandos do Professor Marcos Pasche, pela ajuda mútua e pelas dúvidas esclarecidas durante a produção desta dissertação.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de maneira direta ou indireta me ajudaram a concluir este curso.

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Tzvetan Todorov

RESUMO

AVILA, Paulo Silva de. **Letramento Literário a partir de letras da Legião Urbana: Um olhar crítico do aluno sobre si e sobre o mundo.** 2018. 186 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

O professor enfrenta diversas dificuldades para trabalhar com textos literários em sala de aula, principalmente em se tratando daqueles que contêm linguagem poética, conotativa e aberta a múltiplos significados. O tempo escasso para que o ensino de Literatura aconteça de forma efetiva e a falta de um material realmente atraente que desperte o interesse dos alunos, além do próprio despreparo do docente, reduzem a leitura literária a atividades assistemáticas, muitas delas mal conduzidas pelo livro didático, na maioria das vezes usando-as como pretexto para o ensino gramatical e da língua culta. Diante disso, este trabalho tem a proposta de promover o letramento literário em sala de aula, desenvolvendo estratégias para despertar o gosto pela leitura literária, utilizando duas letras do grupo musical Legião Urbana, “Tempo perdido” e “Perfeição”, que propõem um olhar crítico dos alunos sobre si e sobre o mundo à sua volta. Com atividades elaboradas por meio de uma proposta de intervenção didática, durante 9 encontros (18 aulas), e apresentando os resultados de cada atividade realizada e as considerações do pesquisador, esperamos atingir os seguintes objetivos do projeto: despertar nos alunos a fruição, a autonomia e a criatividade que tais textos provocam, ao mesmo tempo em que podem ajudar na formação da cidadania e da humanização desses indivíduos. As estratégias foram desenvolvidas pelo professor a partir de atividades diversas, tendo como suporte a sequência básica de letramento literário em quatro passos sugerida por Cosson (2016) e uma metodologia pedagógica para o ensino de Literatura proposta por Bordini e Aguiar (1983) e por Pereira, Cavalcante e Cabral (2013). Além disso, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho os estudos voltados para o ensino de Literatura, como Lajolo (1984, 1989a e 1989b), Paulino e Cosson (2009), Magnani (1989), Zilberman e Silva (1990), Lima (2016), Cademartori (2012), Candido (2012), Leahy-Dios (2000 e 2001) entre tantos outros teóricos que tratam sobre a leitura e o letramento literário nas escolas. Desse modo, para que o nosso trabalho seja realizado, aplicamos as atividades em uma turma de 7º Ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Ministro Raul Fernandes, em Vassouras-RJ. Assim, apresentamos a importância da leitura literária em sala de aula, tendo as letras de canção como uma ferramenta possível para que o letramento literário se faça presente em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Literatura, letramento literário, letras de canção.

ABSTRACT

AVILA, Paulo Silva de. **Literary literacy from Legião Urbana's lyrics: a critical eye of the student about himself and about the world.** 2018. 186 p. Dissertation (Professional Masters in Liberal Arts). Institute of Human and Social Sciences, Department of Liberal Arts and Communication, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

The teacher faces several difficulties to work with literary texts in the classroom, especially in dealing with those that contain poetic language, connotative and open to multiple meanings. The short time for the teaching of literature to take place effectively and the lack of a really attractive material that arouses the interest of the students, as well as the teachers' own lack of preparation, reduce literary reading to unsystematic activities, many of them poorly guided by the textbook, most often using them as a pretext for learning of grammar rules as well as the formal language. Therefore this work has the proposal to promote the literary literacy in classroom, developing strategies to awaken a taste for literary reading, using two lyrics of the musical group called Legião Urbana, "Tempo Perdido" and "Perfeição", which propose a critical eye of the students about themselves and about the world around them. With activities elaborated through a proposal of didactic intervention, during nine meetings (eighteen classes), and presenting the results of each activity performed and the researcher's considerations, we hope to achieve the project objectives, which are to awaken in students the fruition, autonomy and creativity that such texts cause, while at the same time they can help in the formation of citizenship and the humanization of these individuals. The strategies were developed by the teacher from diverse activities, having as support the basic sequence of literary literacy in four steps suggested by Cosson (2016) and a pedagogical methodology for the teaching of literature proposed by Bordini and Aguiar (1983) and by Pereira, Cavalcante and Cabral (2013). Moreover, contributed to the development of this work the studies focused on the teaching of literature, such as Lajolo (1984, 1989a and 1989b), Paulino and Cosson (2009), Magnani (1989), Zilberman and Silva (1990), Lima (2016), Cademartori (2012), Candido (2012), Leahy-Dios (2000 and 2001), among many other theorists that deal with reading and literary literacy in schools. In this way, in order for our work to be carried out, we applied the activities in a 7th grade class of Elementary Education in a public school called Colégio Estadual Ministro Raul Fernandes, located in Vassouras, state of Rio de Janeiro. Like this, we presented the importance of literary reading in the classroom, having lyrics as a possible tool for literary literacy to be present in the classroom.

Keywords: Literature teaching, literary literacy, song lyrics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representação das quatro fases do ciclo básico da investigação-ação	74
Figura 2: Atividade do aluno G.P.M.O.	81
Figura 3: Atividade da aluna H.C.S.S.	82
Figura 4: Atividade do aluno J.A.S.G.	83
Figura 5: Atividade da aluna L.R.T.	84
Figura 6: Atividade da aluna K.B.O.	85
Figura 7: Atividade da aluna M.S.L.	86
Figura 8: Atividade do aluno C.M.T.	87
Figura 9: Atividade da aluna G.C.R.M.	88
Figura 10: Atividade da aluna R.D.G.S.	89
Figura 11: Atividade do aluno P.M.E.E.F.	90
Figura 12: Atividade da aluna M.P.T.S.C.	91
Figura 13: Fragmento de atividade do aluno P.V.B.	93
Figura 14: Fragmento de atividade da aluna A.K.M.C.	93
Figura 15: Fragmento de atividade da aluna C.C.R.C.M.	93
Figura 16: Fragmento de atividade da aluna R.D.G.S.	94
Figura 17: Fragmento de atividade do aluno P.M.E.S.F.	94
Figura 18: Fragmento de atividade da aluna N.O.S.S.	94
Figura 19: Fragmento de atividade do aluno L.J.D.	94
Figura 20: Fragmento de atividade da aluna R.D.G.S.	94
Figura 21: Fragmento de atividade do aluno G.P.M.O.	95
Figura 22: Fragmento de atividade da aluna C.S.S.S.	95
Figura 23: Fragmento de atividade da aluna M.P.T.S.C.	95
Figura 24: Fragmento de atividade do aluno K.N.T.	95
Figura 25: Fragmento de atividade do aluno P.V.B.	95
Figura 26: Fragmento de atividade da aluna N.O.S.S.	96
Figura 27: Fragmento de atividade da aluna G.C.R.C.M.	96
Figura 28: Fragmento de atividade da aluna A.K.M.C.	96
Figura 29: Fragmento de atividade da aluna G.C.R.C.M.	96
Figura 30: Fragmento de atividade do aluno L.J.D.	97
Figura 31: Fragmento de atividade da aluna I.S.	97
Figura 32: Fragmento de atividade do aluno G.P.M.O.	97

Figura 33: Fragmento de atividade do aluno P.M.E.S.F.	97
Figura 34: Atividade do aluno G.P.M.O.	98
Figura 35: Atividade do aluno P.V.B.	98
Figura 36: Atividade da aluna G.C.R.C.M.	98
Figura 37: Atividade da aluna H.C.S.S.	98
Figura 38: Atividade da aluna K.B.O.	98
Figura 39: Atividade do aluno P.M.E.S.F.	99
Figura 40: Atividade da aluna N.O.S.S.	99
Figura 41: Cápsula do “Tempo perdido”	101
Figura 42: Produção de carta do aluno G.P.M.O.	102
Figura 43: Produção de carta da aluna G.C.R.C.M.	103
Figura 44: Produção de carta da aluna I.S.	104
Figura 45: Produção de carta da aluna da aluna R.D.G.S.	105
Figura 46: Produção de carta da aluna K.B.O.	106
Figura 47: Atividade do aluno C.M.T.	107
Figura 48: Atividade da aluna G.C.R.C.M.	107
Figura 49: Atividade da aluna H.C.S.S.	108
Figura 50: Atividade do aluno P.M.E.S.F.	108
Figura 51: Atividade da aluna K.B.O.	108
Figura 52: Atividade do aluno P.M.E.S.F.	109
Figura 53: Atividade do aluno G.P.M.O.	109
Figura 54: Atividade da aluna N.D.O.E.	109
Figura 55: Atividade do aluno G.P.M.O.	109
Figura 56: Atividade da aluna N.O.S.S.	110
Figura 57: Atividade da aluna M.P.T.S.C.	110
Figura 58: Atividade da aluna A.C.S.	110
Figura 59: Produção dos alunos C.M.T. e L.J.D.	112
Figura 60: Produção dos alunos E.S.S., U.S.A., P.H.G.P. e G.P.M.O.	112
Figura 61: Produção das alunas R.D.G.S., A.C.S., A.K.M.C., N.D.O.E. e N.O.S.S.	113
Figura 62: Produção das alunas K.B.O. e L.C.L.B.	114
Figura 63: Produção das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.	114
Figura 64: Atividade das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.	115
Figura 65: Atividade das alunas K.B.O. e L.C.L.B.	115
Figura 66: Atividade do aluno P.M.E.S.F.	115

Figura 67: Atividade das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.	116
Figura 68: Atividade do aluno P.M.E.S.F.	116
Figura 69: Atividade das alunas K.B.O. e L.C.L.B.	116
Figura 70: Atividade das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.	117
Figura 71: Atividade do aluno P.M.E.S.F.	117
Figura 72: Atividade das alunas R.D.G.S., A.C.S., A.K.M.C., N.D.O.E. e N.O.S.S.	117
Figura 73: Atividade da aluna G.C.R.C.M.	118
Figura 74: Atividade da aluna M.P.T.S.C.	119
Figura 75: Atividade do aluno P.M.E.S.F.	120
Figura 76: Atividade da aluna R.D.G.S.	121
Figura 77: cartaz do grupo 1 – o mundo que não queremos.	123
Figura 78: cartaz do grupo 2 – o mundo que não queremos.	124
Figura 79: cartaz do grupo 3 – o mundo que não queremos.	125
Figura 80: cartaz do grupo 4 – o mundo que não queremos.	126
Figura 81: cartaz do grupo 5 – o mundo que queremos.	127
Figura 82: cartaz do grupo 6 – o mundo que queremos.	128
Figura 83: cartaz do grupo 7 – o mundo que queremos.	129
Figura 84: cartaz do grupo 8 – o mundo que queremos.	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 LITERATURA, LEITURA LITERÁRIA E LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA	21
1.1 Ensino de Literatura na escola e formação do leitor	21
1.2 Letramento como prática social.....	39
1.3 O letramento literário como uma proposta para o ensino de literatura	42
2 A CANÇÃO COMO UMA FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	50
2.1 A relação entre poesia e canção	50
2.2 A canção popular nos dias de hoje e sua função literária	53
2.3 As letras da Legião Urbana como objeto de estudo literário	57
2.4 A letra de canção como uma possibilidade para o letramento literário	64
3 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA: LETRAMENTO LITERÁRIO POR MEIO DE LETRAS DA LEGIÃO URBANA	69
3.1 Pesquisa-ação como orientação metodológica para a intervenção em sala de aula	72
3.2 Caracterização do colégio e dos alunos	75
3.3 Descrição da sequência didática: o letramento literário nas letras da Legião Urbana como descoberta de si e do mundo	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
BIBLIOGRAFIA	135
ANEXOS	143
ANEXO 1	143
ANEXO 2	144
ANEXO 3	145
ANEXO 4	146

ANEXO 5	147
ANEXO 6	148
ANEXO 7	149
ANEXO 8	150
ANEXO 9	151
ANEXO 10	152
ANEXO 11	153
ANEXO 12	154
ANEXO 13	155
ANEXO 14	156
ANEXO 15	157
ANEXO 16	158
ANEXO 17	159
ANEXO 18	160
ANEXO 29	161
ANEXO 20	162
ANEXO 21	163
ANEXO 22	164
ANEXO 23	165
ANEXO 24	166
ANEXO 25	167
ANEXO 26	168
ANEXO 27	169
ANEXO 28	170
ANEXO 29	171
ANEXO 30	172
ANEXO 31	173
ANEXO 32	174
ANEXO 33	175
ANEXO 34	176
ANEXO 35	177
ANEXO 36	178
ANEXO 37	179
ANEXO 38	180

ANEXO 39	181
ANEXO 40	182
ANEXO 41	183
ANEXO 42	184
ANEXO 43	185
ANEXO 44	186

INTRODUÇÃO

O ensino de Literatura no Ensino Fundamental II, muitas vezes, tem deixado a desejar nas escolas, uma vez que aparece de um modo condensado e pouco aprofundado nas salas de aula e, até mesmo, nos livros didáticos. Assim, as dificuldades de se realizar um trabalho com textos literários tornam-se evidentes, tanto pela falta de preparo do professor quanto pelo desinteresse crescente dos alunos.

Nas escolas públicas, os professores de Português se veem divididos entre o ensino de Linguagens e Literatura, sem conseguir estabelecer uma carga horária equilibrada entre ambos, o que faz com que a Literatura seja pouco aproveitada — e muitas vezes até mesmo preterida. Portanto, o que vemos é a fragmentação de obras literárias para o uso e o estudo da gramática e da língua culta ou para exemplificar características superficiais de excertos do texto literário, não extraindo do aluno o interesse, o conhecimento mais aprofundado, a fruição, a crítica e a criatividade, que deveriam ser o objetivo desse estudo. Quando muito, motiva-se a ler meramente de forma mecânica, para responder a um questionário ou realizar uma atividade avaliativa, sem se importar ou refletir sobre o que está sendo lido.

Desse modo, o estudante não é motivado a se apropriar da obra literária e buscar os vários sentidos que ela pode ter, colaborando assim no seu crescimento literário e social. Pensando nessa realidade que atinge a educação, em especial as aulas de Língua Portuguesa, podemos afirmar que

[...] vivemos nas escolas uma situação difícil com os alunos, os professores de outras disciplinas, os dirigentes educacionais e a sociedade, quando a matéria é literatura. Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas. Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. (COSSON, 2006, p. 10).

Analisando o currículo mínimo de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II do Estado do Rio de Janeiro, percebemos que alguns gêneros literários são estudados no ano letivo. No 6º ano, somente a partir do 3º bimestre, estudam-se contos de fadas e contos maravilhosos; no 4º bimestre, por sua vez, há o estudo do poema (RIO DE JANEIRO, 2011a,

p. 7), como consta no currículo, porém nem sempre trabalhados integralmente, e cujos objetivos são:

LEITURA

- observar os aspectos formais relacionados ao verso, à estrofe e à exploração gráfica de espaços em textos poéticos nacionais, portugueses e /ou de origem africana.
- Identificar o efeito de sentido gerado pela repetição de sons e palavras.
- Identificar o sentido de palavras e/ou expressões a partir do contexto.
- Identificar os recursos para construção da rima.
- Diferenciar poema e prosa.

USO DA LÍNGUA

- Reconhecer a estruturação do poema em versos e estrofes.
- Reconhecer e utilizar sinônimos e antônimos como recursos de coesão e de construção do texto poético.
- Identificar e valorizar a ocorrência de variações linguísticas.
- Reconhecer o padrão de acentuação das proparoxítonas.
- Identificar e corrigir dificuldades ortográficas recorrentes.

Tais objetivos deixam claro que o estudo da linguagem poética não busca desenvolver nos alunos a fruição e a criatividade, descobrindo os diversos sentidos que tais textos podem conter. Pelo contrário, os poemas acabam sendo usados para o estudo da sua estrutura e para trabalhar com ortografia e variação linguística.

No 7º ano, só observamos a presença de um gênero literário no 3º bimestre, com o estudo de narrativa de aventura, suspense e terror. Os outros bimestres trabalham com diário, *blog*, perfil de redes sociais, notícia, reportagem, entrevista, regra de jogo, receita e manual de instruções. No 8º ano, nos primeiros bimestres estudamos artigo de divulgação científica, relatório, fichamento, resumo, texto didático, verbete enciclopédico, apresentação (slide, cartazes), debate regado e seminário; somente a partir daí estudamos textos literários: cordel e canção, no 3º bimestre; e, no 4º, texto teatral. Sobre os gêneros do 3º bimestre, seus objetivos são:

LEITURA

- Comparar os gêneros cordel e canção.
- Relacionar a escolha vocabular em poemas e canções às exigências métricas ou sonoras.
- Identificar e valorizar a ocorrência de variações dialetais devido a fatores geográficos, históricos e sociais.
- Relacionar a presença da linguagem não-verbal à construção do sentido do texto verbal.
- Identificar as marcas de oralidade.

USO DA LÍNGUA

- Identificar os mecanismos de construção ideológica e de sentido nos textos (o uso da linguagem figurada como exagero, ironia ou sarcasmo).

- Observar a estrutura formal dos cordéis (número de sílabas por verso, de versos por estrofe e rimas).
- Reconhecer o valor expressivo do adjetivo e das orações adjetivas nos gêneros estudados.
- Reconhecer os termos integrantes da oração. (Ibid., p. 11).

Novamente, percebemos que os textos literários são vistos apenas como pretexto para a análise estrutural e para o ensino da língua, ou somente como estudo de algumas figuras de linguagem.

No 9º ano, há o estudo de crônica e conto no 2º bimestre, e romance no 3º e 4º bimestres, este geralmente estudado a partir de fragmentos.

Essa observação é importante para que vejamos que não há um estudo mais abrangente da linguagem poética em outros bimestres e séries do Ensino Fundamental II. Podemos perceber ainda que, além de o currículo mínimo não dar a devida atenção ao estudo poético e literário, há uma resistência muito grande em sala de aula, tanto por parte dos alunos quanto do professor que, muitas vezes, não sabe como ensinar Literatura e muito menos fazer com que os adolescentes se interessem por ela.

No ensino médio, por sua vez, os alunos entrarão em contato com a Literatura a partir de suas diversas escolas e de seus períodos, conhecendo os principais autores e obras. Este será o maior encontro que eles terão com a Literatura, haja vista que só a apreciaram em alguns bimestres esparsos durante o Ensino Fundamental II. Mesmo assim, tal estudo no Ensino Médio é voltado muitas vezes para as questões de vestibular, em que os alunos passam a entender que Literatura é, na maior parte das vezes, decorar datas, autores, períodos e características. Não são poucos, ainda, aqueles que pensam estar diante de uma aula de História, uma vez que o professor resume as aulas de Literatura a explicações sobre o contexto histórico, político e social de cada época, pouco (ou nunca) lendo e trabalhando as obras com os alunos.

Diante desse quadro pouco animador, com um tempo exíguo reservado para a Literatura e sem um planejamento adequado para apresentar os textos literários aos discentes, tornando o seu ensino mera atividade gramatical, com interpretações rasas que pouco aprofundam a sua leitura e os seus reais objetivos, podemos entender que “estamos diante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”. (COSSON, 2016, p. 23).

O texto literário em sala de aula, de um modo especial o poético, torna-se importante, uma vez que trabalha com a criatividade, a interpretação e a plurissignificação das palavras.

Segundo Filipouski (2006, p. 338), “a poesia é uma das formas mais radicais que a educação pode oferecer de exercício de liberdade através da leitura, de oportunidade de crescimento e problematização das relações entre pares e de compreensão do contexto onde interagem”.

No entanto, professores acabam tornando a leitura literária uma atividade meramente pedagógica, avaliativa, e não com o intuito de despertar o interesse, o prazer e a consciência crítica, ou desenvolver a competência literária do aluno. Isso porque, como já vimos, muitas vezes, o texto é usado somente como pretexto para a interpretação de perguntas que levam a respostas fechadas ou, pior, como já mencionado, a práticas gramaticais que fogem da riqueza que se pode descobrir ao se fazer uma leitura literária com seus objetivos previamente definidos. Devido a esse estudo assistemático da Literatura, os alunos tendem a se mostrar desinteressados diante das atividades de leitura em sala de aula.

Pensando em uma alternativa em sala de aula que pode trazer êxito ao trabalho do professor, sugerimos levar o universo poético para a canção popular, aproveitando as características que tais gêneros têm em comum. Nesse sentido, Pereira e Regis (2014, p. 4) afirmam:

[...] o professor trava uma guerra diária para despertar o interesse do aluno pela leitura e para que eles realmente compreendam o que leem. Nessa batalha cotidiana, ao nosso entender, é preciso atraí-los por aquilo que os atrai naturalmente, como a música que eles carregam consigo em seus celulares nas ruas, no ônibus e, muitas vezes, na sala de aula de forma indesejada.

Assim sendo, este trabalho propõe a utilização de letras das canções da banda de *rock* Legião Urbana em sala de aula, com o intuito de promover o letramento literário entre os alunos, de modo a desenvolver sua percepção crítica e sua criatividade, despertar o gosto e a fruição pela leitura literária e colaborar na formação da humanização e da cidadania desses indivíduos.

O texto literário, portanto, deve ser utilizado muito mais do que para cumprir uma tarefa do livro didático ou como um momento de prazer para os alunos: deve, antes de tudo, despertar neles a consciência crítica a partir da descoberta de si — como cidadão, como parte de uma sociedade — e do mundo — com o entendimento de seus problemas sociais, políticos e econômicos.

Sobre isso, Porto e Teixeira (2015, p. 90) mencionam a importância de formar sujeitos críticos, que conheçam a realidade à sua volta, pela mediação do professor. Assim, o desenvolvimento da habilidade de leitura amplia os horizontes de formação desses sujeitos e

para a compreensão do mundo, levando à emancipação pessoal e às condições de intervenção social.

Desse modo, buscamos com este trabalho criar condições favoráveis aos alunos — a partir da aquisição de habilidades — na tarefa de ler e interpretar textos literários, a fim de ampliar seu letramento, valendo-se de letras de canção.

Considerando a problemática atual de compreensão e análise de textos, diante da falta de interesse, cada vez maior, dos alunos com textos que possuem linguagem conotativa e que se abrem a diversas possibilidades de interpretação, as seguintes questões orientam esta pesquisa: Quais os desafios enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa no desenvolvimento de seu trabalho com o texto literário? Como o professor de Língua Portuguesa pode utilizar as letras de canção para mediar a aprendizagem dos alunos, visando ao conhecimento e à leitura crítica e criativa do texto literário, ajudando dessa forma a melhorar de forma considerável o quadro atual?

Dessa forma, pretendemos desenvolver nos alunos — por meio deste projeto — o gosto pelo texto literário a partir de duas letras da Legião Urbana pré-selecionadas pelo professor: “Tempo perdido” e “Perfeição”, a primeira por trabalhar com os desafios do aluno diante de si nessa transição para a adolescência, refletindo como ele entende, aproveita e administra seu tempo; a segunda por lançar um olhar crítico em relação aos problemas do país e do mundo, despertando o adolescente para a cidadania, com seus direitos e deveres. Após oferecer informações sobre a banda aos alunos, a partir de sua importância para a música brasileira e apresentar Renato Russo como um letrista e um poeta contemporâneo da música popular brasileira, promoveremos diversas atividades com a turma a partir dessas letras. Assim, esperamos que se perceba a literariedade em seus versos, o que nas palavras de Bragatto Filho (1995, p. 16) é o “resultado do trabalho estético do autor, mas também o é da atuação competente do leitor que, dialogando com o texto, lhe atribui significados”.

De acordo com Abreu (2006, p. 29), literariedade não está somente no texto, mas também na maneira como ele é lido. Um mesmo texto pode ganhar sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja: uma carta ou um conto, um poema ou uma redação.

Além disso, a mesma autora, além de definir a literariedade como um uso especial da linguagem, estabelece uma função para a Literatura como arte da palavra que existe para provocar o deleite e ampliar a visão e a compreensão de mundo do leitor. (Ibid., p. 33).

Para isso, os alunos lerão as letras e ouvirão as canções, pois esperamos que eles, desse modo — durante as propostas de atividades —, sintam mais prazer e fruição pelas

leituras, por meio de reflexões, tendo uma compreensão mais profunda do mundo e criando neles uma consciência crítica e cidadã.

Além desta introdução, abordaremos, no 1º capítulo, a importância da leitura literária na escola e do letramento literário como prática social. No 2º, abordaremos a possibilidade de utilizarmos a canção como uma ferramenta para o letramento literário, abordando as relações que existem entre letra de canção e poema, a função literária nas canções atualmente e a escolha das letras da Legião Urbana como objeto literário. No 3º, apresentaremos uma proposta de intervenção em sala de aula, a partir de uma sequência didática básica elaborada para trabalhar com as duas letras do grupo musical mencionado e selecionadas pelo professor. Faremos ainda uma análise a partir dos resultados obtidos, para que possamos entender se o letramento literário a partir de letras de canção é possível ser trabalhado em sala de aula. Por fim, na conclusão, analisaremos se é possível que essas atividades sejam uma “porta de entrada” lúdica e eficiente para o mundo literário, sem perder o contato com a realidade ao redor dos adolescentes, despertando neles o gosto pela leitura literária, pela fruição e pelo olhar crítico, contribuindo para o processo de cidadania e de humanização que a Literatura pode oferecer.

Para tanto, o suporte teórico será imprescindível para que a proposta de trabalho com o ensino de Literatura por meio do letramento literário possa ser desenvolvido e realizado. Muito contribuíram para esta pesquisa os seguintes estudos: Kleiman (1995) e Soares (2003; 2016) sobre letramento como uma prática social; Cosson (2016 e 2017), Cosson e Junqueira (2011), Fernandes (2011), Lima (2016), Paulino (2001), Paulino e Cosson (2009), Pereira e Silva (2012), Pinheiro (2011) sobre letramento literário; Aguiar (1984 e 2013), Averbuck (1984), Bordini (2015), Cademartori (2012), Candido (2012), Colomer (2007), Filipouski (1984; 2006), Lajolo (1984 e 1993), Leahy-Dios (2000; 2001), Leite e Marques (1984), Magnani (1989), Petit (2009a e 2009b), Porto e Teixeira (2015), Zilberman (2012), Zilberman e Silva (1990) sobre leitura e ensino de Literatura; Bordini e Aguiar (1983) e Pereira, Cavalcante e Cabral (2013), Dalvi (2013), Rouxel (2013) sobre metodologia do ensino de literatura; Aguiar (1993), Bosco (2006), Pereira e Regis (2014), Rennó (2003), Santaella (2002), Santaella e Nöth (2011) sobre os estudos literários relativos à canção; e Capacchi (2003), Castilho e Schlude (2002), Cavalcanti (2008), Dapieve (2000; 2002), Enedino e Souza Junior (2006), Fernandes Júnior (2003), sobre a obra da Legião Urbana e Renato Russo numa perspectiva poética; além de outros teóricos fundamentais para a produção do presente projeto.

Esperamos assim que o letramento literário por meio de letras da Legião Urbana possa ser uma ferramenta em sala de aula, à medida que afirmamos a importância de se promover a leitura do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II da rede pública.

1 LITERATURA, LEITURA LITERÁRIA E LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA

1.1 Ensino de Literatura na escola e formação do leitor

É notório que a educação sofre cada vez mais com a falta de interesse dos alunos pelas obras literárias. Portanto, uma pergunta pode ser feita diante desse problema tão atual: Como podemos promover a leitura literária em um mundo onde as novas tecnologias (*internet*, televisão, celular, dentre outros) possuem a maior parte do interesse dos jovens estudantes?

Outras perguntas podem vir em meio à nossa reflexão: Como formar alunos leitores? Como levar os alunos a refletirem sobre determinado texto?

Alguns problemas são facilmente identificados muito além do âmbito escolar. Um deles é que o nosso país não possui a tradição de formar leitores e isso se dá por uma série de fatores, embora tenhamos visto progresso, como analisa Cademartori (2012, p. 25):

O Brasil não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica, cultural. No entanto, existe hoje especial sensibilidade para esse assunto, traduzida em inúmeras iniciativas, públicas e privadas, para promover a leitura.

Não ser um país de leitores está de acordo com a seguinte afirmação de Paulino e Cosson (2009, p. 62): “No Brasil, os índices de testes nacionais e internacionais mostram que a proficiência de leitura dos estudantes brasileiros encontra-se muito abaixo do esperado em um país que vem exibindo elevação em suas posições econômicas internacionais”.

Além disso, há diversas pesquisas que comprovam que os brasileiros, no seu dia a dia, pouco leem livros de Literatura por prazer. Uma delas foi relatada por Cosson (2016, pp. 11-12):

[...] a literatura parece não ter mais lugar no cotidiano das pessoas. Segundo os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2012, os brasileiros leem em média quatro livros por ano em contraste com 4,7 em pesquisa semelhante realizada em 2007. Computados os livros por inteiro, o número de livros cai para 2,1. A razão maior para essa diminuição do espaço ocupado pelo livro na vida das pessoas é a falta de tempo, que, como se sabe, é uma forma gentil de indicar desinteresse pela atividade. Aliás, o desinteresse atinge 78% das pessoas que declaram estar lendo menos do que no passado. Quando leem, fazem isso mais pela necessidade de se atualizarem culturalmente do que por prazer. [...] Se os brasileiros leem

pouco, leem menos ainda literatura. Parte dos livros lidos são obras didáticas, consoante o perfil de aluno da maioria dos leitores, e o livro mais lido é a Bíblia. Quando leem literatura, o texto selecionado é o *best-seller* do momento, seguido pela leitura indicada pela escola, como se supõe pela presença de obras canônicas e de literatura infantil na lista dos preferidos.

Há ainda outro agravante relacionado à condição social do nosso país: em muitos lugares, principalmente nas periferias ou nas áreas rurais, não existem grandes bibliotecas disponíveis à população, sem falar que — devido à crise econômica — muitas famílias não se podem dar ao luxo de comprar livros regularmente. Quanto a isso, podemos afirmar que:

Quando se vive em bairros pobres na periferia da cidade, ou no campo, os livros são objetos caros, pouco familiares, investidos de poder, que provocam medo. Estão separados deles por verdadeiras fronteiras, visíveis ou invisíveis. E se os livros não vão até eles, eles nunca irão até os livros. (PETIT, 2013, p. 24).

Sobre isso, Corrêa (2007, p. 53) comenta que há muitos motivos para a falta de leitura literária entre os jovens; entre eles, os fatores socioeconômicos, como o alto preço dos livros e a dificuldade de aquisição devido à escassa circulação desses objetos em algumas regiões. Assim, muitos acabam tendo acesso a textos literários somente por meio do livro didático.

Além desses fatores, Azevedo (2007, p. 75) menciona ainda que:

Há problemas conjunturais, tais como: a existência de numerosos pais analfabetos ou semianalfabetos, famílias dependendo do trabalho infantil para poder sobreviver, pessoas morando em casas, por vezes de um só cômodo, sem espaço e iluminação adequados para a leitura.

Se — devido a tantos fatores negativos ligados às diversas realidades de ordem social em nosso país — não há costume de ler textos e obras literárias no dia a dia, é fácil entendermos que as crianças, os adolescentes e os jovens também pouco se interessam por esse tipo de leitura em sala de aula, desmotivação essa que se traduz nos métodos equivocados que muitos professores usam em sua prática diária.

Quanto a isso, Soares (2006, p. 25) menciona que, ao lado do acesso ao livro na biblioteca escolar e da leitura promovida nas aulas de Língua Portuguesa, a Literatura é apresentada na escola a partir de fragmentos que devem ser lidos e interpretados pelos alunos. É nessa fase, portanto, que a escolarização da Literatura é mais intensa e, ao mesmo tempo, também tem sido mais inadequada.

Siqueira (2012, p. 52) afirma que as abordagens de ensino nas aulas de Língua Portuguesa têm afastado os alunos da leitura literária:

Dizer que a escola ensina mal não só a leitura, como também a matemática, a história, a geografia a ética e demais conteúdos ou disciplina, já se tornou lugar comum, assim como se generalizou a opinião sobre o descrédito com a profissão de educador. Mas, em relação à leitura, um fato curioso vem comprovando as inúmeras pesquisas nessa área: quanto mais anos de escolaridade, mais distantes os alunos ficam da leitura.

Portanto, diante dessa realidade desanimadora, cabe ao professor a difícil tarefa de motivar os alunos para que despertem às diversas formas de expressão, como a leitura literária, que pode trazer novas experiências e ampliar o seu horizonte de expectativas. Nesse sentido,

[...] esse ser humano que carrega a leveza da infância ou a inquietude da adolescência precisa vivenciar, sentir, perceber a essência de cada uma das expressões que o tornam ainda mais humano. [...] E por que estão presentes na unidade escolar? Porque são formas de expressão da vida, da realidade variada em que vivemos. Muitas vezes, à medida que a criança avança nos anos escolares ou séries do ensino fundamental, vê reduzidas suas possibilidades de expressão, leitura e produção com diferentes linguagens. (BRASIL, 2007, p. 10).

No entanto, devido à autoestima baixa dos professores das redes estaduais em geral diante dos baixos salários, da desvalorização da profissão e da grave desvalia social, esses profissionais acabam por não se verem como produtores do conhecimento, mas apenas consumidores do que os pensadores mais equipados oferecem a eles, como os livros didáticos, com suas regras e métodos prontos e predefinidos para alunos e professores. (LEAHY-DIOS, 2000, pp. 75-76).

Desse modo, a leitura e o estudo de textos literários, em especial os poéticos, são relegados em sala de aula. Segundo Silva e Jesus (2011, p. 29),

[...] a poesia ainda é um gênero literário distante da sala de aula; é preciso descobrir formas de familiarizá-la e torná-la próxima das crianças, adolescentes e jovens. Muitas pessoas desconhecem a poesia, visto a prosa ser mais fácil e estar diretamente ligada com o real. A poesia possui uma linguagem mais especializada. Se a prosa narra ações, a poesia quebra núcleos e apresenta metáforas, metonímias, paráfrases, além de poder ser parodiada [...]. Mas ler poesia não é tão difícil quanto se pensa, basta se acostumar à linguagem. Essa forma de familiarização e aproximação deve ser feita com moderação, e através de um planejamento a longo prazo, para

evitar afirmações como: poemas são difíceis de entender, compreender e interpretar.

Antes de mais nada, Leahy-Dios (2000, p. 21), em uma de suas várias pesquisas sobre o assunto, lembra que a Literatura como disciplina escolar é vista mais como finalidade pedagógica e didática do que como estética e sociocultural, voltada para os exames e seus resultados. Pelo contrário, segundo a mesma autora (Ibid., p. 26), a literatura deve contribuir na proposta de um currículo melhor, devendo ainda colaborar na construção de um saber que seja relevante para sujeitos sociais, participantes em uma sociedade valorativa.

Outro ponto a se elencar é que o professor precisa gostar de ler, e não é isso o que sempre acontece na prática. Sobre isso, temos a afirmação de que “muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores e, às vezes, pensam ser deficiência pessoal o que, na verdade, provém de âmbito muito amplo, como a dívida social do país”. (CADEMARTORI, 2012, p. 25).

Esse problema, portanto, parece estar na raiz da formação do futuro docente: nos cursos de Letras espalhados pelo país, pouca — ou nenhuma — atenção se dá para orientá-lo a como proceder em sala de aula quando tiver à sua frente o desafio de trabalhar com textos literários. Assim, as aulas de formação literária dizem respeito às suas escolas literárias e características estéticas, seus principais autores e o contexto histórico em que estão inseridos, sem nenhum contexto com a realidade escolar. Para Leahy-Dios (2000, pp. 19-20),

muitos cursos de graduação apresentam um perfil de estagnação filosófica que compromete a prática docente relevante e construtiva. Ao priorizar “feudos” do conhecimento específico de determinadas subáreas, por vezes específicas demais para um curso cujo objetivo primeiro é a formação de professores de línguas e literaturas que atuam na educação básica, (5ª a 8ª série e ensino médio), o curso de Letras deixa de construir uma trama coerente e consistente. [...] Disciplinas altamente especializadas e fragmentadas são oferecidas para alunos ainda carentes de uma visão abrangente da língua e da literatura.

Além disso, e muitas vezes em razão dessa formação deficiente do professor, há grandes problemas nas escolas públicas em relação à formação do leitor. Sobre isso, Zilberman e Silva (1990, p. 43) afirmam:

Raramente a escola se preocupa com a formação do leitor. Seu objetivo principal consiste principalmente na assimilação, pelo aluno, da tradição literária, patrimônio que ele recebe pronto e cuja qualidade e importância precisa aceitar e repetir. Supõe-se que, atingida essa

meta, o estudante transforme-se num apreciador da literatura e saiba escolher com segurança os melhores livros. Mas não se admite que ele traga consigo um universo de leituras, portanto, que já venha “formado”.

Por sua vez, Fernandes (2011, p. 321) ressalta que o ensino de Literatura na escola é constantemente alvo de críticas por não haver, entre professores — e muito menos para os alunos — objetivos claros. Dessa forma, essas aulas acabam se resumindo em leitura de fragmentos de textos, em produção de fichas de leitura, em aplicação de provas e exercícios de gramática aproveitando-se de textos literários. Tais práticas acabam não tendo utilidade para os alunos nem faz alguma diferença em suas vidas.

Além disso, muitos professores, embora compreendam a importância do ensino de Literatura, nem sempre têm em suas mãos um material eficiente para trabalhar em sala com o intuito de despertar nos discentes o gosto pela leitura literária. Assim,

[...] podemos perceber que a forma de se ensinar a leitura e a escrita no âmbito do ensino fundamental e médio, principalmente no tocante à Literatura, sempre foi vista como um sistema de obras e autores, história literária ou conjunto de textos consagrados de grandes autores, mas sem contexto nenhum com a realidade que circundam os alunos. Uma didática de transmissão de informações fragmentárias acerca da literatura, a exemplo de biografias dos autores e títulos de obras, das datas e periodização, resumo de trechos de obras com suas respectivas características, ao invés do exercício original da leitura da obra e da escrita, assim como a sua análise linguística, numa concepção fragmentária de ensino na qual se tinha separadamente língua, literatura e redação. (SILVA; JESUS, 2011, p. 29).

Um dos culpados desse “engessamento” da leitura na escola, sem dúvida, é o livro didático, que muitas vezes não explora a essencialidade e os possíveis sentidos que os textos possuem, partindo das experiências e da criatividade dos próprios alunos. Muitas vezes, tais livros mutilam o texto literário e apresentam perguntas cujas respostas encontram-se dentro do próprio texto, privilegiando as interpretações fechadas. Assim, sobre esse recurso didático, convém entendermos que:

Via de regra, o livro de Língua Portuguesa divide-se em unidades com a seguinte subdivisão: leitura, gramática e redação. [...] Para não cansar o aluno e facilitar a organização das aulas pelo professor, os textos não podem ser longos. Por esse critério, é difícil encontrar um texto integral nesses livros e o autor lança mão de fragmentos e adaptações (muitas vezes sem citar o original). [...] Como se não bastasse, aparecem em seguida os exercícios de interpretação que acompanham o texto. Pedem ora respostas desnecessárias, que reproduzem literalmente partes do texto, ora respostas

que, apesar de “abertas”, pressupõem uma interpretação fechada, como mostram as respostas “certas” do livro do mestre. (MAGNANI, 1989, p. 92).

Além disso, os livros didáticos muitas vezes apresentam alguns poemas — às vezes, apenas fragmentos — cujo único objetivo é a interpretação do texto ou uma desculpa para o ensino gramatical ou ortográfico. Por sua vez, os demais textos literários são apresentados e estudados de forma superficial com o mesmo pretexto ou visando ao uso da língua culta.

Ainda sobre isso, Silva (2006, p. 516) comenta que, em alguns livros didáticos, há exercícios que exploram a leitura de textos literários com o predomínio de perguntas que requerem apenas uma leitura superficial, cujo leitor não é estimulado a fazer inferências nem levado a interpretar de forma mais crítica. Assim, esse mesmo leitor não desenvolve uma compreensão mais ampla do texto literário, pois assume apenas um papel de receptor, ficando assim sufocado pela leitura imposta pelos roteiros de interpretação dos livros didáticos.

Outro fator que deve ser levado em consideração é que, segundo Cosson (2016, p. 13), os livros didáticos antes continham fragmentos de textos literários, porém hoje são constituídos por diversos gêneros não literários. A grande maioria desses livros contém receitas culinárias, regulamentos, roteiros de viagem, pôsteres publicitários, bulas de remédio e textos jornalísticos. Isso acontece porque — segundo recentes teorias do ensino da língua — acredita-se que um leitor competente se forma a partir desse contato com diversos textos de uso social, não vendo os literários como modelos para o desenvolvimento da escrita.

Assim, a Literatura não é ensinada para garantir a sua principal função, segundo Cosson (Ibid., p. 23): “seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”.

Para considerarmos a importância da força humanizadora da Literatura, torna-se importante a definição de Candido (2012, p. 29) sobre o que seria humanização:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Pensando nessas palavras, além dessa função humanizadora, por que devemos ensinar Literatura nas escolas? Porto e Teixeira (2015, p. 92) apontam que ela não deve ser vista como objeto de fim utilitário ou como pretexto para o ensino linguístico para a apreensão de

questões de cunho gramatical ou de estrutura textual. Pelo contrário, a Literatura deve ser vista como meio de formação cultural e leitora, em que devemos acentuar seu potencial estético, seu valor artístico e como forma de construção da experiência humana e da compreensão da realidade. Desse modo, vemos o texto literário como um objeto fundamental que deve ser apreciado, reconhecido e investigado na escola.

É importante, portanto, pensarmos nos principais objetivos educacionais para o ensino de Literatura na escola, tendo como base o aluno como ele é, com o intuito de desenvolver as habilidades de leitura a partir de sua realidade:

- a) sensibilizar a criança para a leitura, oferecendo-lhe diferentes contatos com o texto escrito;
- b) desenvolver a capacidade de ler e escrever, como forma de autoexpressão e apreensão do mundo;
- c) aproximar o texto da realidade social e psicológica do aprendiz, como meio socializador e de refinamento emocional;
- d) favorecer a atuação inovadora e crítica do aluno pela valorização da tradição literária, evidenciando a importância do conhecimento da herança cultural humana;
- e) apurar-lhe o senso crítico em relação aos textos que consome, motivando-o para a avaliação da realidade e de si mesmo. (FILIPOUSKI, 1984, p. 110).

Pensando na proposta deste trabalho, voltado para o público do Ensino Fundamental II, Aguiar (1984, p. 99) afirma ser na fase entre os 11 e os 13 anos em que há uma maior preocupação com a realidade, em meio ainda a alguns momentos de fantasia próprios dessa faixa etária. Além disso, esses jovens leitores agora não só interpretam aos dados apresentados no texto como também se posicionam diante deles, iniciando os juízos de valor.

A Literatura, portanto, é um direito que deveria ser concedido a todos, pois constitui uma necessidade universal, que deve estar intrínseca na formação da cidadania. Quanto a isso, Candido (2012, p. 35) ressalta:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a forma de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma ao sentimento e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.

Ainda sobre a sua importância, Petit (2009b, p. 289) afirma que a Literatura, a cultura e a arte não podem ser vistas meramente como um suplemento para a alma, ou como algo fútil, ou como um monumento magnífico, mas sim como algo de que podemos nos apropriar e furtar, e que deveria estar à disposição de todas as pessoas, desde quando bem jovens até ao longo de nossa caminhada, fazendo uso dela sempre quando quisermos, a fim de compreender o que não conseguíamos enxergar antes, dar sentido a nossas vidas e simbolizar nossas experiências. Além disso, a autora ressalta que “a literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção”. (Ibid., p. 292).

Sobre a leitura literária por fruição, Leahy-Dios (2001, p. 20) argumenta que frequentemente o texto literário é visto apenas como uma tarefa, um dever, uma obrigação em sala de aula, não como objeto de prazer, ou melhor, de fruição, que é um prazer problematizado ao extremo. Desse modo, entendemos que “a leitura de fruição é, necessariamente, uma leitura de palavra e de mundo, é reflexão crítica”. (Ibid., p. 21).

Entretanto, o leitor-estudante é condicionado a não desenvolver sua capacidade interpretativa e muitas vezes é manipulado a ter uma posição passiva diante do texto literário, isso porque:

Do leitor não se espera contentamento, euforia, conforto (prazer) e muito menos um estado de alerta, uma crise, uma releitura de suas convicções, gostos, valores e lembranças (fruição). Ao leitor-estudante não é dado o direito de divergir, questionar, acrescentar ou subtrair. Sua rebeldia se revela na negação da leitura. (Ibid., p. 23).

Diante desse quadro, muitos afirmam que os jovens não leem com frequência. Na verdade, eles leem, só não leem aquilo que o professor espera deles. Há um grande número de gêneros e suportes que mostram que os jovens possuem o seu próprio interesse, nem sempre de acordo com as exigências escolares e muitas vezes impostas por professores. A leitura proposta em sala, nesse sentido, muitas vezes é recebida pelo aluno como tarefa enfadonha, distante dos seus interesses e da sua realidade.

Quanto a isso, Kleiman (1993, p. 16) afirma que a leitura muitas vezes é uma atividade maçante na escola, cujas práticas do professor acabam por criar e estabelecer imagens negativas. Muitas práticas desmotivadoras de leitura (em sua maioria baseadas na repetição), além de um conhecimento mecânico gramatical, acabam por afastar o aluno do texto, fazendo dele mais um não-leitor em formação.

Diante da passividade perante essa situação incômoda por parte do professor, que não forma leitores, Magnani (1989, p. 92) faz a seguinte reflexão:

É preciso pensar no presente histórico de professores e alunos como possíveis de serem conhecidos e tomados como ponto de partida para a feitura da escola, da leitura e da literatura que queremos, para darmos e propiciarmos avanços qualitativos. [...] Parece-me que a saída mais coerente para o professor pode ser buscada numa “práxis” compartilhada que lhe ofereça segurança e permita uma interferência crítica. Cabe ao educador romper com o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço, para além da dicotomia valorativa entre quantidade ou qualidade. Para isso, é preciso problematizar o conhecido, transformando-o num desafio que propicie a mobilidade.

Desse modo, a autora-pesquisadora aponta que o professor, nesse contexto apresentado, participa ativamente do processo de leitura dos alunos, sendo alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que ele espera dos discentes. Desse modo, mesmo diante de posições conservadoras e neutralizadoras das pressões sociais, não podemos nos omitir como educadores e cidadãos no papel de formarmos leitores críticos. Isso porque a literatura mobiliza a imaginação e, no meio de tantos impasses e contradições pelos quais passa o país, devemos ser coautores da luta pela participação na construção da sociedade que interesse não apenas a alguns, mas principalmente àqueles que se encontram exilados da palavra, pois a educação é sempre um ato político. (Ibid., pp. 94-95).

Pensando nessa afirmação, podemos assegurar que a leitura possui um caráter social, colocando o aluno diante da realidade do mundo, de uma forma dialógica com outras formas de pensar, para que assim o pensamento crítico se faça presente em sala de aula como um espaço democrático. Nessa perspectiva, acreditamos que:

Compartilhar obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143).

Britto (2006, p. 84) afirma que a leitura é uma forma de se posicionar politicamente perante o mundo, uma vez que, “quanto mais consciência o sujeito tiver deste processo, mais independente será sua leitura, já que não tomará o que se afirma no texto que lê como verdade ou como criação original, mas sim como produto”.

Por outro lado, a leitura muitas vezes foi usada como meio de moldar o jovem de acordo com os valores tradicionais, conservadores, estagnados. O texto chegava até ele pronto, acabado, e não havia muito o que se pudesse fazer em relação a isso. Não era possível dialogar com o texto, questioná-lo, refutá-lo, desconstruí-lo. Sobre isso, Petit lembra que

[...] nas formas tradicionais de integração social, se reproduzia, mais ou menos, a vida dos pais. E a leitura, quando se tinha acesso a ela, participava dessa reprodução, e até de um adestramento [...]. No início, [...] a leitura foi um exercício prescrito, coercitivo, para submeter, controlar a distância, ensinar a se adequar a modelos, inculcar “identidades” coletivas, religiosas ou nacionais. (PETIT, 2009a, p. 18).

Consoante esse pensamento, Zilberman (2012, p. 112) acredita que a escola precisa reinventar seus modos de dialogar com seus usuários, por isso não se pode excluir a interação, a convivência e a aceitação do universo do jovem.

Sobre esse papel de interação e reflexão, mediado pelo professor, Leite e Marques (1984, p. 38) afirmam:

Os textos são ainda uma rica mediação de que dispomos, professores de Língua e Literatura de todos os níveis, para manter viva — na escola e fora dela — a troca de experiência, o trabalho da reflexão, a vontade de criar e a tentativa de comunicar. [...] se, do ponto de vista do autor, o texto é um trabalho com e sobre a experiência concreta, do ponto de vista do leitor, é uma nova experiência que ele vai viver e transformar, transformando-se na medida mesma em que incorpora a sua essencial novidade ao seu mundo de vivências.

De acordo com Filipouski e Marchi (2009, p. 23), a leitura literária tem significado para os alunos na medida em que é possível que haja um espaço para trocas entre os alunos e deles com o professor, de produções coletivas a partir do que foi lido, valorizando os diferentes sentidos construídos por cada um, criando assim um ambiente em que se promova o diálogo como base para a construção de conhecimentos e para a liberdade de expressão.

Além desse caráter de troca e dialogismo, a poesia, em especial, é capaz de desenvolver a sensibilidade, a personalidade, o conhecimento do “eu”, auxiliando a compreensão da comunicação do irracional e do incomunicável, sendo uma espécie de “antídoto” diante de uma sociedade urbana e técnica. (AVERBUCK, 1984, pp. 68-69).

A Literatura, tão desvalorizada e pouco desenvolvida nas salas de aula e nos livros didáticos, se direcionada para a sua real função, pode trabalhar com a criatividade dos alunos, uma vez que permite várias leituras de um mesmo texto. Além disso, pode desenvolver neles

o senso crítico, a sensibilidade, um olhar mais profundo sobre si e sobre o outro, além de — embora trabalhe com a fantasia e com a imaginação — aproximá-los da realidade em que vivem.

Para Siqueira (2012, p. 53), mais importante do que distribuir livros na escola, é capacitar professores com a finalidade de atuar efetivamente na sala de aula, caso contrário, essas ações só tornarão os editores mais ricos, sem que se torne uma ação concreta para a formação dos leitores literários. No entanto, para a autora, mais que alimentar o discurso de crítica às políticas educacionais e aos cursos de formação de professores, o mais importante é afirmar que:

a mediação de leitura baseada em pressupostos e estratégias que priorizem a fruição estética, possível apenas com o texto literário, pode levar alunos e professores a verem na leitura literária um caminho para a humanização do homem, que deixará de ser dividido em faixas de idade, ou por classes sociais, porque a literatura como, de resto, toda a arte, deve ser direito de todos. (Ibid., p. 54).

Por isso, o texto literário é capaz de trazer uma experiência mais ampla de leitura, pois permite a ampliação do horizonte do leitor, não mais visto como um mero receptor de conteúdo, mas sim como um sujeito ativo nesse processo. Isso é possível à medida que tal texto “pode ser visto como um instrumento capaz de nos levar a assumir — com os nossos alunos — esse papel de leitores-sujeito, a um só tempo críticos e criativos”. (LEITE; MARQUES, 1984, p. 40).

Nessa perspectiva, as autoras ressaltam que o professor — pertencente às camadas médias da população — é um mediador, assumindo um papel político fundamental dentro da escola, pois é capaz de decidir por colocar sua prática a favor das classes dominadas, tendo em vista a realidade em que muitos se encontram por virem de camadas sociais mais baixas, apontando assim não o caminho da conformação, mas sim o da contestação, ainda que as decisões que os alunos tomem fora da escola fujam ao seu controle. (Ibid., p. 42).

Pinheiro (2011, p. 301) afirma a importância que o professor possui de vivenciar a prática da leitura literária, uma vez que há nisso uma função socioeducacional para que o texto literário seja promovido entre os alunos.

Para que a leitura literária se efetive plenamente, o texto não pode ser visto como pretexto em sala de aula, com funções imediatistas, apenas como decodificação ou como mero estudo normativo da língua. Pelo contrário, ele deve ser uma ponte entre o aluno e o mundo real, trazendo-lhe novas experiências e a consciência crítica, sem deixar, com isso, que o

sentido conotativo fique de lado, uma vez que seus recursos figurativos é que possibilitam a plurissignificação. Nesse sentido, podemos observar a seguinte crítica:

Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo pode se dizer de nossas aulas. O texto, em sala de aula, é geralmente objeto de técnicas de análise remotamente inspiradas em teorias literárias de extração universitária. [...] Na escola, anula-se a ambiguidade, o meio-tom, a conotação — sutis demais para uma pedagogia do texto que consome técnicas de interpretação como se consomem pipocas e refrigerantes. (LAJOLO, 1993a, p. 15).

Além disso, a autora lembra que a prática do professor — a partir dos textos literários — contém alguns erros que devem ser observados: não deve ser autoritária, pois a escola deve ser um espaço de resistência e libertação, livre de dogmatismos; o texto também não deve ser usado como moralismo nem como pretexto para comemoração de datas cívicas, pois isso pode atrofiar a sensibilidade dos alunos; há ainda um erro de se usar o texto como modelo de língua com o objetivo de ampliar o vocabulário do aluno ou para o estudo da gramática. (Id., 1984, pp. 54-56). Além disso, a autora enfatiza:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista. (Ibid., p. 59).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais voltados para o Ensino Fundamental (3º e 4º ciclos) mencionam também o que não se deve fazer com o texto literário em sala de aula, usando-o como pretextos que não levam para o conhecimento e para o olhar crítico:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998a, p. 27).

Nesse sentido, se a leitura do texto literário for entendida além desse modo tradicional, acreditamos que o professor pode ser capaz de inovar e buscar novos caminhos para

aproximar os alunos da Literatura, de forma que esta faça sentido realmente em suas vidas, tanto dentro quanto fora da escola, como uma forma de autoconhecimento, autonomia, liberdade e criticidade.

Averbuck (1984, pp. 82-83), ao mencionar a importância da leitura da poesia, muito além do ensino das boas maneiras, do bom senso ou da bela linguagem, afirma que:

Não há nada de artificial ou construtivo no trabalho com a linguagem, se ele se dá no espaço da liberdade, da troca, da espontaneidade, enfim, da socialização oferecida como realidade. É aí que a poesia, como forma elaborada de comunicação, atinge sua destinação, como veículo de aproximação do humano, trabalho sobre a palavra arrancada da intimidade levada ao universo do outro. [...] e é por esta via que ela se estabelece como prática privilegiada da liberdade, espaço individual e forma de aprofundamento das relações sociais. Seu pleno desenvolvimento na escola só se realizará, contudo, no limite da alteração das regras escolares, da reformulação integral da forma de conceber a criança, o homem e seu papel no mundo. Por aí, supomos, se estabelecerão novos caminhos.

A literatura, vista por esse prisma, transforma não apenas as aulas de leitura, mas também as relações humanas na escola e fora dela, constituindo cidadãos voltados para a realidade, que crescerão conscientes do seu papel de transformar o mundo — mesmo que esse mundo seja a sua casa, a sua escola, a sua rua, o seu bairro — pela palavra. Literatura, portanto, é um meio de transformação pessoal e social, mesmo lidando com a fantasia, com a ficção, com o conotativo, isto é, “se, por um lado, a leitura literária, dado seu aspecto lúdico e ficcional, apresenta-se como um possível chamariz, por outro lado, dado seu aspecto polissêmico e denso, exige uma participação ativa do leitor na construção de sentidos do texto”. (FERNANDES, 2011, p. 327).

Turchi e Menezes (2012, p. 148) afirmam que o texto poético é capaz de propiciar o encontro com a verdadeira capacidade de se poder transformar algo ou alguma situação, uma possibilidade de mudança de vida ou a forma como se pode encará-la. Por isso, quando tal texto é trabalhado de forma adequada, o aluno pode ter um conhecimento mais aprofundado de si e do outro (seja seu colega ou seu professor). Além disso, “o cotidiano do jovem, transformado em poesia, remete sempre à eterna busca da autorrealização, da felicidade, da procura pelo outro e por si mesmo”. (Ibid., p. 149).

No entanto, diante do sucateamento das escolas e das péssimas condições de trabalho do profissional da educação, um ensino efetivo de leitura literária parece impossível, mas ainda há caminhos que podem ser percorridos. Para Zilberman e Silva (1990, pp. 50-51),

um ensino da literatura que se fundamente numa prática dialógica é tão utópico ou romântico quanto qualquer projeto que, hoje, se refira à educação no Brasil. O sucateamento da escola [...] não diz respeito exclusivamente ao problema da leitura e da literatura. As propostas que se apresentam são simultaneamente caras e baratas, realizáveis a curto e longo prazo, viáveis e complexas. Barato e rápido é trabalhar com o aluno, seja ele criança ou adulto, a partir de sua própria experiência de leitura, operando com um universo previamente dominado para abrir novos horizontes de conhecimento; caro e demorado é preparar o professor para levar a cabo essa tarefa, pois também ele foi afetado pela progressiva demolição da escola nacional.

O problema, portanto, segundo os autores, não está com a Literatura ou com a educação, mas sim com o ensino de Literatura, isto é, com as pedagogias que, por meio de muitos professores, tentam em vão sustentar a formação de leitores no contexto das escolas. (Ibid., p. 52).

Walty (2006, pp. 51-52), por sua vez, critica a forma como a escola vem tratando a Literatura, com seu planejamento ultrapassado que não forma leitores:

Não é a escola que mata a literatura, mas o excesso de didatismo, a burocracia do ensino acoplado a regras preestabelecidas, a normas rígidas e castradoras. Em suma, o uso inadequado do texto literário, fragmentado, deslocado, manipulado, levaria a sua subordinação ao jugo escolar.

Em meio à correria em que vivemos, da vida frenética da pós-modernidade e da tecnologia presente ao alcance de nossas mãos, ler se torna um ato de rebeldia contra o consumismo e contra a massificação da cultura, muitas vezes jogados em nossas casas por meio da TV e da *internet*. Qual seria, portanto, a tarefa do professor em meio a tantas informações que chegam até as crianças e os jovens, e que muitas vezes adentram os portões das escolas? De acordo com Cademartori (2012, p. 126),

Talvez a tarefa fundamental do professor, hoje, seja ensinar a seus alunos como distinguir, entre múltiplas vozes das mensagens impressas e eletrônicas de todo tipo que o cercam, quais de fato merecem a atenção deles, por serem capazes de atender, de algum modo, suas necessidades de ser.

Desse modo, é preciso repensar o modo como lidamos com a Literatura na escola e qual sua relação com os discentes. O professor precisa saber escolher o texto com que vai trabalhar, pensando em como atraí-los e incentivá-los a interagir com a obra literária e uns com os outros, para que ela faça sentido em suas vidas e que seja uma ponte para a reflexão e

para a imaginação a partir do sentido conotativo. Para isso, não se deve pensar em respostas pré-determinadas pelo professor. Os significados do texto são vários e são construídos na relação professor x texto, professor x alunos, alunos x texto, alunos x alunos.

Nesse sentido, Terra (2014, p. 55) comenta que o professor é mediador de leitura, uma vez que cria oportunidades para o aluno construir o sentido do texto. Desse modo, leitores diferentes (ou leitores em momentos diferentes) construirão sentidos diferentes para um mesmo texto. (Ibid., p. 57).

Nas palavras de Lebrun (2013, p. 138), a leitura é uma prática dialógica, contendo diversas dimensões combinadas (cognitiva, afetiva e social), e que “o leitor singular entra no texto com sua representação do mundo e do outro, e a confronta com as representações do mundo e do outro trazidas pelo texto”. A autora afirma que, nesse sentido, para o jovem leitor, “a descoberta do mundo e do outro lhe permite definitivamente ir ao encontro de si”. (Ibid., p. 139).

Quanto a isso, Aguiar (2013, p. 154) afirma que cada um traz sua bagagem existencial e social, atribuindo significados ao texto lido, a partir de seu horizonte de experiências, montando uma rede de conexões possíveis para que se obtenha assim um resultado que contenha significação para o universo de compreensão do estudante.

Isso só se torna possível devido a uma característica que está intrínseca aos textos literários, em especial os poéticos: a plurissignificação. Os leitores criam sentidos para eles graças ao seu conhecimento de mundo e às suas experiências pessoais. Por isso, as interpretações são abertas e dependem muito de cada um, de forma dialógica com o texto, com o autor e com as outras pessoas. Sobre isso, entendemos que:

O jogo de interpretações é uma constatação que faz parte do aprendizado do contraste de leituras. Combate a ideia inicial de que uma obra tem apenas uma significação, sempre e para todo o mundo. Através da leitura de obras, as crianças descobrem que não é assim e que a literatura não esgota nunca sua mensagem. Nem todo mundo entende uma obra da mesma maneira. Não se entende igual, segundo o número de vezes que se leia ou a etapa da vida em que se situem os leitores. E não se entende igual, se estamos interessados em buscar significados de um ou de outro tipo. (COLOMER, 2007, p. 193).

Podemos, então, corroborar — por meio de todas as reflexões e afirmações expostas até aqui — que a finalidade do ensino de Literatura deve ser:

[...] a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico — capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção — que é prevista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade

sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra. (ROUXEL, 2013, p. 20).

Para que isso de fato aconteça, Dalvi (2013, p. 76) comenta sobre a importância de se pensar na aproximação entre educação e Literatura e entre Literatura e educação, com a proposta de “literaturizar” a escola e a pedagogia ao invés de escolarizar ou pedagogizar a Literatura. Pensando nisso, a autora apresenta três pontos importantes para a transformação das práticas de educação literária: “1) Garantir a (ou se esforçar pela) apropriação das ferramentas críticas para o fortalecimento do leitor; 2) democratizar as salas de aula de literatura; e 3) reconhecer o poder político-pedagógico da literatura”. (Ibid., p. 76).

Esse novo perfil de escola democrática e literária deve se adaptar produtivamente a essa realidade do mundo contemporâneo, caso contrário estará fadada a perder o rumo da história, seja local, nacional ou mundial. Tal adaptação deve ser produtiva, renovando a crítica aos costumes vigentes, aos valores, aos preconceitos que proliferam na sociedade; redirecionando assim o olhar do aluno para a função cultural da leitura como um veículo eficiente de conscientização social e fonte de prazer estético. (TINOCO, 2013, p. 137).

Para que os alunos cresçam como cidadãos, é importante a troca de experiências em sala. Desse modo, não se pode pensar na leitura apenas como um ato isolado, feita somente no silêncio do quarto ou durante uma viagem de ônibus. Ler pode ir muito além disso, e a escola, pela mediação do professor, deve incentivar as crianças, adolescentes, jovens e adultos a partilhar suas experiências de leitura, pois é na troca com o outro que a pessoa poderá desenvolver suas habilidades e sua capacidade de pensar criticamente.

Assim, o texto literário permite expandir seus horizontes, sempre de forma dialógica, pois é na sua leitura que os indivíduos se encontram e se entendem, respeitando-se mutuamente num processo de cidadania e descoberta de si, do outro e do mundo. Dessa forma,

a pessoa dialogicamente consciente — produto de um processo de conscientização social que promove o processo verbal — lê pelo prazer do ato em si ou pelo prazer da necessidade de ampliar conhecimentos; lê como obrigação, mais uma obrigação, mas uma obrigação que leva ao aprofundamento de um assunto, da percepção da própria expressão verbal e mesmo ao exercício da paciência; leva, mesmo, ao aprimoramento do conceito de cidadania. (Ibid., p. 144).

Esse modo de pensar Literatura em sala de aula passa primeiro pelo lado individual, seguido pelo social. A construção de formar o sujeito pela educação literária ocorre à medida

que ele se descobre com sua visão crítica sobre si, num processo de autodescoberta, passando pelo conhecimento do mundo, com suas belezas e suas mazelas, e com a responsabilidade que todo cidadão tem de assumir seu compromisso ético de tornar o mundo um lugar melhor para se viver. Quanto a isso,

é importante enfatizar que essa experiência se passa tanto no plano individual quanto no social, pois o (re)conhecimento do outro e o movimento de desconstrução/construção do mundo contribuem para compor, convalidar, negociar, desafiar e transformar padrões culturais, comportamentos e identidades à medida que nos levam a viver muitas possibilidades de experiência que só a liberdade de um mundo feito de palavras pode oferecer. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 70).

A Literatura procura, como podemos ver até aqui, (re)ligar o indivíduo a si mesmo e ao social. A ideia de fugir da realidade até agora não se fez presente em nenhum dos pesquisadores dessa área de estudo, por mais que a força criadora e ficcional seja uma das bases que sustentam uma obra literária e muitos leitores comentem que costumam ler para “fugir da realidade”. Sobre isso, Perissé (2006, p. 60) afirma que:

A leitura não é, na sua forma legítima, uma fuga da realidade. É uma fuga *para a realidade*, como sabem todos os poetas e prosadores. Mas exige do leitor uma qualidade, um interesse, uma preocupação: o desejo sincero de encarar os grandes problemas, sem querer resolvê-los, dissolvê-los, extingui-los, como se o ser humano fosse onipotente.

Não podemos esquecer — nesse processo de educar por meio da Literatura, em especial os adolescentes do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano — que essa é uma fase de rebeldia. Por isso, é preciso pensarmos em trabalhar com temas que estejam próximos de sua realidade, para que assim promovamos o debate, a reflexão e a partilha de pensamentos dentro de uma sala muitas vezes social, econômica e culturalmente heterogênea. Nessa perspectiva, Bordini (2015, p. 25) menciona a importância de os textos que serão lidos, nessa etapa em que se encontram os adolescentes, falarem sobre a vida social que os rodeia. Assim, essa Literatura não pode ser falsificadora, difundindo preconceitos, mas deve, ao contrário, ser verdadeira no que a ficção traz de verdade, que é o reino das possibilidades, incitando os estudantes ao movimento de renovação de ideias e condicionamentos. Nesse sentido, a leitura não pode ser vista como uma receptividade passiva, sem a atuação dos leitores, pois estes devem ser ativos nesse processo.

Pelo exposto até aqui sobre a importância de promover a Literatura na escola e formar o estudante-leitor, vemos que tal tarefa só terá êxito, de acordo com Aguiar (1984, p. 104), “na medida em que se voltar para a realidade como ela é e atender às necessidades das crianças e jovens”.

Desse modo, a escola, por meio do texto literário, deve propiciar um espaço para novas experiências, para a construção de si e do outro, para o diálogo que deve existir, mesmo que haja pensamentos contrastantes, pois leitores crescem uns com os outros. Nas palavras de Petit (2009a, p. 72), “a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria existência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos”. Além disso, “os jovens que leem literatura [...] são também os que têm mais curiosidade pelo mundo real, pela atualidade e pelas questões sociais. Longe de afastá-los dos outros, [...] faz com que descubram o quanto podem estar próximos das outras pessoas”. (Ibid., p. 83).

Por fim, a autora frisa que a leitura é importante

para criar um pouco de “jogo” no tabuleiro social, para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos do discurso dos outros. Ajuda-os a sair dos lugares prescritos, a se diferenciar dos rótulos estigmatizantes que os excluem, e também das expectativas dos pais ou dos amigos, ou mesmo do que cada um deles acreditava, até então, que era o mais adequado para o definir. [...] Não é que ler torne a pessoa virtuosa, não sejamos ingênuos: sabemos o quanto a história é rica em tiranos ou perversos letrados. Mas ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a ideia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros. [...] O que está em jogo na leitura — sobretudo entre os jovens, para quem ler não é algo natural — não me parece se reduzir a uma questão “social”. Parece, a meu ver, aproximar-se da democratização profunda de uma sociedade. Uma cidadania ativa — não devemos esquecer isso — não é algo que cai do céu, é algo que se constrói. A leitura pode contribuir em todos os aspectos que mencionei: acesso ao conhecimento, apropriação da língua, construção de si mesmo, extensão do horizonte de referência, desenvolvimento de novas formas de sociabilidade... e em outros que com certeza estou esquecendo. Por meio da difusão da leitura, cria-se um certo número de condições propícias para o exercício ativo da cidadania. (Ibid., pp. 100-101).

Siqueira (2012, p. 55), por sua vez, ressalta a importância de se contribuir de forma significativa com uma mediação de leitura qualificada como uma das maneiras de se garantir

uma educação literária que garanta aos nossos jovens estudantes o direito à Literatura como um bem cultural simbólico.

Para que a tarefa de fazer com que a leitura literária aconteça plenamente nas salas de aula, nossa proposta é a de que o letramento literário seja uma realidade nas escolas, promovendo-o a partir de um planejamento, de metodologias de ensino e de uma sequência básica promovidos pelo professor, que tornem possíveis a sua realização e o seu desenvolvimento.

1.2 Letramento como prática social

Antes de prosseguirmos e nos atentarmos ao letramento literário mais especificamente, que é o objetivo deste projeto, convém entendermos o letramento de forma mais abrangente.

Antes de mais nada, sabemos que é tarefa das escolas promover uma educação de qualidade para crianças, jovens e adultos. No entanto, a realidade tem se mostrado — principalmente nas redes públicas de ensino — decepcionante, haja vista os últimos resultados que apontam para uma educação insuficiente. Escolas sucateadas, dificuldades de acesso a materiais, professores desmotivados devido ao desprestígio diante dos governantes tornam o ensino público caótico.

Desse modo, o processo de alfabetização tem alcançado resultados irrisórios. Nessa educação precária, um número considerável de alunos não é capaz de compreender textos simples. Muitos são capazes de decodificar letras, palavras e frases, mas não desenvolvem a habilidade de interpretar, inferir, ou mesmo ter um olhar mais crítico sobre eles. Além disso, os livros didáticos e as atividades em sala de aula pouco ajudam a mudar esse quadro.

Ler é essencial para que cada indivíduo possa viver e conviver em sociedade. Daí a importância de promover o letramento em sala de aula como prática social, que difere da alfabetização. Nesse sentido, Soares entende alfabetização

[...] como o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas — procedimentos, habilidades — necessárias para a prática da leitura e da escrita. [...] Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja: o domínio da tecnologia — do conjunto de técnicas — para exercer a arte e ciência da escrita. (SOARES, 2003, p. 91).

Quanto ao letramento, Kleiman (2012, p. 11) afirma ser “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos

específicos, para objetivos específicos”.

Para Soares (2016, p. 18), letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Sobre o letramento visto como prática social, a autora afirma:

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos — para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor... (Id., 2003, pp. 91-92).

Assim, mais do que decodificar letras e palavras, o letramento pode ser caracterizado como “um estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. (Id., 2016, p. 47).

As habilidades de leitura, entendidas como uma prática que se dá dentro e fora do ambiente escolar, são capazes de modificar o comportamento e a vida das pessoas de forma positiva, daí a importância de compreendermos como o letramento está ligado a elas.

Podemos entender, portanto, que o letramento, como fato social, está inserido no dia a dia das pessoas, que têm à sua volta um número ilimitado de informações, nas ruas, em casa, na televisão, nos letreiros, nos cardápios, nas receitas culinárias, nos jornais, nas revistas, nas propagandas, nos mercados, na escola, nos ônibus, enfim, em diversos locais em que a escrita se fizer presente. Assim, vemos a importância do letramento para a compreensão dessa diversidade de textos, sendo um ato muito mais complexo do que simplesmente decodificar, mas sim interpretar uma informação de forma mais autônoma, como ler uma bula de remédio ou um manual de instrução e seguir suas recomendações, ler uma manchete de jornal e identificar o assunto, refletindo e se posicionando sobre ele, ler uma charge e entender a ironia implícita contida nela, ler uma propaganda e entender a mensagem veiculada e sua ideologia imbricada, entre outros exemplos com que nos deparamos no cotidiano.

Rangel (2007, p. 130), quanto ao letramento como termo técnico, sem pensar em sua amplitude e complexidade, menciona os seguintes fatores que estão relacionados à língua escrita:

- o conjunto das formas pelas quais uma determinada cultura ao mesmo tempo dá uma existência social e se serve da escrita, atribuindo-lhe diferentes sentidos e diferentes funções;
- os valores — inclusive éticos e estéticos — em nome dos quais a escrita participa da vida social, assim como os diferentes graus de intensidade dessa participação;
- os padrões diferenciados de distribuição e circulação social da escrita;
- os diversos padrões e a intensidade variada com que a escrita participa do cotidiano e do imaginário dos sujeitos.

O letramento é importante na medida em que percebemos que não basta saber assinar o próprio nome ou decodificar algumas letras e palavras, pois isso não é suficiente para a inserção no mundo social. Um leitor mais preparado, no entanto, está vinculado às práticas de letramento, ou seja, está preparado para compreender o contexto em que se encontra para desenvolver as tarefas solicitadas por meio da leitura e da escrita. Por tais práticas, o indivíduo torna-se mais autônomo, modificando seu comportamento e dando-lhe maior consciência crítica nos aspectos sociais, culturais, políticos, linguísticos e cognitivos.

Embora ainda existam muitas escolas que adotam métodos tradicionais de alfabetização, podemos ver também avanços em muitas outras, em que o educador, além de alfabetizar, trabalha no sentido de tornar seus alunos letrados, mostrando-lhes a função social da escrita, tornando esse um processo de cidadania, além de formar pessoas conscientes de seus direitos e deveres. Educar, assim, é muito mais do que ensinar a ler e a escrever, mas saber fazer a leitura do mundo, de forma crítica, e das suas estruturas sociais.

Pensando nisso, como bem lembrou o educador Paulo Freire, “não basta saber ler mecanicamente que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. (GADOTTI, 1996, p. 70).

É importante ressaltar, assim, que apropriar-se da leitura é diferente de aprender a ler e a escrever, pois esta é apenas adquirir uma tecnologia de decodificação da língua escrita; aquela é assumi-la como sua propriedade. (SOARES, 2016, p. 39).

Podemos perceber que os alunos do Ensino Fundamental II ainda estão em formação, tanto física quanto cognitivamente. Assim, não é difícil inferir que ainda estão se apropriando da escrita e não compreendem muito bem os efeitos sociais que ela proporciona no seu dia a

dia. No entanto, é papel da escola — e, de uma forma especial, do professor da área de Letras — fazer com que eles se apropriem desse instrumento em todos os ambientes por onde transitam, para que desenvolvam seu senso crítico diante das exigências e dos problemas do mundo.

O letramento — ou seja, os usos que fazemos da escrita socialmente — torna-se, portanto (caso ocorra de modo eficaz), uma ferramenta que despertará nesses alunos uma postura mais ativa perante a sociedade, alcançando assim sua autonomia a partir das diversas informações com que eles irão se deparar.

Na verdade, Cosson e Souza (2011, p. 102) afirmam existir letramentos, no plural, diante das exigências sociais e da complexidade dos meios de comunicação, por isso podemos falar sobre letramento digital, letramento informacional, letramento visual, letramento financeiro, letramento midiático, entre outros.

Diante da proposta deste trabalho, iremos nos ancorar no letramento literário e em como sua prática pode trazer um melhor desenvolvimento nas atividades de Literatura nas aulas do Ensino Fundamental II.

1.3 O letramento literário como uma proposta para o ensino de Literatura

Para que a leitura literária na escola aconteça de forma satisfatória, é preciso compreender como se dá o letramento literário, e como este pode ser colocado em prática em sala de aula, tendo em vista a formação dos alunos como leitores autônomos, críticos e competentes.

Segundo Rosa (2011, p. 193), o termo “letramento literário” foi utilizado pela primeira na obra *Das leituras ao Letramento Literário (1979-1999)*, de Graça Paulino, que contém uma coletânea de artigos que a autora, professora e pesquisadora publicou entre esses dois anos. Essas datas são importantes, pois marcam sua trajetória intelectual: em 1979, ela se tornou mestra em Teoria Literária pela Faculdade de Letras da UFMG; já 1999 é o ano em que a expressão “letramento literário” foi apresentada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Sobre o termo, mais adiante, a autora afirma:

Usamos hoje a expressão letramento literário para designar parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Magda Soares como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa. Sendo um desses tipos de textos o literário, relacionado ao trabalho estético da língua, à proposta de pacto

ficcional e à recepção não-pragmática, um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler. (PAULINO, 2001, p. 117).

Desse modo, o professor de Letras tem papel fundamental nesse viés do letramento, uma vez que a literatura tem a função de educar para a leitura literária, devendo ser o mediador na interação entre leitor e texto literário, despertando o aluno para a fruição e, muito mais, para a descoberta do mundo e da cidadania.

O processo de letramento literário permite que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, segundo o pesquisador Rildo Cosson, mas também com o compromisso que o saber exige, sem deixar de cumprir seu objetivo. A leitura, dessa forma, não pode ser feita de forma assistemática, tendo em vista o seu prazer absoluto como único fim, pois a literatura tem um papel a ser cumprido na escola. (COSSON, 2016, p. 23).

Nessa perspectiva, segundo o autor,

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (Ibid., p. 23).

Desse modo, compreendemos que a proposta do professor, diante desse tipo de letramento, vai muito além da exigência de que o aluno leia uma obra e ao final faça uma prova ou produza um resumo, ou mesmo responda a questões simples e fechadas sobre o texto. Isso acontece porque o letramento literário é construído a partir de estruturas didáticas desenvolvidas para que a leitura literária seja realizada com habilidade e competência.

Nessa afirmativa, Cosson (Ibid., p. 51) propõe uma sequência básica para ser realizada em sala de aula, que será melhor explicada e desenvolvida no capítulo 3, reservado para a proposta de intervenção aplicada com a turma do 7º ano do professor-pesquisador do presente projeto.

Lima (2016, p. 16) aborda mais especificamente o letramento pelo viés poético, cujo texto deve ser pensado no contexto histórico-sociocultural. Assim, mais do que ensinar poesia, conhecer biografia do autor e responder perguntas óbvias, devemos ensinar a ler poesia para observar o ser humano, as relações histórico-sociais e reinventar a vida. Para isso, as estratégias desse tipo de letramento devem visar ao lúdico e à fonte de conhecimento.

Além disso, esse não é um processo isolado, individualista, pois permite que o leitor interaja de forma ativa com o mundo, isto é, como o autor menciona, “o desenvolvimento cognitivo se constrói a partir da interação sujeito/mundo; do sujeito cognoscente interagindo com o adulto e com seus pares mais maduros”. (Ibid., p. 17).

Cosson (2016, p. 65) ressalta que é no momento externo da interpretação — como ato de construção de sentidos em um grupo, em uma comunidade — que percebemos a diferença entre o letramento literário feito na escola e a leitura literária que fazemos de forma independente. Com base na teoria desenvolvida pelo autor, é interessante observar que, para que o aluno tenha prazer na leitura, ele precisa passar pelo letramento literário. A escola tem papel fulcral nesse momento e talvez seja ela, de fato, a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores. Leitores esses que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato.

Diante dessa afirmação, o autor defende que:

na escola [...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (Ibid., p. 66).

No entanto, a leitura do texto literário muitas vezes é feita de forma assistemática, sem privilegiar os seus possíveis sentidos, uma vez que se volta para o estudo gramatical e ortográfico. Quando muito, está voltada para interpretações rasas que dizem respeito à estrutura e aos elementos da narrativa, às nomenclaturas mais técnicas, às teorias, aos nomes de figuras de linguagem e seus exemplos descontextualizados, além de outras atividades que pouco ajudam a desenvolver o gosto dos alunos por esse tipo de texto.

Sobre isso, o filósofo, linguista e crítico literário Tzvetan Todorov, ícone do estruturalismo, lembra que esse formalismo exagerado e mecânico do estudo do texto literário pode afastar as pessoas do gosto por essa leitura. Segundo ele,

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (“nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação”), arrisca-se a nos conduzir a um impasse — sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura. (TODOROV, 2009, p. 33).

A Literatura, principalmente no Ensino Fundamental, deveria despertar o gosto pela leitura nas crianças e nos jovens. Isso porque o texto literário deve ser um passaporte para novas sensações e voos, para despertar a imaginação e a criatividade, para uma viagem em busca de si e para humanizar o leitor.

Assim, mais que buscar um sentido restrito para o texto literário ou se prender a questões estruturais, o objetivo maior deveria ser, de acordo com Lebrun (2013, p. 137), formar leitores para a riqueza que vem da pluralidade e da ambiguidade de sentidos que tais textos dessa natureza contêm. No entanto, muitas vezes, o professor, como detentor do saber, impõe limites para a interpretação, o que impede muitas vezes que os alunos construam sentidos. Nessa perspectiva, o desafio de uma didática de leitura literária deve ser o de formar um leitor autônomo capaz de se apropriar desses textos e dar sentido a suas leituras.

Diante desse cenário, o letramento literário propõe relações dialógicas, muitas vezes negadas pelas práticas em sala de aula, cada vez mais tradicionais, em cuja escola tenta apenas transmitir o padrão imposto pela sociedade, com os seus discursos convencionais. A voz dos educandos, nesse sentido, não é ouvida. O letramento literário, entendido como uma prática social, deve fazer com que os alunos criem seu próprio discurso e se apropriem da linguagem. Assim, nas palavras de Cosson (2016, p. 12),

o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade.

O letramento literário, entendido como uma prática social a partir da leitura literária, pode ser uma experiência proporcionada para que o mundo faça sentido ao aluno, ou melhor, para que este passe a dar sentido ao mundo. Isso se dá quando a construção literária de sentidos ocorre ao se indagar os textos. Deve-se, então, educar o indivíduo para desenvolver sua capacidade leitora, e daí resulta a tarefa do professor.

Nesse sentido, Coenga (2010, p. 54) ressalta que “é necessário que se trabalhe com o conceito de letramento, para formar leitores autônomos, críticos e criativos”.

De acordo com Lima (2016, p. 16), o letramento literário-poético, no Ensino Fundamental, não deve ser entendido como uma prática pedagógica com o objetivo geral de apenas ensinar poesia, conhecendo dados biográficos do autor e respondendo questões óbvias sobre o texto, mas sim pensar a poesia além de seus elementos estéticos e formais, como na

sua história de observar o ser humano no conjunto das relações histórico-sociais, nos seus universos mais longínquos e na sua capacidade de reinventar a vida.

Cosson e Souza (2011, p. 106) afirmam que o grande objetivo do letramento literário na escola “é nos formar como leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive”.

Desse modo, Rangel (2007, p. 138) ressalta que, para o letramento literário ser aplicado nas escolas, é preciso, antes de tudo, considerar o seguinte:

[...] o texto literário é indispensável para o ensino/aprendizagem da leitura e, evidentemente, para a formação do gosto literário, direito de todo e qualquer cidadão e dever do ensino fundamental. Não se trata apenas de incluí-lo na programação cotidiana, mas de lhe dar o devido destaque cultural e pedagógico, seja na criteriosa seleção do que se oferece ao aluno, [...], seja no tratamento didático dado ao estudo do texto, que não pode prescindir de atividades que desenvolvam adequadas estratégias de abordagem e processamento do texto literário.

No entanto, vemos a dificuldade em se promover a leitura literária na escola, uma vez que a Literatura não tem sido trabalhada de modo que seja cumprida a sua função essencial de construir e reconstruir a palavra, objetivos que nos garantem a humanização.

A função humanizadora da literatura, já mencionada antes, nos ajuda a ver e a interpretar um texto literário (um romance, um poema, um conto, uma crônica, uma letra de canção) de uma forma diferente, sendo possível nos sensibilizar e sentir empatia pelo outro (seja um narrador, um eu lírico, um personagem). Assim, a Literatura nos faz ver o mundo, as pessoas, as situações diversas e até nós mesmos de um modo novo, como numa descoberta, sempre a partir de um olhar crítico e atento ao que está à nossa volta. Sobre isso, Cosson (2016, p. 17) ressalta:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização.

Vivemos em um mundo fortemente marcado pela informação e pela tecnologia, por isso o letramento literário que nos foi apresentado quando crianças, muitas vezes até antes da escola (como contação de histórias e de causos, canções de roda e de ninar, livros infantis, contos de fadas, entre outros), hoje não seduz mais os adolescentes desta geração. Esses, por

sua vez, têm outros interesses, como as redes sociais, os programas de TV, as músicas no celular, namoros etc., que acabam por afastá-los das práticas de outrora. Na escola, o contato com os textos literários, devido ao tempo reduzido, é muitas vezes fragmentado e voltado para fins imediatistas e tradicionais, por isso os estudantes saem dela sem terem se formado como leitores efetivos. Como agravante, os professores não sabem como usar as tecnologias a seu favor.

Os desafios e os anseios do profissional de Letras são grandes. Muitas vezes, ele se sente impotente em uma sala de aula. Pinheiro (2011, p. 300), em relação a isso, destaca dois problemas mencionados pelos docentes dos Ensinos Fundamental e Médio que devem ser superados para que o letramento literário efetivamente ocorra em sala de aula: em primeiro lugar, há uma grande dificuldade em fazer com que o aluno se sinta atraído pela leitura literária; o segundo problema diz respeito à dificuldade — apresentado de forma velada — que eles próprios (os professores) têm em se sentirem atraídos pela Literatura.

O professor, assim, diante de todas as dificuldades que enfrenta perante tantos problemas, deve fazer uma reflexão sobre sua formação e sua prática, conscientizando-se da sua importância no processo de difundir a leitura literária entre os alunos como um agente de formação, a partir do letramento literário. Quanto a isso, a autora prossegue em sua reflexão e aponta caminhos para o profissional:

Trago a importância de o professor vivenciar a prática da leitura literária porque acredito em sua função socioeducacional para a promoção do texto literário entre os estudantes. Respeito sua trajetória de vida, muitas vezes, com acesso limitado aos livros, respeito suas limitações e admiro a coragem de se manterem na profissão apesar das mazelas enfrentadas (salários, carga horária, estrutura escolar). No entanto, penso que a reflexão sobre o papel de formador de leitor e o questionamento sobre as práticas de leitura pessoais do docente são imprescindíveis para a promoção da leitura literária. (Ibid., p. 301).

Decidido a buscar sua própria formação a partir da leitura literária para que tenha confiança e apreço em trabalhar com o seu ensino em sala de aula, o professor precisa mirar um horizonte de possibilidades, pois boa vontade e improviso não são os melhores caminhos a seguir. É preciso elaborar um planejamento e uma sequência didática, escolhendo os textos ou livros adequados, para que seja possível mirar os objetivos que se deseja alcançar para que o letramento literário de fato aconteça.

Quanto a isso, Filipouski e Marchi (2009, p. 11) apontam para a importância das práticas pedagógicas, que devem resgatar, a partir de um planejamento de tarefas e durante a

interação em sala de aula, a possibilidade de fazer com que a leitura se proponha a ações que levem à construção de sentidos. Assim, a leitura realizada na escola deve conter uma finalidade reconhecível, e as atividades desenvolvidas devem ter o intuito de construir sentidos conjuntamente e ampliar as oportunidades de letramento. Dessa forma,

Ao tomar como horizonte o exercício da leitura como prática significativa e o desenvolvimento de atitude crítica, formar leitores na escola precisa favorecer o contato entre educandos e a variedade de textos pertencentes a diferentes gêneros. O resgate das funções sociais da leitura literária na prática pedagógica poderá favorecer a atuação do aluno como leitor em esferas distintas da vida social, preparando-o para lançar mão de leitura como formas de enfrentar a vida, de constituir-se como sujeito, de exercitar a cidadania. (Ibid., pp. 11-12).

Desse modo, Paulino e Cosson (2009, pp. 74-76) acreditam que, para concretizar tal letramento na escola — que requer o contato direto e constante com o texto literário — algumas práticas podem ser realizadas, trazendo bons resultados. A primeira é a criação de uma comunidade de leitores, mantendo uma circulação constante de textos entre os alunos. O professor pode efetivar essa comunidade criando grupos de estudo, clubes de leitura e outras formas de compartilhamento de leituras e atividades em conjunto relacionadas à Literatura. A segunda prática consiste em expandir o horizonte literário do aluno, fazendo uso de outros textos que dialogam com a Literatura, como os textos de tradição oral e os dos meios de comunicação de massa, indo além do objeto livro e alcançando outros formatos, suportes e veículos, como a *internet*. Uma terceira prática diz respeito à interferência crítica, ou seja, o papel do professor na formação do aluno, visando à educação literária, a partir da formação do gosto como aprendizado da cultura literária, ou seja, o trabalho de construção do repertório do aluno, dando-lhe a consciência de que há um patrimônio cultural que deve ser conhecido, ligando as atividades da escola à vida social e à sua própria história. Desse modo, pode ser feita uma seleção de textos que compõem a tradição daquela comunidade local. Tudo isso deve ser feito com a intervenção e mediação do professor em sala de forma crítica para que os alunos ampliem sua competência de leitura, a partir de textos que sejam culturalmente significativos, sem deixar de entender por que eles assim o são. Por fim, outra prática possível é promover a escrita entre os alunos como lugar para a interação com a Literatura, para que eles se exercitem com as palavras na construção de sentidos, como atividades de paráfrase, paródia e outros procedimentos de apropriação de texto que promovam um diálogo criativo dos adolescentes com o texto literário. Tais experiências devem ser feitas, desse modo, a

partir da leitura de textos, envolvendo os estudantes, da sua experiência com a Literatura, e não apenas atividades gratuitas baseadas em exercícios que não os envolvem.

Para que o letramento literário realmente aconteça na escola, Fernandes (2011, p. 337) reforça a ideia de que o professor deve criar oportunidades que aproximem o aluno da obra literária e que a leitura literária cumpra suas funções na vida de cada um desses jovens. Para isso, afirma que é preciso que haja planejamento para que sua proposta e seus objetivos sejam atendidos. Isso porque o ato de planejar dá rumo ao trabalho por meio de uma programação de atividades, controlando assim o trabalho do professor, dando flexibilidade caso mudanças sejam necessárias e para que o resultado seja bem sucedido.

Dessa forma, esperamos que este projeto seja mais uma ferramenta para a implementação — ou ampliação — do letramento literário nas escolas, principalmente nas turmas de Ensino Fundamental II. Para tanto, é preciso que o professor se conscientize dos desafios e dos problemas que cercam o estudo da Literatura para que assim desperte o gosto pela leitura e amplie os horizontes dos seus alunos.

2 A CANÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

2.1 A relação entre poesia e canção

A canção, sem dúvida, sempre fez parte da vida do povo. Diversos ritmos, estilos, cantores e conjuntos musicais surgem a todo momento e são capazes de dialogar com as pessoas e emocioná-las devido às suas variadas temáticas e melodias.

Não é diferente no meio dos jovens até os dias de hoje: eles carregam em seus celulares suas canções favoritas e estão sempre cantarolando-as, quer compreendam ou não suas letras em português ou em inglês.

O que muitas vezes não nos damos conta é de que a canção (música + letra) faz parte dos gêneros literários e — apesar de particularidades e objetivos distintos — possui forte ligação com a poesia e há até mesmo algumas características em comum entre elas, uma vez que fogem do lugar comum da linguagem cotidiana e se valem da conotação, abrindo-se assim para sentidos múltiplos. Nesse sentido, Lajolo (1993b, p. 38) comenta que a linguagem, para ser considerada literária, deve conter um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escape ao imediatismo e ao estereótipo das situações e usos que marcam a linguagem da vida cotidiana.

Por sua vez, Santaella e Nöth (2011, p. 5) afirmam que “das muitas relações entre literatura e música, uma das mais fundamentais é aquela que se dá entre a poesia e a música”.

Assim, é de se admirar que muitos professores de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual não usem esse instrumento a seu favor em sala de aula, tendo em vista que essa abordagem pode ser capaz de despertar o interesse dos alunos pelo texto poético. Sobre isso, Pereira e Silva (2012, p. 2) comentam:

Para uma experiência significativa com o texto poético, a escola necessita ser um espaço de acolhida e de afetividade, e religar os saberes e as artes. A poesia pode ser religada ao canto e a outras artes e linguagens, bem como ao lúdico, de forma que a experiência com a palavra possa reconduzir as crianças e jovens à sensibilidade poética.

Assim, a aproximação da canção em sala de aula como elemento de leitura literária pode despertar em muitos uma reflexão pessoal e social, sendo assim trabalhada pelo professor não apenas como entretenimento ou como uma forma de passatempo ou de improviso, mas como uma prática efetiva de letramento literário, de apropriação da Literatura,

capaz de trazer conhecimento e formar para a cidadania, além de cumprir sua função humanizadora.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil aponta que a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras que expressam e comunicam sensações, sentimentos e pensamentos, e está presente em todas as culturas e nas diversas situações humanas. Além disso, faz parte da educação há muito tempo e, na Grécia antiga, era fundamental para a formação de cidadãos, assim como as disciplinas de matemática e de filosofia. (BRASIL, 1998b, p. 45).

No entanto, Martins e Cardoso (2013, p. 2) criticam que os estudos literários muitas vezes estão restritos à análise e ao uso da linguagem verbal, na prática pedagógica dos professores e, por isso, a linguagem literária não é considerada como produto cultural e social que demanda um processo de comunicação e ação intertextual, como as artes plásticas, a música e o cinema. Por causa disso, distante das linguagens mais próximas à dos jovens, o estudo da Literatura tem se tornado desmotivador e nem um pouco prazeroso.

Primeiramente, sobre a aproximação da poesia com a canção, vale ressaltar que durante a Idade Média, na Europa, não havia distinção entre poeta e músico. Havia os trovadores, que representavam a primeira manifestação literária em Portugal. Os poemas eram cantados, acompanhados por seus instrumentos. As trovas eram divididas em cantigas de maldizer (que continham sátiras diretas em relação às pessoas e aos costumes da época), de escárnio (com suas sátiras indiretas), cantigas de amor (que idealizavam e apresentavam as características da mulher amada) e de amigo (cujo eu lírico feminino lamentava a ausência do homem amado). Desse modo,

Em um sentido mais amplo, pode-se chamar de “trovadores” a todos os poetas cantores que percorriam a Europa nos tempos medievais, levando a sua poesia e o seu modo de vida a ambientes tão diversificados como a praça pública, as universidades ou as cortes principescas e aristocráticas. (BARROS, 2008, p. 2).

Aguiar (1993, p. 10) afirma que, segundo a tradição, música e poesia nasceram juntas e que a palavra “lírica”, de onde vem a expressão “poema lírico”, em sua origem, significava um tipo de composição literária feita para ser cantada, com acompanhamento de instrumentos de cordas, principalmente da lira. Desse modo, portanto, a poesia estava ligada à voz e ao ouvido. A separação entre música e poesia, no entanto, ocorreu na Idade Moderna com a invenção da imprensa; com o triunfo da escrita, a distinção entre elas aumentou cada vez mais e, a partir do século XVI, a lírica foi abandonando o canto e foi se tornando cada vez mais

uma leitura silenciosa. Todavia, mesmo havendo tal separação, o poema continuou preservando traços em comum com a música, a partir de formas poéticas como o Madrigal, o Rondó, a Balada e a Cantiga.

De acordo com Ribeirão Neto (2011, p. 58), música e poesia viviam de forma harmônica na Grécia Antiga e na Provença, pois não eram distintas. Elas eram transmitidas por meio da oralidade, porém houve um desequilíbrio entre ambas com o surgimento da escrita, trazendo autonomia à palavra impressa no papel, sobrepondo-se aos limites da memória, distanciando-se cada vez mais da palavra falada, da memória oral das pessoas. Assim, a música verticalizou-se pelos sons e utilizou a palavra para informações no libreto sobre obra e seus compositores enquanto a poesia se transformou de forma autônoma, superior e livre no papel.

No Brasil, por sua vez, no século XIX, alguns poetas do Romantismo — como Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela e Casimiro de Abreu — musicavam alguns poemas de sua autoria para serem divulgados a partir de serenatas. (CAPACCHI, 2003, p. 18).

Assim, embora tenham se separado ao longo da história, ambos os gêneros possuem similaridade, uma vez que estão estruturados por versos agrupados em estrofes. Desse modo, canção e poema contêm recursos expressivos da linguagem poética, podem ter métrica fixa ou não, com ou sem rimas. O ritmo é uma das principais marcas desses textos, porém, no poema, o leitor tem mais liberdade para ditar o seu andamento, a partir da disposição dos versos e dos recursos sonoros; já na canção, o ritmo é ditado pela melodia da música (parte instrumental). Outro ponto a se destacar é a forma de organização do discurso, que é semelhante nesses gêneros e procura aproximar o leitor/ouvinte do prazer estético, tocando em sua sensibilidade, como é um dos papéis da arte.

Santaella (2002, p. 47) afirma que os laços de conjunção entre canção e poema se dão nos jogos de estruturação e na construção de formas que ambos se fazem valer:

Se o modo de estruturação da linguagem musical guarda muitas semelhanças com o modo de estruturação da linguagem poética, é aí, então, no coração da estrutura, que música e poesia, antes de tudo, se encontram. É aí que o musical da poesia se enlaça ao poético da música. Poesia e música são construções de formas, jogos de estruturação, ecos e reverberações, progressões e retrogradações, sobreposições, invenções, enfim, poetas e músicos são diagramadores da linguagem. Uma música e um poema são, sobretudo, filigranas das suas formas, diagramas e equações para a sensibilidade, matemáticas do sensível.

Além disso, é importante lembrar que em ambos aparece a figura do eu lírico (ou eu poético). Segundo Sorrenti (2009, pp. 80-81), é a presença do poeta no texto, como sentimento que se deixa ver. Quando dizemos que, num determinado poema, o eu lírico está triste, não significa que o autor estava triste quando o escreveu. Poeta é o autor, é a pessoa de carne e osso que assina a obra; eu lírico é a voz que se revela no poema e pode ser um homem, uma mulher, uma criança, um adolescente, uma pessoa feliz ou triste etc.

Ainda sobre o eu lírico, Nicola (2006, p. 35) afirma que ele é a “voz que expressa suas emoções no poema, um eu poético, simulado, inventado pelo poeta que não pode ser confundido com o próprio poeta”.

Além disso, de acordo com Turchi e Menezes (2012, pp. 153-154), o eu lírico é aquele que nos convida a enxergar, na oposição dos polos *leveza e dureza*, a procura por desejos concretos, a verdadeira união das contradições e, por fim, a conciliação.

Quanto às principais diferenças que distinguem os dois gêneros, percebemos que o poema é escrito para ser lido e a canção é a combinação dos instrumentos com a letra cantada; neste, a música deve sobressair em relação à letra, o que não diminui seu valor literário.

Diante dessa proximidade da canção com o poema, Bosco (2006, p. 63) dá seu parecer:

O que, a meu ver, é importante, é a afirmação da canção popular, potencialmente, como uma experiência estética de alta inventividade, de grande alcance artístico. Trata-se, para os que a percebem desse modo, de analisar agora se esse potencial vem se efetivando, e de que forma, no momento histórico em que vivemos.

Pelo que expusemos até o momento neste capítulo, nossa proposta é a de afirmar a proximidade que há entre canção e poema, assim como a riqueza literária que há em muitas letras de compositores consagrados de nossa música popular brasileira. Além disso, muitas dessas letras estão em sintonia com a nossa cultura e fazem parte da história sócio-política do nosso país.

2.2 A canção popular nos dias de hoje e sua função literária

A canção, hoje em dia, alcançou um grande público e se popularizou graças à sua difusão pelas rádios, LPs, cassetes, CDs, DVDs, MP3 em aparelhos como *smartphones*, programas de auditório, festivais de música, propagandas, entre outros meios. A poesia,

mesmo assim, sobrevive muitas vezes nesse gênero musical por meio da composição de letras melhor elaboradas.

Paulino (1988, p. 38) ressalta que desde pequenos temos contato com a literatura oral, por meio da música popular. Essa música — que cantamos, dançamos ou simplesmente ouvimos — é composta de uma letra escrita em versos, que certas vezes, pode constituir um poema de qualidade.

Muitos compositores brasileiros de respeito hoje não são vistos apenas como meros letristas, mas também como poetas, devido aos diversos recursos estilísticos e a forte carga de conotação presentes em suas obras. Nesse sentido, partindo dessa estreita ligação entre poetas e letristas, Aguiar (1993, p. 10), ao propor uma análise de canções mais significativas da MPB (desde a “velha modinha ao novíssimo rock”), ressalta que “muitos estudiosos fizeram o mesmo antes de nós, devido ao fato de que já existe um consenso de que a letra pode ter um valor poético capaz de ser abordado com os instrumentos da análise literária”.

Hoje, devido ao *status* que muitas letras de canções de artistas consagrados da MPB e do *rock* nacional ganharam, a academia se aproximou delas para estudá-las como objeto contemporâneo para o estudo da linguagem poética:

As letras de canção que vencem o desgaste e o silêncio do tempo em uma determinada sociedade são as que conseguem alinhar o ideário de sua composição com o do contexto em que foram produzidas, especialmente quando consideramos os fenômenos da MPB e do rock brasileiro produzido na década de 1980, conhecido como Brock. Os valores culturais, as relações sociais e a poesia nelas presentes são o suporte para a migração da canção como objeto de estudo no meio acadêmico. (MUCURY, 2013, p. 173).

Lajolo (1993b, p. 31) comenta que a admissão da MPB no pódio da literatura causa ainda discussão no meio, porém os que a defendem aplicam a ela os mesmos critérios e categorias tradicionais, usados na literatura escrita.

É importante ainda frisar, segundo Paulino (1988, pp. 38-39), que a música popular quase sempre vem acompanhada de uma letra que facilita a absorção e a memorização do público-ouvinte, que em geral constitui um poema mais simples do que os que encontramos nos livros de Literatura. No entanto, isso não significa que todas as letras sejam simples: muitos fazem uso de recursos sonoros e poéticos que tornam as letras mais elaboradas. Em relação a isso,

Alguns letristas e compositores fazem letras tão bem elaboradas que podem ser comparadas aos poemas de nossos melhores poetas. É esse o caso de

Chico Buarque de Holanda e Caetano Veloso, entre outros. Alguns deles, além de serem compositores e letristas, exercem de fato a atividade poética escrita, como foi o caso do poeta e compositor Vinícius de Moraes. (Ibid., p. 39).

Sabemos da importância da música brasileira para o povo brasileiro, como uma das mais sólidas bases culturais que ganharam inclusive notoriedade no exterior, aliando talento e linguagem poética em meio a temas como amor e crítica social, mesmo em meio à repressão da ditadura militar nos 60, 70 e 80. Em relação a isso, podemos afirmar:

A música popular é, reconhecidamente, uma das expressões mais altas da cultura brasileira. As condições históricas e sociais em que temos existido não permitiram à nossa literatura se expressar de forma devida a toda, ou pelo menos grande parte, da população de nosso país. A música popular, então, dentro de suas naturais limitações, foi levada a assumir tarefas que normalmente deveriam caber à literatura. Coube-lhe o desafio de dominar e expressar, mesmo tendo de driblar a censura, o preconceito intelectual elitista, entre outros, uma vasta e complexa realidade cultural de nosso país. (CAVALCANTI, 2008, p. 3).

Atualmente, o rock tem criado seus letristas-poetas no mundo inteiro, aliando seu talento musical a letras poéticas que relatam seus dramas amorosos, questionam o *status quo*, os problemas sociais, e denunciam as mazelas, as desigualdades e os problemas sociais, trazendo identificação imediata com várias gerações de jovens e adultos, por aliarem o subjetivo às suas composições.

Há um consenso no meio jornalístico que ressalta haver uma grande família de letristas do *rock* que imprimem em suas criações uma inteligência literária e uma expressividade imagística, como John Lennon, Jim Morrison, Patti Smith e Bob Dylan, artistas ligados à música pop, cujas qualidades se resumem na palavra com valor de poesia.

Sobre este último letrista e compositor, Rennó (2003, p. 59) afirma:

No panorama musical internacional dos últimos quarenta anos, Bob Dylan tornou-se um dos principais cultivadores de uma poesia *pop* com uma incidência muito acima da média de elementos imagéticos (tantas vezes responsáveis pela valorização poética de um texto).

Em 2016, podemos nos lembrar de um acontecimento que causou surpresa no mundo literário, principalmente nos seus meios mais conservadores: a indicação do músico norte-americano Bob Dylan a um prêmio da Academia Sueca na categoria literatura. Isso reacendeu a discussão sobre a legitimidade do letrista ser um poeta.

No site Carta Educação¹, uma reportagem publicada em 17 de outubro de 2016 promoveu uma análise interessante sobre esse episódio. Muitos afirmam que a seleta banca responsável pela eleição de um músico norte-americano, Bob Dylan, para receber a lauda máxima da Academia Sueca na categoria literatura, está se ajustando ao tempo. Sobre isso, temos a seguinte análise:

São muitas as manifestações literárias em que música e palavra permaneceram unidas. Ao outorgar o prêmio a Dylan, a Academia fez referência a Homero e Safo, poetas gregos. Tanto as epopeias eram cantadas pelos aedos quanto os poemas líricos eram acompanhados de instrumento. Aliás, recorde-se aqui a origem do termo lírico, do latim (*lyricu*) “lira”, um instrumento musical. Em alemão, “das lied” tanto significa poema lírico quanto canção. Nas cantigas trovadorescas anteriores ao Humanismo, poema e música são indissociáveis. Suponhamos que alguma divisão seja de fato essencial. Separemos, pois, as letras das canções do suporte musical. Os menestrelis do Trovadorismo eram acompanhados de instrumentos. Os textos verbais das cantigas, compostos por trovadores. Dylan é, ao mesmo tempo, trovador e menestrel. (2016).

A matéria lembra ainda que os poetas concretos, a partir dos anos 50, não usavam unicamente a folha de papel como suporte, mas podiam colocar seus textos em esculturas, quadros, filmes ou *outdoors*. E hoje temos a cibercultura, que inclui a ciberliteratura. Nas nuvens e em suportes digitais, o texto verbal deixa de ser literário?

Citando Ezra Pound (1977, p. 32), em seu *ABC da Literatura* (“literatura é a linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”), chegamos à seguinte conclusão: a de que Bob Dylan foi um transgressor não só na literatura, incluindo a geração *beat*, os *outsiders*, mas também pelas abordagens viscerais que sempre fez em suas composições, uma vez que suas canções são uma linguagem carregada de sentido.

No Brasil, por sua vez, além de compositores consagrados que se destacaram pela sua linguagem literária em suas letras, como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, nasceu uma geração nos anos 80 que viveu a transição entre a ditadura e a democratização. Esses artistas conquistaram as rádios e os programas de todo o país, apresentando novos talentos para o então chamado Rock Brasil, como Renato Russo, Cazuza e Arnaldo Antunes, que escreviam a partir da realidade de seu tempo e cantando os dramas de sua geração.

Encaixando-se como trovadores e menestrelis, com uma linguagem poética e transgressora, e valendo-se do suporte musical, esses músicos compuseram canções

¹ A matéria na íntegra está disponível em <<http://www.cartaeduacao.com.br/aulas/medio/dylan-o-nobel-e-a-questao-dos-generos-literarios/>>. Acesso em 23/02/2017.

carregadas de sentido e imagens, cujas palavras são trabalhadas esteticamente e ganham — em seus versos — novos significados.

Desse modo, assim como os grandes letristas da MPB — mesmo enfrentando uma certa desconfiança das alas mais conservadoras do meio literário —, os roqueiros letristas desenvolveram um trabalho artístico e poético, aproximando o público mais envolvido com a música a um texto mais trabalhado, com diversas referências da Literatura.

2.3 As letras da Legião Urbana como objeto de estudo literário

Sendo a proposta deste trabalho desenvolver uma sequência didática para ser aplicada em uma intervenção em sala de aula com as letras da Legião Urbana, convém aqui apresentar brevemente a obra desse grupo musical.

Renato Russo, vocalista, líder e letrista da referida banda de *rock*, apresenta em suas letras diversos elementos poéticos: linguagem figurada, intertextualidade, plurissignificação, trabalho estético e imagético com a palavra, eu lírico multifacetado que se sobrepõe à autobiografia. Sobre esta última característica listada, vale ressaltar que, embora muitas experiências presentes nas letras partam das experiências pessoais dos integrantes da Legião Urbana, o roqueiro foi incisivo: “as músicas têm uma base pessoal, mas também entra muito do imaginário e da sua invenção. Por isso é que vira música; senão, eu escreveria diários”. (ASSAD, 2000, p. 76). Pensando nessa declaração, fica claro que o letrista teve o cuidado para que suas composições tivessem um apuro poético e ganhassem em atemporalidade, fazendo valer o poder da criação e da imaginação poética. Sobre essa preocupação estética, comentou ainda:

Eu prefiro falar numa linguagem simples, mas dizendo coisas que realmente me são caras, preciosas, tipo: “Disseste que se tua voz fosse igual à imensidão que sentes, teu grito acordaria não só a tua casa, mas a vizinhança inteira”. Isso poderia ter sido escrito há dois mil anos, como pode ter sido escrito agora. (Ibid., p. 28).

Sobre esses polos (simplicidade e complexidade) que permeiam sua obra, Fernandes Júnior (2003, p. 70) afirma que as letras de Russo são um tecido composto de retalhos de diversas origens e formas, compondo um vasto mosaico de possibilidades combinatórias. Desse modo, os retalhos do cotidiano, do literário, do poético, do político, do religioso, entre outros, representam uma tonalidade múltipla, que se inter-relacionam e dão ao texto uma perspectiva polifônica, que possibilitam uma convivência de vários enunciados.

Pensando nesse valor que a letra possui como elemento literário, no prefácio do livro *Renato Russo de A a Z*, Assad (2000, p. 13) ressalta que o letrista pode ser facilmente reconhecido como poeta: “[...] Renato celebrizou-se como grande poeta do *Rock* Brasil, capaz de traduzir, numa inspirada coleção de versos musicados, indagações e valores que atravessam o imaginário de jovens de várias idades”.

O crítico musical Arthur Dapieve, por sua vez, em seu livro *BRock, o Rock Brasileiro dos anos 80*, afirma que,

assim como seus mais talentosos companheiros de ofício e geração — Arnaldo Antunes e Cazuza —, Renato embaralha a fronteira entre os letristas e os poetas. O faz de tal modo, com tamanha habilidade e profundidade, que hoje talvez sua obra faça por merecer mais exegetas do que críticos de rock. Sua escrita se sofisticou e posteriormente tornou a se simplificar desde 1978, quando ele pegou a longa estrada do rock 'n' roll via Aborto Elétrico; se sofisticou e tornou a se simplificar, mas nunca perdeu a densidade. Uma estrela que se expande e se contrai, mas mantém a mesma massa. (DAPIEVE, 2000a, p. 206).

Já no prefácio de *Depois do fim: vida, amor e morte nas canções da Legião Urbana*, das doutoras Angélica Castilho e Erica Schlude, o mesmo crítico musical declara que Renato Russo foi e continuará sendo um poeta para todas as gerações, mesmo que o próprio músico se considerasse apenas um letrista num conjunto de *rock*. Isso porque suas letras possuíam grande densidade, integridade e coerência (podendo ainda ser analisadas de forma independente da parte instrumental), o que justifica o seu estudo constante na área de Letras. (Id., 2002, pp. 11-12).

Essas letras trazem ainda um forte conteúdo subjetivo, pois descrevem relacionamentos, sonhos, desejos, rebeldia, amor, pessimismo diante da realidade, entre outros temas, muitos deles juvenis. Sobre isso,

no gênero lírico, a subjetividade é o traço marcante, centrado no mundo interior do poeta. Do mesmo modo, a emoção sobleva diante das diferentes finalidades comunicativas, em virtude de advertir características apreensíveis pelos sentidos, tais como a musicalidade, o valor denotativo/conotativo das palavras e as figuras de linguagem, que possibilitam dar ênfase ao significado que o poeta pretende atribuir ao texto, e por meio das entrelinhas, os alunos aprendem a aguçar o olhar e a sensibilidade para a valorização do gênero lírico como ato comunicativo, tornando-se mais aptos a realizar uma leitura crítica. (TRES; IGUMA, 2007, pp. 6-7).

Essa afirmação é importante para este trabalho, uma vez que, relacionando-a à obra da Legião Urbana, percebemos que a banda e seu vocalista Renato Russo transcenderam há

muito tempo o espaço do *rock* e fazem parte de diversos estudos literários nos ensinos básico e superior. Seja analisando a letra isoladamente, seja o conjunto letra e música (gênero canção), cresce o número de trabalhos relacionados a eles nas escolas e academias, denotando assim que há um valor literário em sua obra que deve ser considerado. Numa busca rápida pela *internet*, podemos encontrar artigos, TCCs, monografias, dissertações e teses em diversas áreas: Letras, História, Filosofia, Sociologia, entre outras. Um bom exemplo disso é a tese em desenvolvimento da doutoranda da UNB, Julliany Mucury, que pesquisa o valor literário de Renato Russo e pretende credenciá-lo no meio acadêmico como um escritor contemporâneo da Literatura Brasileira².

Mucury (2013, p. 182) não se furta de tratar a obra de Renato Russo como poesia e enumera as qualidades que ela apresenta:

A poesia de Renato Russo compõe um projeto poético-musical que visa bordar sobre um tecido cultural consagrado, mediante releituras de obras literárias, da mitologia grega, da herança judaico-cristã, enfim, um novelo cultural já absorvido, que desencadeia um processo de significação a partir do emaranhado das linhas que suas letras apresentam. Há como perfilar um eixo temático no conjunto de sua trajetória poética, pois que questões sobre ética, sentimento amoroso, política e humanidade são recorrentes, tendo a perspectiva social como base.

Fernandes Júnior (2003, p. 73), por sua vez, afirma que “as letras das canções de Renato Russo oscilam muito no tocante à elaboração textual, apresentando desde textos mais elaborados com imagens, metáforas e recursos provenientes da linguagem poética, e outros fortemente prosaicos”. Isso fica claro quando nos deparamos com letras com grande valor literário, como “Daniel na cova dos leões”, “Acrilic on canvas” e “Andrea Doria”, em contraste com letras mais simples, marcadas pela tradição oral do povo, como “Faroeste caboclo” e “Eduardo e Monica”.

O pesquisador já mencionado, ao analisar a riqueza poética e imagética dos versos de Renato Russo que abordam o fim de um relacionamento e a saudade que permanece no eu lírico, ressalta:

Ao tratar do cotidiano, em seus diferentes desdobramentos, Renato Russo consegue, por meio de jogos de linguagem, obter efeitos expressivos de situações inusitadas como, por exemplo, tecer associações entre materiais de

² Matéria disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2013/08/19/interna_diversao_arte,383133/renato-russo-ganha-a-primeira-tese-de-doutorado-que-o-defende-como-escritor.shtml>. Acesso em 02 de fev. de 2017.

pintura e o corpo do ser amado. A relação amorosa ganha contornos líricos na canção “Acrilic on Canvas” (óleo sobre tela). (Ibid., p. 75).

Mesmo estando ligadas ao suporte musical, como já vimos, a obra de Renato Russo possui elementos que são caros à linguagem poética. Quanto a isso, Paz (1982, p. 27) é incisivo ao afirmar que nada impede que as obras musicais sejam consideradas poemas. No entanto, para que isso aconteça, devem se transformar em imagens e se converter numa forma particular de comunicação.

Desse modo, essa afirmação de Paz se encaixa aqui, pois as letras compostas por Renato criam imagens a partir de seus versos elaborados, em diversos momentos de sua obra, que se abrem à possibilidade de vários sentidos. Se a letra de canção atende a esse requisito, não vemos problema algum em afirmar categoricamente que é possível trabalhar em sala de aula com tal obra como sendo de valor literário dentro de uma sequência didática adequada para a turma com a qual trabalharemos em sala de aula, desenvolvendo um trabalho a partir do letramento literário.

Vemos ainda que há várias letras de suas canções em diversos materiais didáticos do Estado e do Município do Rio de Janeiro, além de outros estados e municípios. Em livros didáticos de Língua Portuguesa também é possível encontrar um número considerável de letras que serve como suporte de diversos conteúdos, auxiliando nas atividades de gramática, interpretação de texto, linguagem conotativa, figuras de linguagem etc. Isso tudo sem falar em vários professores que, por conta própria, utilizam as letras para trabalhar com suas turmas. No entanto, este projeto procura ir além, desenvolvendo atividades que promovam o letramento literário.

Além de diversos álbuns (de estúdio e ao vivo) ainda em catálogo, da banda e do seu vocalista, há ainda uma considerável bibliografia sobre a história e a obra da Legião Urbana, assim como da vida de Renato Russo, em *sites*, páginas e *blogs*, além de matérias e reportagens de diversas épocas publicadas em revistas, jornais, tabloides musicais e no meio virtual.

Assim, diante da popularidade, da grande extensão de materiais à mão do professor e da qualidade presente na obra dessa banda, acreditamos na possibilidade de desenvolver um trabalho relevante, usando como recurso as suas letras, sem que seja preciso abrir mão da leitura literária. Pelo contrário, esperamos desenvolver nos alunos o gosto pela Literatura de uma forma diferente e menos usual, utilizando as letras “Tempo perdido” e “Perfeição”.

A primeira letra com que trabalharemos, presente no álbum *Dois*, de 1986, trata da condição de ser jovem na sociedade e reflete sobre o tempo que ainda temos; ela pode propor que os alunos tenham um olhar subjetivo e crítico para dentro de si, uma vez que pode ajudá-los a pensar de forma reflexiva sobre suas vidas e suas atitudes, projetando possíveis mudanças, uma vez que trabalha com a ideia da responsabilidade de ser jovem na sociedade e o que isso implica. Segundo Castilho e Schlude (2002, pp. 84-85), a letra de “Tempo perdido”

[...] está fundamentada no *carpe diem* — aproveite o dia [...]. O tempo é feito em cima da perspectiva do eu-lírico. É justamente o questionamento adolescente. [...] A ação da juventude é sacralizada, sangue exposto enquanto vida, mas também enquanto dificuldade [...]. Os jovens são otimistas, têm a possibilidade de ver além das aparências, procurar as coisas boas escondidas [...]. Há um ar de fatalidade na letra, o eu prega que se deve aproveitar o tempo agora. É, de certa forma, o mito da juventude e da beleza eterna.

Considerada “um dos momentos mais lindamente melancólicos da história da música pop”, segundo Vianna (1995, p. 23), “Tempo Perdido” ainda soa atual, mesmo tendo sido escrita há muito tempo. O jovem, dessa maneira, sempre está em busca de sonhos, de realizações, de emprego, de ser ouvido, de ter um lugar na sociedade. Convive com medos, dúvidas, esperanças e tem o desejo emergente de crescer sendo eternamente jovem. A canção lida com todos os questionamentos dessa fase.

Por sua vez, a segunda canção com que trabalharemos, “Perfeição”, presente no álbum *O descobrimento do Brasil*, de 1993, propõe um olhar mais crítico para o mundo e seus problemas, para analisar a realidade do país de forma crítica e consciente, sem deixar de analisar as próprias atitudes.

Antes de tudo, vale ressaltar que a sociedade sempre foi uma fonte de inspiração para os poetas. Nela, eles observam suas seduções e dissabores, suas belezas e suas mazelas. Poetas consagrados como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira já escreveram sobre o Brasil e sobre o mundo em versos contundentes, dada a sua sensibilidade em lançar um olhar crítico, apurado e poético sobre o espaço urbano.

“Perfeição”, como exemplo disso, celebra um país às avessas. O ambiente caótico é construído a partir de uma letra marcada pela ironia, *punk*, forte, sustentada por guitarras distorcidas e bateria híbrida samba-rock-rap, que criam um clima tenso em toda a canção. Podemos afirmar, portanto, que “é um hino à pós-modernidade, pois celebra suas mazelas”. (CASTILHO E SCHLUDE, 2002, p. 68).

A letra atinge todos os problemas sociais, da esfera pública à privada, como num caleidoscópio, apontando para todas as direções, denunciando e fazendo refletir sobre a nossa realidade. Parecem-nos *flashes* do mundo contemporâneo, apresentados de forma fragmentada, como se estivéssemos diante de um programa televisivo que apresentasse uma colagem de diversas e curtas manchetes. O visual e o sonoro tornam-se, assim, perturbadores, reforçando a ideia de caos instaurado, misturando-se à intensa ironia que cria um mosaico sonoro e poético de desordem. A exclusão, a violência social e a alienação dos oprimidos fazem com que o eu lírico fique inquieto, pois esse comportamento deve ser combatido. Desse modo,

[...] com essa canção, Renato Russo direciona suas letras para dentro da realidade nacional. Uma realidade que remete os excluídos a uma reflexão sobre a sua real condição. Essa reflexão culmina na voz da juventude que tenta conseguir alcançar um futuro melhor. [...] Com efeito, “Perfeição”, de Renato Russo, traz para o centro das discussões, questões relacionadas ao processo de exclusão e alienação social, marcas da pós-modernidade, por meio de um discurso de rebeldia e contestação, atravessado pela acidez em textos construídos com padrões estéticos ainda pouco explorados pela academia. (ENEDINO; SOUZA JUNIOR, 2006, p. 83).

Após a ironia presente em toda a canção, o seu final, surpreendentemente otimista, assume tons proféticos, em meio ao *rock* que se mistura a um samba-canção, fazendo alusão à Bíblia, além de uma referência sonora a “O Bêbado e a Equilibrista”, de Aldir Blanc e João Bôscoli, que inclusive aparece no encarte como música incidental. A perfeição de que trata a letra indica a fé num mundo novo, renovado, sem corrupção, uma utopia constante do eu lírico.

O que é político ganha um discurso poético, carregado de imagens e conotação. Segundo Enedino e Souza Junior (Ibid., p. 67),

[...] o texto é constituído de significativas disposições políticas, marcadas pelo signo do poder. A obra, envolta num discurso contestatório, foi escrita sob a égide da contestação política, com a vertente artística de um trabalho que procurou provocar no público uma reação de inconformidade com o status quo a que determinadas pessoas são submetidas.

É importante ressaltar que, embora não soe datada, a canção foi lançada num momento específico do país: após um curto período na presidência, Fernando Collor de Melo, diante de várias denúncias de corrupção, foi destituído do poder após um longo processo de

impeachment. O vice-presidente assumiu em seu lugar e recebeu o país em condições lastimáveis, totalmente desacreditado pelo povo. Sobre isso,

na eterna dialética entre ética pública e privada na vida e obra de Renato, *O Descobrimento do Brasil* trazia também um impressionante retrato do país, filme queimado e tudo. Pois o Brasil também havia conseguido sobreviver a Fernando Collor de Melo, apeado do poder a 29 de dezembro de 1992. O Brasil que sobrara para o vice-presidente Itamar Franco estava por inteiro na música “Perfeição”, incrivelmente amarga, mas no final das contas otimista. Ninguém era poupado. (DAPIEVE, 2000b, pp. 141-142).

Assim, observamos que as duas letras selecionadas são carregadas de subjetividade, de sentimentos, de idealismo, de contestação social, de conflitos, de reflexão, sendo possível despertar a curiosidade dos alunos, visando à leitura crítica e literária em sala de aula. Os adolescentes poderão formar uma opinião acerca de si e do mundo, para a obtenção de novos conhecimentos, de forma dialógica e interativa, enquanto a consciência da cidadania vai sendo construída por meio das atividades propostas.

Não é nosso interesse, muito menos o objetivo deste trabalho, legitimar Renato Russo como poeta. No entanto, as afirmações de teóricos nas áreas da música e da Literatura ratificam a possibilidade de utilizarmos a obra desse grupo musical aproveitando o seu valor literário e suas temáticas nas salas de aula do Ensino Fundamental II, aproveitando o interesse natural dos jovens pela canção, o que pode colaborar com o nosso intuito de aproximá-los da leitura literária. Com isso, temos o intuito de despertar nos alunos o gosto pelo texto poético, desenvolvendo habilidades de leitura tendo em vista a fruição, para que os alunos possam ler essas letras e interpretá-las a partir das suas experiências e do seu conhecimento de mundo, de forma reflexiva, criativa e autônoma.

Nessa perspectiva, pela mediação do professor, de forma dialógica, será possível contribuir com a formação do aluno. Isso porque, segundo Micheletti (2002, p. 17), o docente pode auxiliá-lo a enveredar pelo mundo complexo feito de letras, fazendo dele um leitor crítico.

Desse modo, acreditamos que seja possível realizar um trabalho de modo a fazer com que os alunos entrem em contato com o universo poético da Legião Urbana, a partir das duas letras que mencionamos, por meio de diversas atividades que serão realizadas. Para que obtenhamos êxito, a elaboração de uma sequência didática será de suma importância para que a intervenção se realize em sala de aula e o nosso objetivo de formar leitores criativos,

autônomos e críticos em relação a si mesmos e ao mundo seja alcançado, tendo em vista a proposta de letramento literário, fazendo uso da canção popular.

2.4 A letra de canção como uma possibilidade para o letramento literário

Como vimos, as letras de canção possuem — guardadas suas devidas particularidades — muito em comum com a poesia. Dessa forma, percebemos que, por meio delas, podemos despertar nos alunos o interesse pela leitura literária, fazendo-os perceber a importância de ler como uma forma de se tornar um cidadão consciente e atuante na sociedade.

Nas letras, portanto, podemos observar elementos literários diversos, e seu uso em sala de aula pode ajudar no desenvolvimento das aulas. Quanto a isso, Santos e Alves (2015, pp. 5-6) lembram:

Ao longo da história a música vem exercendo um valoroso papel no desenvolvimento do ser humano em seus diferentes aspectos, contribuindo, sobremaneira, para a aquisição de costumes e valores essenciais ao exercício da cidadania. A música está presente em todo o contexto escolar. De há muito se tem observado nas práticas escolares o uso dessa competência musical — quiçá não se conhecesse o uso desta nomenclatura e suas preciosas facetas, mas atuando de forma efetiva e educativa através do contato prazeroso com ele. Esse contexto levou-nos a refletir sobre essa prática e sua complexidade dentro do âmbito escolar.

Assim, não é nossa proposta propor uma educação musical, assim como também não temos a intenção de propor o ensino de teorias sobre essa arte. Na verdade, o que desejamos é unir a letra de canção à literatura com o objetivo de formar leitores, incentivando os discentes à aprendizagem e à construção do conhecimento e dos diversos sentidos que seus versos podem conter.

O professor deve se valer de sua criatividade para tornar isso possível, utilizando as diversas ferramentas que tem nas mãos para que possa desenvolver habilidades e competências em sala de aula. Desse modo, o processo de formação do leitor pode acontecer de forma mais dinâmica, participativa, reflexiva, crítica e interativa, uma vez que o lúdico se une à leitura literária e pode trazer resultados positivos.

Moliterno e Zamuner (2012, p. 13) ressaltam que a escola deve considerar, no processo de leitura, a possibilidade de se fazer conexões que se ajustem à realidade do aluno. Quando se trabalha com um texto literário, pode-se explorar seu diálogo com outras formas artísticas, como a fotografia, a música, o cinema, a TV, uma conversa informal, entre outros,

com o objetivo de favorecer a compreensão do texto e tornar a leitura mais atraente. Nesse sentido, o papel do professor é fundamental nesse processo de estabelecer relações, pois é ele quem irá determinar o que deverá ou não ser usado como recurso pedagógico, levando em conta o que poderá ser mais proveitoso para facilitar o intercâmbio com discursos que sejam mais próximos das experiências dos estudantes.

Sobre o uso da letra de canção como suporte para a leitura como sendo de valor literário, Cosson (2017, p. 15) afirma:

[...] a literatura estaria em nossos dias experimentando uma nova forma de alargamento ao ser difundida em diferentes formatos e veículos, usualmente em composição com outra manifestação artística. Nessa perspectiva, um dos mais bem-sucedidos avatares da literatura é a canção popular em suas várias versões rítmicas. [...] A canção popular é uma manifestação literária por si mesma porque emprega a palavra de modo literário, independentemente ou apesar do evidente parentesco que a letra tem com a poesia. Trata-se de uma forma distinta de fazer literatura que incorpora formas anteriores em um processo de transformação cultural, mas que não deve ser reduzida a elas. [...] Para fazer uma leitura pertinente da canção popular como literatura, é preciso desenvolver uma escala de valores própria dessa manifestação, abarcando a multiplicidade de seus gêneros, estilos e temáticas. Por fim, é preciso não esquecer que a canção popular participa da literatura, mas também participa da música, o que significa dizer, por um lado, que letra e som compõem um todo que não pode ser dissociado, e, por outro, que essa é uma manifestação literária híbrida, mas não menos literária por causa disso.

Os livros didáticos, no entanto, pouco ajudam o professor a desenvolver um trabalho diferenciado usando os mais variados tipos de textos, como a letra de canção. Sobre isso, Martins e Cardoso (2013, p. 3) afirmam:

O estudo de literatura proposto no livro didático está marcado por um contexto abstrato, fragmentado e desvinculado da realidade do aluno, além de não incentivar a criatividade e não proporcionar uma análise crítica dos textos e autores selecionados. Por esse razão, os textos literários não atraem os jovens leitores. Se viessem articulados a outros tipos de textos, haveria a possibilidade de se perceber que alguns gêneros são marcados pelo sentido estético e sua análise deve buscar desvendar os recursos utilizados pelo autor para produzir o belo e o extraordinário.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) propõem uma abordagem de ensino em que o docente colabora para que o aluno desenvolva sua autonomia e construa sua identidade, sem ignorar o meio de onde ele veio, a sua realidade e a sua condição social, cognitiva e afetiva.

No caso do ensino de Língua Portuguesa, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos. Tal possibilidade ganha particular importância na medida em que o acesso a textos escritos mais complexos, com padrões linguísticos mais distanciados daqueles da oralidade e com sistemas de referência mais distantes do senso comum e das atividades da vida diária, impõe a necessidade de percepção da diversidade do fenômeno linguístico e dos valores constituídos em torno das formas de expressão. Considerando-se que, para o adolescente, a necessidade fundamental que se coloca é a da reconstituição de sua identidade na direção da construção de sua autonomia e que, para tanto, é indispensável o conhecimento de novas formas de enxergar e interpretar os problemas que enfrenta, o trabalho de reflexão deve permitir-lhe tanto o reconhecimento de sua linguagem e de seu lugar no mundo quanto a percepção das outras formas de organização do discurso, particularmente daquelas manifestas nos textos escritos. Assim como seria um equívoco desconsiderar a condição de adolescente, suas expectativas e interesses, sua forma de expressão, enfim, seu universo imediato, seria igualmente um grave equívoco focar exclusiva ou privilegiadamente essa condição. [...] O papel da escola, no entanto, diferentemente de outros agentes sociais, é o de permitir que o sujeito supere sua condição imediata. (BRASIL, 1988, p. 47).

Além disso, Santos, Lima e Silva (2015, p. 7) apontam que a letra de canção pode ser um instrumento muito importante em sala de aula, pois desenvolve a compreensão e a produção textual, além de permitir que as emoções, o pensamento crítico e a sensibilidade dos alunos sejam despertados em sala de aula, em relação aos problemas do cotidiano. Ressaltam ainda que o encontro com o eu lírico na letra propõe que o leitor faça relações entre a temática do texto com suas experiências pessoais, refletindo sobre a realidade, levando a uma interpretação e a uma crítica em relação à vida.

Desse modo, é importante que o professor faça a seleção das letras com que irá trabalhar de forma que respeite a faixa etária dos alunos e pense no conteúdo que elas contêm, além dos objetivos que ele espera alcançar com tal repertório. A partir das vivências, do conhecimento de mundo e da ideologia em formação dos discentes, é possível realizar um trabalho efetivo que obtenha resultados positivos. Para tal, é preciso planejamento dessas aulas, que serão desenvolvidas por meio de uma sequência didática elaborada com antecedência. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, pp. 97-98),

uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um texto, permitindo-lhe assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente [...]. As sequências didáticas servem,

portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

Assim, como já observamos em relação aos textos literários, não devemos usar as letras de canção com o simples intuito de realizar atividades de ortografia ou de gramática, pois esses textos se prestam a muito mais que isso: além de atrair os jovens com a música, poderá despertá-los para a reflexão, para a construção do conhecimento e para o debate, confrontando sua interpretação com as dos seus colegas de turma.

Além disso, a seleção das letras não deve ser pensada tão somente no gosto particular dos alunos. Não é o propósito questionar ou demonizar seu gosto pessoal, cuja linguagem musical muitas vezes é mais simples e de fácil assimilação, podendo conter uma mensagem mais polêmica da realidade de comunidades do Rio de Janeiro, ou de conteúdo sexual. Pelo contrário, as canções escolhidas pelo professor deverão trazer mensagens que ampliem seu horizonte, que façam parte de um universo ainda não explorado por eles, que os despertem não apenas para repetir refrões, mas também para a sensibilidade de ouvir e refletir sobre o que foi lido e ouvido. Isso trará, provavelmente, um contraste com o que muitos deles ouvem no dia a dia, o que fará com que percebam que as canções podem ter outras funções além do entretenimento: a experiência de olhar para o seu lado estético e como essas letras provocam o leitor/ouvinte a indagar, a interagir com o eu lírico, a questionar sobre si e sobre o modo de vida da sociedade, com seus valores duvidosos e suas mazelas.

Averbuck (1984, pp. 77-78) afirma que a aproximação da canção com a literatura pode ser uma ferramenta muito útil para que o professor realize um trabalho com os jovens em sala de aula voltado para a leitura literária:

Se se levar em consideração a grande ligação do jovem brasileiro com a música popular, esclarece-se um caminho de aproximação entre literatura e outra forma de expressão mais popular e próxima dos interesses dos jovens. [...] Perceber a possibilidade dessa aproximação, utilizando esses textos como *corpus* literário, significa falar numa linguagem direta ao jovem, caminho a que o professor não pode se furtar. Refaz-se, por via do alargamento do conceito de texto literário, o elo entre poesia e música, reforçando-se a própria natureza do fenômeno poético.

Diante dessa possibilidade, a escola precisa encontrar novos modos de se renovar dentro dos desafios e da realidade dos nossos tempos, principalmente em se tratando dos nossos adolescentes. Nas palavras de Magnani (1989, p. 92): “É preciso pensar no presente histórico de professores e alunos como possíveis de serem conhecidos e tomados como ponto

de partida para a feitura da escola, da leitura e da literatura que queremos, para darmos e propiciarmos avanços qualitativos”.

Nesse sentido, Averbuck (1984, p. 78) ressalta que o professor deve ter uma clara noção do conceito de Literatura, ao qual deve ser dado um estatuto mais amplo. Para isso, ao trabalhar com poesia em sala de aula, todas as formas de arte podem ser abordadas, uma vez que aparecem muitos processos poéticos bem elaborados nas diversas letras de compositores brasileiros, que muitas vezes são prazerosas para os jovens.

Desse modo, o que desejamos é que o letramento literário seja mais um subsídio para que o professor trabalhe com a literatura em sala de aula, valendo-se do valor das letras das canções como elemento estético e de humanização, colaborando na formação dos alunos para a cidadania, dando-lhes acesso à leitura e à interpretação de forma crítica, partindo de um olhar voltado para si e para o mundo. Os discentes, nesse processo, devem se sentir sujeitos na construção de sentidos em relação aos textos lidos e às suas vidas. Assim, é possível fazer com que a Literatura realmente esteja presente no dia a dia das pessoas e que a escola de fato tenha avanços qualitativos em relação à leitura e à formação de cidadãos conscientes e autônomos.

3 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA: LETRAMENTO LITERÁRIO POR MEIO DE LETRAS DA LEGIÃO URBANA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a sequência didática elaborada pelo professor-pesquisador para realizar a intervenção em sala de aula, tendo em vista o trabalho com o letramento literário. As atividades foram pensadas a partir do perfil dos alunos da turma escolhida para sua aplicação. Chama a nossa atenção o fato de que eles entrarão em contato com canções que pouco ou nunca ouvem no dia a dia, em comparação com as suas preferidas que carregam consigo nos *smartphones*, ou ouvem em suas casas nos seus computadores, *tablets* ou *notebooks*.

Acreditamos que é possível desenvolver atividades com as duas letras selecionadas, “Tempo perdido” e “Perfeição”, aproximando-os do texto poético e do seu valor literário, com o recurso musical que usualmente faz parte de suas vidas.

Sabemos que, hoje em dia, poucas canções com sentido conotativo ganham espaço na mídia. O que vemos e ouvimos, nos principais programas de televisão, são cantores e grupos se apresentando com canções que contêm letras diretas, simples, que não abrem espaço para a plurissignificação, para a reflexão, para o pensamento crítico. Além disso, as escolas pouco têm trabalhado com a canção como uma ferramenta para despertar o gosto pela leitura literária e pela interpretação a partir de suas diversas possibilidades.

Desse modo, podemos pensar no quanto este trabalho pode contribuir para que os alunos pensem, reflitam, dialoguem, questionem a partir desse gênero que está presente no cotidiano deles. Esse momento de leitura, audição e mergulho nas letras pode ser muito mais do que uma atividade pedagógica, mas também uma forma de os jovens se encontrarem a partir de novas experiências:

Graças a suas histórias, escrevemos a nossa, por entre as linhas. E porque tocam o mais profundo da experiência humana — a perda, o amor, o desespero da separação, a busca de sentido — não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós. E é exatamente nesse ponto que jovens escritores vindos de meios desfavorecidos podem, muitas vezes, se encontrar com eles. Com frequência esses jovens relatam como certos textos, nobres ou humildes — mas também filmes ou canções —, lhes ajudaram a viver, a pensar em si mesmos, a mudar um pouco seu destino. E não somente na adolescência. (PETIT, 2009a, p. 39).

Entendemos, nesse sentido, que textos literários com temáticas sociais podem ser também lidos em sala de aula, para que os estudantes desenvolvam um pensamento mais

crítico em relação a si e aos problemas à sua volta. Bordini (1997, p. 50) afirma que a perspectiva política do poema voltada para o público infanto-juvenil (e podemos estender esse pensamento para outros textos, como a letra de canção) está na preservação do livre jogo com o discurso, que caminha ao lado de uma ética literária avessa a manipulações ideológicas, alertando para as possíveis distorções do real e do social, criticando os preconceitos, as discriminações e qualquer tipo de violência. Desse modo, não é preciso trabalhar com esses temas com o intuito de emancipar o jovem leitor, mas com estruturas abertas em que ele possa interagir de forma criativa, nos espaços silenciosos do texto. Assim, a partir de projetos estéticos que trabalhem com temas em que haja o conflito entre o indivíduo e o social, o professor pode levar o aluno à discussão de valores que se entrelaçam à escolha do vocabulário ou dos metros, sem perder de vista a função artística da palavra.

Assim, ler textos — como uma letra de canção — pode ser muito mais do que um momento de entretenimento, porque “o convívio com a literatura [...] contribui fundamente para a assunção do indivíduo como cidadão, atento aos seus deveres, cioso dos seus direitos, consciente de seu lugar social e de seu lugar no mundo”. (PROENÇA FILHO, p. 146).

Petit (2013, pp. 43-44) ressalta ainda que os leitores adolescentes são ativos e acabam por se apropriar das leituras feitas, interpretando e se identificando com o que leem, pois nessa fase o mundo exterior é visto por eles com sendo hostil, excludente, enquanto seu mundo interior é inquietante. Assim, encontram apoio em um texto literário, como um romance ou um poema, dando-lhes voz. Dessa forma, esses jovens compreendem que outros também tiveram as mesmas experiências e inquietações que eles.

Diante do que foi mencionado, é preciso desenvolver atividades que realmente envolvam os alunos no processo de aprendizagem e de leitura literária, levando em conta a realidade, as experiências e o mundo dos jovens estudantes. De acordo com Bordini e Aguiar (1983, p. 17), há diversos problemas quanto a isso:

[...] os problemas do ensino de Língua e Literatura não estão nos conteúdos a serem trabalhados, mas na maneira de apresentá-los. O que se percebe é que o professor se mostra frequentemente incapaz de propor situações de aprendizagem significativas para o aluno. Desvincula o conteúdo da realidade próxima do mesmo, tornando-o artificial e compulsório. Exige de seu estudante apenas a assimilação acrítica do que é ensinado, o que redundava em atitudes mecânicas e passivas do alunado, certamente responsáveis pela perda de significação do seu aprendizado. O esvaziamento do ensino de Língua e Literatura se acentua pela falta de uma proposta metodológica que o embase.

Por sua vez, Pereira, Cavalcante e Cabral (2013, p. 16) afirmam que é necessário seguir uma metodologia, que será o caminho que norteará seu trabalho, estabelecendo assim roteiros para as diferentes situações didáticas, para que assim o aluno se aproprie do que é proposto em sala. Ressaltam ainda que o maior objetivo do trabalho com Literatura na escola deve ser a formação de leitores competentes e críticos, por isso o docente precisa estar preparado tanto com instrumentos teóricos quanto com as práticas na sala de aula.

Cosson (2016, p. 46) aponta que as atividades de Literatura em sala precisam ser sistematizadas, de modo a permitir que professor e aluno façam da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade local, uma prática que tenha como sustentação a própria literatura, a partir de “sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos”.

No entanto, no dia a dia da escola, o professor de Língua Portuguesa precisa cumprir as propostas curriculares e as exigências pedagógicas do ano letivo. O trabalho com textos literários, desse modo, fica reduzido ou praticamente esquecido. Outro agravante é que o docente não sabe como trabalhar com a Literatura na sala de aula de uma forma agradável e integradora, com o intuito de formar leitores. Dos textos lidos, muitas vezes fragmentos, pouco se aproveita de suas características, reduzindo-se a atividades gramaticais ou de interpretação cujas respostas já se encontram no interior do texto, como se fosse um exercício de “caça-palavras”. Os livros didáticos, por sua vez, pouco ajudam nesse sentido, pelo contrário, parecem engessar ainda mais o professor em sua prática que pouco suscita a reflexão, o dialogismo e a criatividade ao se debruçar sobre um texto literário. Desse modo, ganham espaço os gêneros não literários, como notícia, diário, *blog*, carta, propaganda e outros mais usados no cotidiano.

Torna-se imprescindível, portanto, pensarmos em um trabalho que se faça uso do letramento literário como um suporte para a prática escolar. Se bem definidos os objetivos e o passo a passo das atividades, pensando em que tipo de leitores queremos formar, acreditamos que obteremos resultados produtivos.

Torna-se urgente, como ressaltam Bordini e Aguiar (1983, p. 19), que — diante de uma sociedade pluralista em que tantas ideias divergentes são transmitidas, em cuja divergência se enraíza o aperfeiçoamento das instituições — os professores de Língua e Literatura tenham à disposição um acervo variado de métodos pedagógicos, que atendam às mais diversas finalidades da educação, diante de múltiplas situações concretas de ensino-aprendizagem.

As autoras afirmam ainda que a concepção de educação que será usada deve estar ligada à transformação sociocultural, voltada exclusivamente para a realidade do aluno, a partir de uma postura que deve ser crítica perante o mundo. Toda atividade, nesse sentido, deve ter como resultado um fazer transformador, cuja leitura se faz buscando sentidos, questionando a si mesmo e a realidade à sua volta, numa constante interação. (Ibid., pp. 19-20).

Diante disso, devemos pensar, como princípio do letramento literário, na construção de uma comunidade de leitores, para que estes se movam e construam o mundo e a eles mesmos. Assim, o ensino de Literatura deve se efetivar como um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples ao complexo, ampliando o repertório cultural dos discentes. (COSSON, 2016, pp. 47-48).

Para que esses pressupostos se efetivem na escola, o caminho proposto pode ser sistematizado tendo como base duas sequências exemplares: uma básica e outra expandida, contendo diversas possibilidades de combinação que podem ser usadas de acordo com os interesses, com os textos e com o contexto daquela comunidade. (Ibid., p. 48).

Portanto, mais adiante, iremos apresentar as etapas do processo de intervenção, de modo a explicar, de forma clara, como o trabalho foi desenvolvido em sala de aula, com uma turma de adolescentes do 7º ano, a partir de métodos de ensino e de uma sequência básica predefinidos.

3.1 Pesquisa-ação como orientação metodológica para a intervenção em sala de aula

Como já mencionado ao longo deste trabalho, as atividades que serão propostas neste capítulo visam criar condições de os discentes desenvolverem o gosto pela leitura literária, promovendo o letramento literário a partir de letras da Legião Urbana. Esperamos que, ao entrar em contato com essas letras — por meio da fruição — eles alarguem a criticidade, a autonomia, a cidadania e a criatividade.

Para isso, para que se obtenham os resultados esperados com objetivos de transformação de uma realidade bem conhecida em sala de aula que é a falta de leitura, o pesquisador se propõe a se embasar na metodologia da pesquisa-ação. Tal método existe no Brasil e em outros países, e sua linha de pesquisa pode ser aplicada em diversas áreas, como a educação, que a têm usado diante da desilusão com os métodos mais tradicionais.

A pesquisa-ação é um método de pesquisa qualitativa que se destaca cada vez mais porque se configura como uma estratégia que busca produzir conhecimento e resolver um

problema prático. No caso do presente trabalho, seria a falta de hábito de os professores trabalharem em sala de aula com textos literários, não desenvolvendo nos alunos o gosto pela leitura e pela interpretação.

Thiollent (1986, pp. 14-15) afirma que a pesquisa-ação é uma pesquisa social que possui base empírica, concebida e realizada em uma estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Além disso, a pesquisa-ação exige uma relação participativa entre pesquisadores e pessoas da situação investigada, a partir de uma ação planejada.

O autor esclarece ainda que, na pesquisa-ação, quanto à orientação metodológica, os pesquisadores em educação são capazes de produzir conhecimentos de uso mais efetivo, principalmente em nível pedagógico. Tal metodologia é capaz de colaborar com o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição dos objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes. Além disso, tal pesquisa busca soluções para um determinado problema entre os participantes do sistema escolar, adotando uma linguagem apropriada pelos pesquisadores. Assim, os objetivos teóricos são reafirmados e afinados de modo constante no contato com situações abertas ao diálogo com os interessados, utilizando sua linguagem popular. A proposta não deve ser apenas a de descrever os resultados, mas sim de reconstruir, tendo em vista a clareza de como alcançar determinados objetivos, produzir determinados efeitos, conceber objetos, organizações, práticas educacionais e suportes materiais a partir de características e critérios aceitos pelos grupos interessados. (Ibid., p. 75).

Por sua vez, Tripp (2005, p. 445) ressalta que a pesquisa-ação educacional é uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores com o intuito de se valer das pesquisas feitas por eles para aprimorar o ensino e o aprendizado dos alunos. Para o mesmo autor,

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. A maioria dos processos de melhora segue o mesmo ciclo. A solução de problemas, por exemplo, começa com a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia. (Ibid., p. 446).

O diagrama a seguir representa as quatro fases do ciclo básico de qualquer investigação-ação, no nosso caso, a pesquisa-ação:

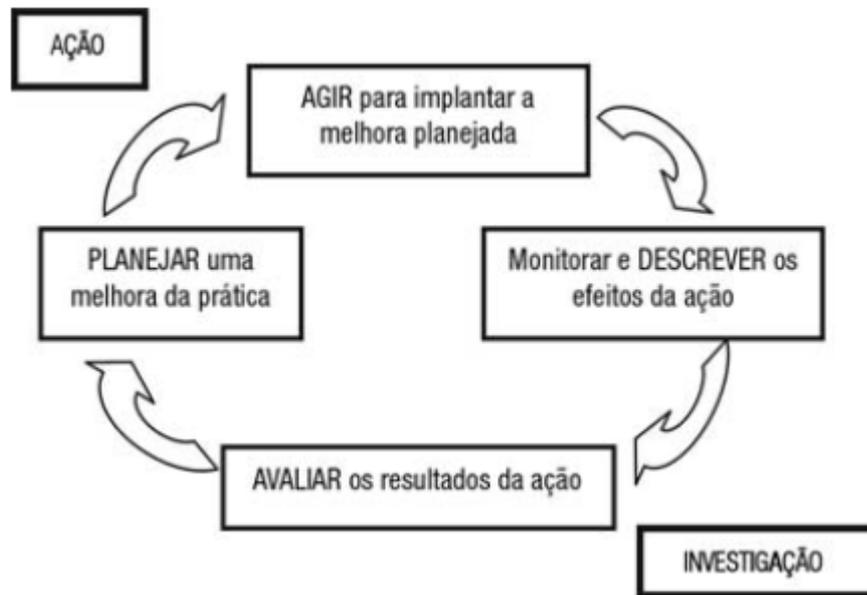


Figura 1: Representação das quatro fases do ciclo básico da investigação-ação. (TRIPP, 2005, p. 446).

O autor afirma ainda que tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa científica possuem um caráter experimental no sentido de que desenvolvem a pesquisa e aguardam para ver o que acontece, ou seja, quais resultados aparecem. No entanto, como a pesquisa-ação ocorre em cenários sociais que não são manipulados, ela não segue os cânones de variáveis controladas como ocorre na pesquisa científica, daí ser chamada, de forma mais comum, como intervencionista — muito mais que o caráter rigoroso e experimental. (Ibid., p. 449).

Desse modo, o presente trabalho apresenta natureza descritiva e intervencionista, uma vez que objetiva conduzir à reflexão sobre a leitura crítica na formação do cidadão, utilizando as letras de canção que, apesar de serem populares e de fácil aceitação para o grande público, possuem qualidade poética e múltiplos sentidos que permitem que sejam feitas várias leituras de um mesmo texto. O pesquisador, nesse sentido, torna-se um mediador das atividades em sala de aula, incentivando a interação entre os participantes e observando os resultados obtidos.

Para que a pesquisa-ação se torne possível e concreta, utilizaremos ainda as propostas metodológicas para o ensino de Língua e Literatura desenvolvidas pelas pesquisadoras Bordini e Aguiar (1983) e pelas pesquisadoras Pereira, Cavalcante e Cabral (2013), além da

sequência básica desenvolvida pelo pesquisador Cosson (2016), que serão explicadas mais adiante na descrição das atividades realizadas.

3.2 Caracterização do colégio e dos alunos

O presente projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual Ministro Raul Fernandes, localizado na Rua Nilo Peçanha, 166, Centro, Vassouras-RJ. A instituição funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite).

Na parte da manhã, funcionam 9 turmas do Ensino Médio de formação geral, sendo 3 da 1ª série, 3 da 2ª série e 3 da 3ª série; além disso, há 3 turmas do Ensino Médio normal (formação de professores), uma de cada série (que também têm aulas no turno da tarde). No turno da tarde, funciona o Ensino Fundamental, com 9 turmas, sendo 3 turmas do 7º ano, 3 do 8º ano e 3 do 9º ano. O turno da noite, por sua vez, contém 3 turmas regulares do Ensino Médio, sendo uma de cada série de escolaridade (1ª, 2ª e 3ª) e 4 turmas da NEJA (Nova educação de jovens e adultos), do 1º ao 4º ciclos.

Essas informações referem-se ao ano letivo de 2017, quando a intervenção didática foi aplicada em sala de aula.

Nesse ano, houve eleição para direção (um diretor geral e dois adjuntos) com professores, alunos e funcionários exercendo seu direito ao voto. Nesse mesmo ano, montou-se uma chapa única para o Grêmio Estudantil, tendo havido votação e eleição da referida chapa, cujos membros têm se mostrado atuantes em diversas atividades promovidas dentro e fora da escola, como campanhas do abraço e do agasalho, além de outros eventos festivos.

Quanto à infraestrutura, segundo dados do Censo/2016³, o colégio possui: alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à *internet* e banda larga. O colégio possui ainda os seguintes equipamentos: computadores administrativos, computadores para alunos, TV, DVD, antena parabólica, copiadora, aparelho de som, projetor multimídia (*datashow*), câmera fotográfica/filmadora. Em relação às dependências, o prédio consta de 12 salas de aulas, 77 funcionários, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes coberta, quadra de esportes descoberta, cozinha, biblioteca, sala de leitura, banheiro fora do prédio, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à educação infantil, banheiro adequado a alunos com deficiência

³ Disponível em: <<http://www.escol.as/178087-ce-ministro-raul-fernandes>>. Acesso em: 10/01/2018.

ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório, pátio coberto, pátio descoberto, alojamento de alunos, alojamento de professores, área verde e lavanderia.

O colégio promove vários projetos durante o ano letivo, como *Feira de Ciências*, *Café Literário*, *Raul no mundo*, *Feira da cultura africana*, *Releituras* (em que os alunos interpretam fragmentos literários em outros gêneros), entre outros, que mostram o envolvimento cultural e social do corpo docente com a formação dos alunos.

A escola conta com 827 alunos matriculados, oriundos de diversas localidades do município, além do Centro: bairros periféricos e distritos diversos (alguns destes com características mais rurais), o que denota uma diversidade sociocultural, econômica e ideológica, sendo esse mais um desafio para o professor atuar em sala de aula, respeitando as particularidades e heterogeneidade que há no colégio.

A turma escolhida para a realização das atividades é a 701, do 7º ano. Apesar de serem muito novos, falantes e agitados, tendo em média 12-13 anos, com exceção de uma com 15 anos, os 36 alunos (14 meninas e 22 meninos) que compõem a classe gostam de participar das atividades e sempre dão um bom retorno às propostas dos professores. Quando foram comunicados pelo professor-pesquisador de que sua turma fora a escolhida por ele para a realização do projeto, os adolescentes mostraram-se satisfeitos e muito interessados em participar.

3.3 Descrição da sequência didática: o letramento literário nas letras da Legião Urbana como descoberta de si e do mundo

Para o desenvolvimento das atividades, visando ao letramento literário em sala de aula, foi utilizado o modelo de sequência básica sugerida pelo professor Rildo Cosson (2016), no livro *Letramento literário: teoria e prática*. Esta obra foi muito importante para o desenvolvimento do trabalho, devido às etapas e ao planejamento que é preciso observar e seguir. As atividades realizadas pelos alunos também se valeram dos métodos criativo e recepcional das professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar, presentes no capítulo *Propostas metodológicas para o ensino de Língua e Literatura* (1983), presente na revista online *Letras de Hoje*. Os mesmos métodos são utilizados pelas autoras Maria Matos Pereira, Moema Cavalcante e Sara Regina Scotta Cabral, no livro *Metodologia de ensino da Literatura* (2013).

De acordo com Cosson (2016, p. 52), “a sequência básica do letramento literário na escola [...] é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação”.

Nesse sentido, a motivação prepara o leitor para receber o texto, sem que silencie o texto ou o leitor, exercendo uma influência sobre as expectativas deste, contudo sem o poder de determinar sua leitura. (Ibid., p. 56). A introdução consiste em apresentar o autor e a obra. (Ibid., p. 57). A leitura, como o nome já esclarece, é o momento em que os alunos leem o texto sugerido, sob acompanhamento do professor. (Ibid., p. 62). Por fim, a interpretação parte do entrelaçamento dos enunciados, com suas inferências, para que se chegue assim à construção do sentido do texto, a partir de um diálogo entre autor-leitor-comunidade. (Ibid., p. 64).

Os métodos de ensino utilizados têm a função de ajudar na criação de atividades que ajudem a fazer com que os alunos interajam e dialoguem com as letras escolhidas. O método criativo, segundo Bordini e Aguiar (1983, pp. 24-25), dá ênfase na livre expressão da subjetividade e tem os alunos como centro da sua própria aprendizagem, propondo um ensino não autoritário, uma vez que, ao criar, eles se resguardam de um sistema tradicional de ensino. Tal método é muito mais do que solicitar que os discentes desenhem ou dramatizem, mas sim que se realize um trabalho criativo na escola, mobilizando-os de forma integral, respeitando sua sensibilidade, sua cultura e sua consciência, fazendo-os postarem-se perante a sua existência, e dessa relação extrair significados do mundo.

Segundo as autoras, o método criativo procura encarar o aluno como indivíduo e ser social, valendo-se da intuição como forma imediata de conhecimento do mundo, bem como fazê-lo desenvolver suas habilidades de analisar, comparar, combinar, classificar e ordenar, fazer inferências e extrapolações, vinculando essas relações intelectuais à ação física e à prática social, nos produtos de suas atividades produzidas em sala de aula. Tal método implica numa ação educacional, fazendo com que o aluno se posicione de forma crítica diante da realidade, ajustando-se à sociedade que ele sonha. (Ibid., p. 29).

Pereira, Cavalcante e Cabral (2013, p. 19) acrescentam que tal método parte da produção textual e literária dos próprios alunos, que tem como principal característica a liberdade para desenvolver seus textos, tendo o professor como estimulador e orientador.

Em relação ao método recepcional, Bordini e Aguiar (1983, pp. 29-30) afirmam que este investiga a relação texto e leitor, a partir da lógica da pergunta e resposta. No texto, os alunos encontram aspectos que se referem ao seu mundo e têm que encontrar respostas às questões que o texto propõe. Assim, tal método valoriza o papel ativo do leitor na recepção, acentuando a função particular que a Literatura desempenha na sociedade por meio do seu

caráter emancipatório, levando o leitor não apenas à esfera da experiência estética, mas também da existência como ela pode ser vivida a partir de uma participação ativa do aluno diante dos textos. Nessa perspectiva, a turma se vê diante do seu horizonte de expectativas e o professor provoca o questionamento desse horizonte. Assim, há uma ruptura nesse horizonte de expectativas e, conseqüentemente, seu alargamento, problematizando o aluno, levando-o a refletir e promovendo uma mudança por meio de um processo contínuo.

Ainda quanto a esse método, Pereira, Cavalcante e Cabral (2013, p. 19) afirmam que, a partir de uma relação dialógica entre texto e leitor, este último procede a novas construções da realidade com o uso do seu conhecimento prévio, confirmando, questionando ou ampliando seu horizonte de expectativas.

A proposta, portanto, é que os alunos do 7º ano, a partir das leituras e audições literárias de canções selecionadas pelo professor-pesquisador, possam expandir seu senso crítico e sua observação sobre si mesmos e sobre o mundo à sua volta, alargando seus horizontes, a partir de letras que não são comuns ao seu cotidiano, usando ainda a criatividade.

As duas letras escolhidas pertencem ao repertório da banda de *rock* nacional Legião Urbana: “Tempo Perdido” e “Perfeição”.

Tal sequência foi desenvolvida em 9 encontros, cada um deles equivalendo a duas aulas com duração total de 90 minutos. A divisão foi feita em duas partes: a primeira com a canção “Tempo perdido” (4 encontros) e a segunda com a canção “Perfeição” (5 encontros). A seguir, faremos a descrição das duas partes. No entanto, é importante mencionar que, antes de dar início à intervenção, o professor optou por realizar uma diagnose, a partir de um questionário, com o intuito de conhecer os gostos e preferências musicais e de leitura dos alunos da turma 701, além de perguntas sobre o conhecimento deles acerca da Legião Urbana.

O questionário teve um total de 12 perguntas sobre o gênero musical que o aluno mais ouve; cantor, cantora ou grupo musical preferido; canções preferidas; citação de trechos de canções de que mais gosta; temas que as canções abordam; se as letras são de fácil entendimento e se a pessoa costuma tentar analisá-las; conhecimento ou não da banda Legião Urbana e de seu líder Renato Russo, citando algum título ou trecho de alguma canção; gosto por livros e preferências de leitura; livros preferidos; e predileção por ler ou por ouvir música.

Pelas respostas dos alunos, vimos que a preferência deles é pela música *gospel*, pelo *pop* internacional, pelo sertanejo universitário, pelo *funk*. Apenas 2 alunos afirmaram ouvir *rock* e 3 alunos, *rap*. Um aluno, curiosamente, gosta de música erudita e eletrônica. Não houve nenhuma menção à MPB.

Os cantores e grupos prediletos são Aline Barros, Gabriela Rocha, Alessandro Vilas Boas, MC HR, MC Bella, Henrique e Juliano, Shawn Mendes, Justin Bieber, Shakira, MC Pedrinho, Luan Santana, Kell Smith, Zé Neto e Cristiano, Marília Mendonça, Projota, Twent One Pilots, Black Veil Brides, XXX Tentacion, Austro House Hits, Patrick Horla, 1kilo, Fly, Anderson Freire, Imagina Samba, Trilogia, Dilsinho, Tá na Mente, Anitta, The Kashi 69, Lil Pump, YG, Rihanna, Maroon5, Tiago Iorc, Shakira, Luis Fonsi, Bruna Karla, Ludmila, Pablo Vittar, Alan Walker, Jotta A.

As músicas que eles mais ouvem geralmente abordam temas como amor, religião, “sofrência”, amizade, traição, problemas da vida, além de outros contendo linguagem considerada imprópria para a idade deles e relatos da vida nas comunidades do Rio de Janeiro contendo sexo e violência.

A maioria afirmou que as letras são de fácil entendimento, com exceção das letras em inglês, que muitos não compreendem a língua.

Quase todos os alunos nunca ouviram falar de Legião Urbana e Renato Russo. Apenas cinco garantem conhecer a banda e citaram canções como “Tempo perdido”, “Que país é este” e “Faroeste Caboclo”. Uma aluna citou ainda os versos de “Pais e filhos”: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã / Porque se você parar para pensar, na verdade não há”. Dois alunos ainda garantiram ter ouvido falar sobre a banda, porém não souberam citar nenhum título ou verso de alguma letra.

Essa diagnose foi importante para que o professor tivesse a consciência de que iria explorar canções que os alunos não conhecem e não têm o costume de ouvir no dia a dia, uma vez que pudemos observar que o grupo musical não faz parte da vida deles.

Como a escola possui duas agentes de leitura em horários estipulados pela manhã e à tarde, vimos na diagnose que muitos desenvolvem o hábito de pegar livros emprestados na biblioteca, e isso deve fazer muita diferença para muitos alunos. Entre as leituras preferidas, há contos de terror, suspense, humor, fantasia, entre outros. Outros, no entanto, preferem ler histórias em quadrinhos, mangás e a Bíblia. Em relação a livros com linguagem poética, apenas dois alunos informaram gostar de ler poesia, o que mostra que não é costume esse tipo de leitura no dia a dia deles.

Perguntados sobre preferir ler ou ouvir música, quatro escolheram ler por conter mais ensinamentos e mais conteúdo; um afirmou gostar dos dois; o restante prefere ouvir música por ser, nas palavras deles, mais divertido, relaxante, por inspirar, por permitir dançar e cantar, por preguiça de ler, ou simplesmente não responderam o motivo.

Essa afirmação dos alunos será importante, pois aproveitaremos um gênero que muito os atrai e os agrada, para que assim possamos trabalhar com a linguagem poético-literária nas letras de canção.

Depois desse momento, seguiu-se a sequência básica desenvolvida pelo professor, como veremos a seguir.

1ª parte: “Tempo perdido”, um olhar crítico do aluno sobre si

Essa canção de 1986, presente no álbum “Dois”, sugere que os alunos tenham um olhar reflexivo sobre si e sobre a juventude. O período em que foi composta é importante por significar uma época de início de redemocratização política, num momento que o jovem podia voltar a se expressar sem medo da repressão. Os anos 80 também trouxeram o avanço da AIDS, ainda sem cura em nossa época, o que ocasionou desespero aos jovens, condenando muitos à morte. Em meio a isso, o eu lírico busca formas de crescer e aproveitar seu tempo.

1º ENCONTRO

1º passo: Motivação

O professor propôs a seguinte situação aos alunos: o que cada um faria se ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos? Os três desejos seriam: um para voltar ao passado e mudar alguma coisa de que se arrependeu; um para o presente, podendo fazer algo no lugar de estar “preso” em sala de aula naquele instante; e outro para o futuro, projetando algo que deseja muito quando se tornar maior de idade. Foram dados alguns minutos para que eles pudessem pensar e fazer anotações. Depois desse primeiro momento, foi pedido que eles partilhassem suas respostas. O professor pôde intervir em alguns momentos com algumas perguntas.

Foi um momento que tocou muito na sensibilidade dos alunos, principalmente por se lembrarem de algum ente querido que não estava mais entre eles. Muitos projetaram ainda viagens, sonhos e alguma profissão com a qual desejam trabalhar.

A seguir, selecionamos algumas respostas anotadas:

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Queria ter passado mais tempo com o meu tio que morreu de câncer e eu sinto muita falta dele, não achei que ia sentir tanta falta.

Presente:

Queria que a minha mãe me desse mais atenção.

Futuro:

Quero que o mundo seja um lugar melhor e que o ser humano fosse mais cuidadoso com a natureza e não poluisse.

Figura 2: Atividade do aluno G.P.M.O.

A resposta do aluno G.P.M.O. nos mostra que ele sente falta do tio que faleceu e lamenta não ter tido mais tempo ao lado dele. Mostra ainda que sua mãe não está muito presente em sua vida e isso o incomoda. Sua resposta quanto ao futuro deixa claro que ele já tem consciência do cuidado com o meio ambiente, fugindo da resposta óbvia de realização pessoal.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Eu queria poder voltar no passado, para poder passar mais tempo com meu avô e com meu pai, porque meu avô se foi muito cedo, e meu pai se separou da minha mãe, eu tinha apenas 3 anos.

Presente:

No meu presente, eu gostaria de poder ir viajar, pra bem longe, gostaria de ir pra Cancun ou pra Disney, pois eu sonho com isso a muito tempo.

Futuro:

No futuro eu gostaria de trabalhar bastante, pra conseguir o que eu quero, alcançar todos os meus objetivos, e tentar me tornar uma estilista, e completar um curso de Engenharia Civil.

Figura 3: Atividade da aluna H.C.S.S.

A aluna H.C.S.S. mostra preocupação em relação à convivência com familiares (avô e pai) que não estão mais próximos a ela, e gostaria de mudar essa situação. Para o futuro, ela já pensa em uma profissão que lhe traga satisfação e estabilidade.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

impedir que meu pai batesse em minha mãe.

Presente:

Férias, mais internet.

Futuro:

Me tornar um grande cantor de trap

Figura 4: Atividade do aluno J.A.S.G.

A primeira resposta do aluno J.A.S.G. revela um problema constante nos lares brasileiros: a violência doméstica. Quanto a estar fazendo outra coisa que não fosse estudar, sua resposta é condizente com o pensamento de muitos adolescentes: estar de férias, ir à praia e usar a *internet* de modo despreocupado. Para o futuro, ser um artista famoso é o sonho de muitos na sua idade, que se espelham em seus ídolos da música e da TV.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Eu queria voltar para a creche. Porque lá eu não fazia nada.

Presente:

Eu queria estar em casa sem fazer nada, Porque eu não gosto de estudar.

Futuro:

Eu quero ser uma ótima médica, Porque esse é o sonho do meu avô.

Figura 5: Atividade da aluna L.R.T.

A aluna L.R.T. parece ainda confusa com o que pensa em relação ao passado, ao presente e ao futuro: queria voltar para a creche para não ter que fazer nada, queria estar em casa para que não precisasse estudar, mas quer ser médica de sucesso por ser um sonho (do avô, não dela). O que o professor tentou mostrar ao longo da conversa, mais adiante, é que para projetar uma profissão bem sucedida deve-se começar agora, no presente, pois o futuro começa nesse instante, com nossas ações. Pensar numa profissão que exige muito estudo deve fazer com que se dedique desde a educação básica com as disciplinas da escola.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Eu mudaria o dia em que meu avô morreu, porque quando mataram ele, minha mãe teve que sustentar 5 filhos sozinha e uma delas (minha mãe) estava grávida.

Presente:

Eu pediria muito dinheiro, para comprar muitas coisas.

Futuro:

Eu pediria para realizar meu sonho de ser professora, pois é uma profissão que eu admiro muito.

Figura 6: Atividade da aluna K.B.O.

Novamente, pela escrita da aluna K.B.O., temos a realidade de muitas famílias diante de fatos trágicos. Cada aluno tem sua história e muitos professores não sabem o que cada um passou em sua vida até aquele momento e como isso pode influenciar seu desempenho em sala de aula ou seu convívio com professores e colegas de classe. Para o presente, pensa em ganhar muito dinheiro, o que mostra já um reflexo do pensamento capitalista de consumir bens materiais. Quanto ao futuro, vale observar o desejo de ser professora, mesmo diante de

tudo o que falam sobre o profissional da educação nos meios de comunicação e da desvalorização que este sofre diante do governo.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Eu queria voltar ao passado, para ficar
mais com o meu pai porque ele se
separou da minha mãe quando eu tinha
2 anos.

Presente:

Nesse momento eu queria estar com
o meu pai porque, ele foge muito
pelo trabalho.

Futuro:

No futuro eu quero trabalhar no emprego
bom para ter minha própria casa.

Figura 7: Atividade da aluna M.S.L.

A aluna M.S.L. entende, como a maioria dos colegas de turma, a importância da família, e as mudanças no passado sempre se dão a partir de uma saudade ou de uma oportunidade não aproveitada. Isso permanece como um desejo atual, como pode ser visto na

resposta dela. Quanto ao futuro, ela pensa em ter um bom emprego e já tem o pensamento dos adultos de ser bem-sucedida para poder adquirir bens, como ter sua casa própria.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Ter cuidado dos brinquedos que minha mãe me deu quando eu era criança. Eu nunca tive cuidado com os brinquedos que ela me dava, e isso deixava ela triste.

Presente:

Poder chegar em casa e ficar o resto do dia sem discutir com minha mãe.

Futuro:

Ter um bom salário para poder comprar tudo o que minha mãe quiser e também ajudar pela família para ajudar as pessoas que precisam.

Figura 8: Atividade do aluno C.M.T.

O aluno C.M.T. recorda que deveria ter ouvido sua mãe e cuidado dos brinquedos que destruiu na infância. Esse pensamento é muito comum na transição entre essas duas fases: não entender que os conselhos de familiares muitas vezes são para o nosso bem, porém só valorizamos algum tempo depois.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Se eu voltasse ao passado pediria para eu poder falar tudo o que tenho que falar com a minha avó que hoje já faleceu, contar a ela que eu -
os amava.

Presente:

Eu quero muito ir para o país França conhecer a torre eiffel, tirar fotos perto da torre eiffel e ir também para Roma, conhecer o Coliseu.

Futuro:

Para o futuro eu pediria para ter uma vida feliz, e ser médica para salvar vidas, e ajudar minha família.

Figura 9: Atividade da aluna G.C.R.C.M.

A aluna G.C.R.C.M., como a maioria, gostaria de ter a chance de voltar ao passado e dizer que ama a quem não está mais presente em sua vida. Tem ainda o sonho de viajar e conhecer a França e pensa em ser médica e se dedicar ao outro. Interessante é ela pensar em algo que ninguém pensou: ser feliz, que independe da profissão escolhida ou de quanto dinheiro irá receber.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Voltar quando eu tinha 7 anos
na minha festa de aniversário, quando
minha família era mais unida e íamos
mais felizes, eu não eu sou feliz só
de saber que posso contar com eles
para tudo.

Presente:

Queria estar na Japão, Serho em
ir para lá.

Futuro:

Quero que no futuro eu tenha lançado
meu livro, que eu tenha uma família
feliz, que eu consigo (Mudar) o mundo,
fazer minha parte, ajudar famílias carentes,
salvar animais, ajudar crianças com
câncer, quero apenas ajudar...

Figura 10: Atividade da aluna R.D.G.S.

A aluna R.D.G.S. demonstra nostalgia ao querer retornar à festa de seu aniversário de 7 anos, pois a infância é a fase em que muitas pessoas acreditam terem sido mais felizes. É uma aluna que gosta de escrever suas histórias e versos, por isso tem o sonho de no futuro ter um livro publicado e ser feliz constituindo uma família, e pensa também em ajudar as pessoas carentes, os animais abandonados, as crianças com câncer, demonstrando que ela já está em processo de construção da cidadania, que supera o olhar exclusivo e egoísta somente para si e o estende ao outro.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Voltando no passado até o dia 2/6/2016
às 9:49 horas eu evitaria me vingar de
um colega de classe, assim evitando a queda
do meu clube que se manteve forte até então.
Evitando perder grandes amigos, importam-
-tem pessoas que me apoiaram nas horas difíceis,
e também evitando a reprimenda de muitos
pessoas.

Presente:

Atualmente eu iria falar com a garota que
gosto me declarando para ela, falando o
que sinto sem ligar de ir receber um
foram, ou amor recíproco.

Futuro:

Eu quero me tornar presidente da república
e mudar não só a nação, mas mudar
o mundo fazer do meu tempo no governo
um tempo de glória para a nação e o
mundo, antes do "acontecimento final!"

Figura 11: Atividade do aluno P.M.E.E.F.

O aluno P.M.E.S.F. é um dos mais comunicativos da turma e sempre gosta de opinar sobre diversos assuntos. Demonstra muito interesse pelas atividades e gosta muito de ler e buscar o conhecimento. Quanto ao desejo do passado, ele se arrepende de um erro cometido que poderia ter sido evitado, uma vingança na escola anterior que acabou gerando problemas para a ele e para as pessoas envolvidas. Ele foi o único a falar sobre um tema recorrente ao jovem: gostar de alguém e não ter coragem de se declarar. Quanto ao futuro, parece ter ideologia e pensa em transformar o país sendo presidente. O "acontecimento final" refere-se à sua religião, pois conversando sobre isso, ele tem convicção de que haverá uma nova vinda de Jesus para salvar o mundo.

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Se eu pudesse eu falaria para o meu tio Paulo o quanto eu amava e amo ele, e que ele é importante na vida da minha família, e que sentiremos muita falta dele e ficar mais tempo com ele, as festas em família no meu aniversário, e pedir perdão pela família o julgan pelo que ele é.

Presente:

Eu queria estar com a minha mãe e meu pai juntos na Espanha, porque eu sinto muita falta deles juntos na minha vida.

Futuro:

Quero me formar em Cirurgia Geral e ter uma carreira promissora na vida, e ajudar muitas pessoas.

Figura 12: Atividade da aluna M.P.T.S.C.

A aluna M.P.T.S.C. traz até nós mais um problema familiar: primeiro a homossexualidade do tio, que resultou em não aceitação e exclusão; depois, a separação dos pais. Gostaria de estar na Espanha, onde vive parte de sua família, e tem o desejo de poderem viver novamente juntos (ela, a mãe e o pai). A discente também tem o sonho de ser cirurgiã geral e ter sucesso na carreira, ajudando as pessoas.

Enfim, esse primeiro passo foi importante para que os discentes se preparassem para conhecer a letra com que iríamos trabalhar e sua temática sobre como o jovem vê e se relaciona a partir da certeza da transitoriedade do tempo.

2º ENCONTRO

2º passo: Introdução

O professor levou a turma à sala de vídeo, onde foi apresentado o projeto de pesquisa aos alunos, informando sobre as partes que o contém e seus principais objetivos.

Em seguida, foi apresentado um breve resumo sobre a vida e a obra da Legião Urbana e de seu vocalista e letrista, Renato Russo, por meio de um vídeo de 18 minutos e 33 segundos⁴ produzido pelo próprio professor, contendo um breve resumo da história da Legião Urbana, entremeada com fotos, videoclipe de “Que país é este”, reportagem da coluna do Nelson Motta (*Jornal da Globo*) sobre Renato Russo, vídeos com “Pais e Filhos” e “Será” ao vivo, trechos de letras... Essa introdução foi importante para que os alunos pudessem conhecer e se familiarizar com a banda. Por fim, o docente contextualizou a letra da primeira canção que seria ouvida. O professor, ao término dessa apresentação, respondeu a algumas perguntas feitas pelos alunos sobre Renato Russo (a respeito de sua morte, sobre a sua maneira de dançar e outras curiosidades).

O professor mostrou ainda todos os álbuns da Legião Urbana (de estúdio, ao vivo e coletâneas), além de vários livros sobre a banda e de seu letrista, mostrando a sua relevância para a música brasileira.

Esse momento foi importante para que os adolescentes percebessem que conheciam a banda mais do que eles imaginavam, mesmo que muitos, na diagnose, afirmassem nunca terem ouvido falar sobre a banda, não fazendo, provavelmente, a devida ligação das canções mais conhecidas ao nome da Legião Urbana. Não foram poucos os que comentaram ao final que haviam respondido não conhecer a banda no questionário, mas agora podiam dizer que já a conheciam.

3º passo: Leitura

Os alunos receberam uma folha contendo a letra de “Tempo Perdido” e fizeram uma leitura de reconhecimento, isto é, feita silenciosamente por cada um. Em seguida, foi feita uma leitura expressiva, a partir da audição da canção, para que eles ficassem atentos também

⁴ O vídeo está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EPx9HETHQPQ>>. Acesso em 24/01/2018.

à melodia e ao ritmo que acompanha a letra. Alguns afirmaram já tê-la ouvido antes. Houve ainda comentários sobre a voz do vocalista e a melodia, que consideraram curiosa e diferente.

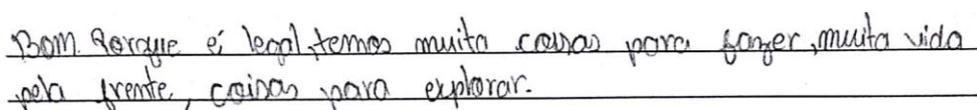
3º ENCONTRO

4º passo: Interpretação

Nesse momento, o professor fez uma discussão dirigida a partir da figura do jovem diante da sociedade, para que o aluno percebesse que há uma voz juvenil em toda a letra, com suas alegrias, tristezas, dramas, incertezas, medos e determinação. Explicou a diferença entre o autor e o eu lírico, e lembrou ainda a diferença que há entre linguagem conotativa e denotativa. Aproveitou ainda para dizer que, assim como o poema, a letra de canção também faz uso de versos e estrofes.

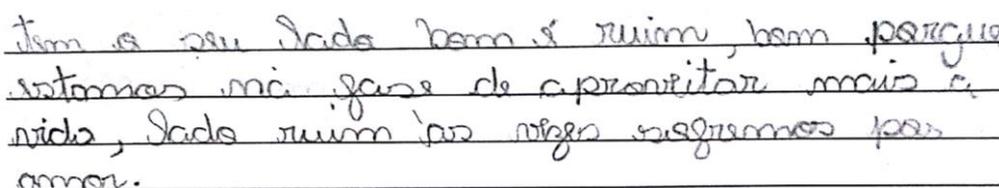
O professor deixou que eles falassem e partilhassem o que pensavam. Foram consideradas todas as respostas para as 4 perguntas que veremos mais adiante. Como o pesquisador precisasse de material escrito para este projeto, pediu que, após esse momento de partilha, eles escrevessem suas respostas.

1. O eu lírico, ou seja, a voz que fala na letra é a de um jovem. Ser jovem é bom ou ruim? Por quê?



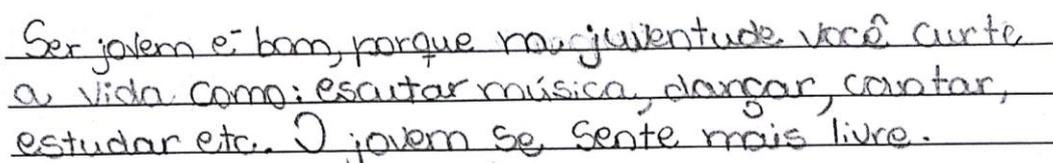
Bom porque é legal temos muita coisa para fazer, muita vida pela frente, coisas para explorar.

Figura 13: Fragmento de atividade do aluno P.V.B.



Tem a seu lado bom e ruim, bom porque estamos nos fase de aproveitar mais a vida, lado ruim por não seguirmos por amor.

Figura 14: Fragmento de atividade da aluna A.K.M.C.



Ser jovem é bom, porque na juventude você curte a vida como: escutar música, dançar, cantar, estudar etc. O jovem se sente mais livre.

Figura 15: Fragmento de atividade da aluna C.C.R.C.M.

Bom por um lado, que não precisa trabalhar, pode se divertir, e a única responsabilidade é estudar. E o lado ruim é que "solta" por amor, por vaidade, etc.

Figura 16: Fragmento de atividade da aluna R.D.G.S.

Ser jovem tem pros e contras, um dos pros é não ter aqueles problemas de adultos e poder ir para escola acumular experiência, os contras são problemas que parecem não ter solução e fico mais longe de objetos que só podem ser ^{acontecimentos com + de 18.}

Figura 17: Fragmento de atividade do aluno P.M.E.S.F.

As respostas dos alunos mostram que eles entendem que esta é uma fase boa, em que eles podem aproveitar mais a vida, mas ao mesmo tempo a maioria percebe que há problemas que o jovem precisa enfrentar, além de já haver responsabilidades que devem cumprir, principalmente em relação aos deveres escolares.

2. Quais as responsabilidades de ser jovem para consigo e para com o outro? Ou você acha que um jovem não deve ter responsabilidades? Comente.

Temos várias responsabilidades, uma delas é estudar para ter um futuro bom.

Figura 18: Fragmento de atividade da aluna N.O.S.S.

um jovem também precisa normalmente se lembrar na escola, respeitar os outros

Figura 19: Fragmento de atividade do aluno L.J.D.

Sim, há responsabilidades, estudar, pensar no futuro, "assumir a coisa", embora eu não faça muita coisa, KK!'

Figura 20: Fragmento de atividade da aluna R.D.G.S.

Respeitar, cuidar dos amigos, familiares, proteger
os amigos, estudar.

Figura 21: Fragmento de atividade do aluno G.P.M.O.

As respostas da segunda questão complementam as da primeira, pois os alunos no geral percebem que, apesar de boa, essa fase também contém seus riscos e problemas, suas dificuldades e, principalmente, responsabilidades. Tais responsabilidades, alguns já conseguem compreender, ultrapassam o simples fato de estudar ou ajudar nas atividades domésticas, mas já permitem um olhar de cuidado para com o outro, conforme pudemos ver no fragmento do aluno G.P.M.O. (figura 21): “Respeitar, cuidar dos amigos, familiares, proteger os amigos, estudar”.

3. Por que o eu lírico afirma que “Temos todo o tempo do mundo” e logo depois que “Não temos tempo a perder?”.

Dá a entender que nós vamos ignorar e achamos
que temos todo tempo do mundo, mas na realidade
não temos todo tempo porque tem que aproveitar
as coisas enquanto pode.

Figura 22: Fragmento de atividade da aluna C.S.S.S.

Por que às vezes queremos fazer algumas
coisas e não dá tempo por não ter tempo pra fazer
as coisas por isso não deve pra fazer amanhã
o que você pode fazer hoje.

Figura 23: Fragmento de atividade da aluna M.P.T.S.C.

Por que quando somos crianças o tempo passa
devagar, depois que ficamos velhos o tempo passa
muito rápido.

Figura 24: Fragmento de atividade do aluno K.N.T.

A gente pensa que temos muito tempo, mas na verdade o
tempo é mesmo curto. A gente tem muitos planos para a vida,
mas nem que temos tanto tempo assim.

Figura 25: Fragmento de atividade do aluno P.V.B.

Porque não sabemos o dia de amanhã,
então temos que fazer as coisas hoje...
"É preciso amar as pessoas como se não
houvesse o amanhã."

Figura 26: Fragmento de atividade da aluna N.O.S.S.

Não temos todo o tempo do mundo, mas não
podemos perder tempo porque não sabemos o
amanhã, temos que fazer o que queremos fazer.
Por exemplo se queremos visitar alguém temos que
visitar, pois não temos todo tempo do mundo.

Figura 27: Fragmento de atividade da aluna G.C.R.C.M.

As respostas dos alunos para a questão 3 demonstram que eles compreenderam o cerne do questionamento do eu lírico: o jovem acredita muitas vezes que esse período da vida é “eterno”, mas acaba se deparando com os compromissos, as dificuldades e a falta de tempo da fase adulta, que começam a se fazer presentes. Na fase adulta, parece mais difícil administrar o tempo, daí o pensamento de que a vida está passando rápido demais. A ideia de eternidade da juventude mostra, na verdade, que na maturidade descobrimos que o tempo é curto e há muito ainda por se fazer.

4. Renato Russo criou uma imagem poética na letra: “Veja o sol dessa manhã tão cinza: / A tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos”. Quais seriam as manhãs cinza e as tempestades que o jovem tem que enfrentar em sua vida?

Seria amor não correspondido, brigas de família -

Figura 28: Fragmento de atividade da aluna A.K.M.C.

As manhãs cinza e as tempestades na vida do jovem pode ser se a pessoa amar uma pessoa e perder esta pessoa.

Figura 29: Fragmento de atividade da aluna G.C.R.C.M.

Manhãs cinzas e tempestades seriam quando
estamos com problemas e devemos selecionar
no sol que vive o lado bom das coisas

Figura 30: Fragmento de atividade do aluno L.J.D.

O Bullying por que alguns jovens não sabem
lidar com isso e ~~cometem~~ suicídio
cometem

Figura 31: Fragmento de atividade da aluna I.S.

decisões e conseqüências que irá enfrentar
na vida.

Figura 32: Fragmento de atividade do aluno G.P.M.O.

Quando jovens sofremos variáveis humorísticas
e psicológicas, então tem dias que acordamos
vemos um dia cinza como manhã sem graça,
e as supostas tempestades são os acúmulos
de enfermidades em ^{um} momento só; acabamos
confundindo pensamento com sentimento, no
caso amores platônicos.

Figura 33: Fragmento de atividade do aluno P.M.E.S.F.

A última questão foi importante para que os alunos, tendo sido reforçada pelo professor a ideia de conotação, usassem a imaginação e fizessem a ligação poética entre a linguagem figurada com os seus possíveis significados. Eles entenderam que não há respostas fechadas, mas sim múltiplas formas de compreender “o sol dessa manhã tão cinza” e “a tempestade que chega”, a partir de suas experiências e de seu conhecimento de mundo. Perceberam ainda que essas expressões, no contexto da letra, levam a pensar sempre em problemas na vida do jovem.

A partilha foi considerada muito produtiva pelo professor, que deixou os discentes à vontade para darem sua opinião, participarem, refletirem sobre tantos assuntos ligados à juventude e usarem a criatividade a partir da linguagem conotativa.

Encerrando esse momento, o professor pediu que os alunos pensassem na atividade da motivação sobre os três desejos (passado, presente e futuro) e na leitura e audição de “Tempo Perdido”, refletindo sobre o tema da canção em relação à vida de cada um. O professor deixou

espontaneamente que todos falassem. Algumas respostas, anotadas depois em uma folha, foram as seguintes:

Que somos passageiros na vida e ninguém pode mudar o destino mas pode aproveitar os melhores momentos da vida e posso tentar escrever o meu próprio destino e eu quero deixar a minha marca no mundo porque logo estarei em outro lugar.

Figura 34: Atividade do aluno G.P.M.O.

Para mim é tudo tempo perdido, o que eu queria mesmo eu perdi, agora o que me resta é o que está para vir, felicidade ou tristeza, qual a importância, a minha vida é a gente, mais temos que aprender a enfrentá-la também, temos duas vidas da vida mais temos que escolher um.

Figura 35: Atividade do aluno P.V.B.

O passado já passou não temos mais como voltar, o presente é a gente seguir em frente, não temos tempo a perder aí. Seja fazer tudo o que tem que fazer. E o futuro não sabemos, temos que fazer tudo no presente.

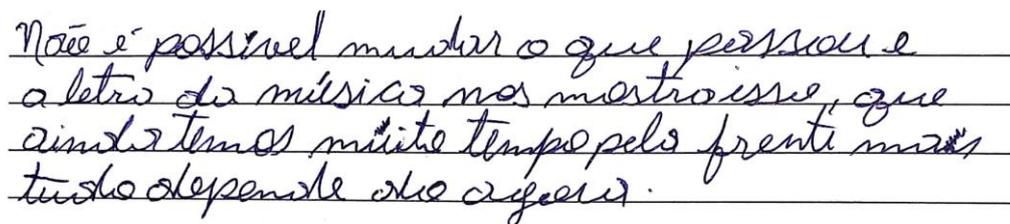
Figura 36: Atividade da aluna G.C.R.C.M.

Que devemos aproveitar as coisas da vida e de hoje, pois quando acabar não poderemos mais fazer voltar.

Figura 37: Atividade da aluna H.C.S.S.

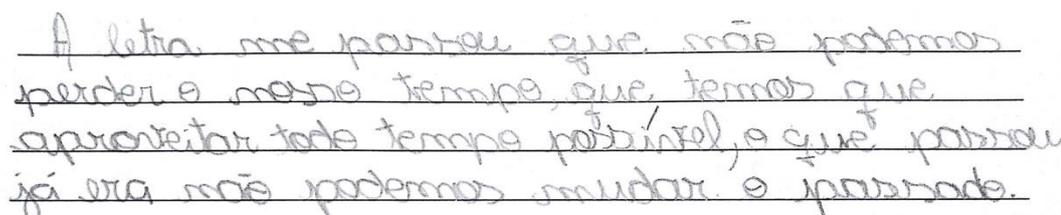
Podemos refletir sobre que nós não podemos mudar o passado, que temos que viver o presente e o futuro só depende de nós.

Figura 38: Atividade da aluna K.B.O.



Não é possível mudar o que passou e a letra da música nos mostrou, que ainda temos muito tempo pela frente mas tudo depende de agora.

Figura 39: Atividade do aluno P.M.E.S.F.



A letra me mostrou que não podemos perder o mesmo tempo, que temos que aproveitar todo tempo possível, o que passou já era não podemos mudar o passado.

Figura 40: Atividade da aluna N.O.S.S.

Vale ressaltar que muitas respostas foram parecidas, com algumas pequenas variações, o que deixa claro que os alunos entenderam a mensagem da letra, relacionando-a às suas experiências pessoais: é preciso entender o ciclo do tempo, pois muitas coisas que passaram não voltarão mais, por isso é importante viver e aproveitar ao máximo cada momento, pois o futuro é consequência de nossos atos no presente.

4º ENCONTRO

Dando continuidade à etapa de interpretação, o professor sugeriu que os alunos escrevessem uma carta ou mesmo uma página de um diário (visto que este último gênero pode ser mais familiar, pois foi trabalhado no 1º bimestre) para si mesmos, para que eles a recebam daqui a dois anos e a releiam de forma reflexiva, ou seja, no final de 2019, quando estiverem concluindo o Ensino Fundamental II e se preparando para iniciar o Ensino Médio. Nesse texto, eles poderiam fazer reflexões, previsões, dar conselhos, imaginar como estarão em dois anos (a maioria estará com aproximadamente 15 anos), dar orientações a si mesmos para não cometer os mesmos erros do passado, comentar sobre sua vida, seus estudos, sobre as pessoas que são importantes em sua formação, sobre amor e amizade, sobre o que pensam em fazer durante esse tempo, enfim, eles poderiam escrever e conversar com eles mesmos sobre o que quiserem. Os alunos gostaram muito da ideia e se lançaram à produção da carta para si mesmos com muito entusiasmo.

Vale mencionar que, devido ao tempo reduzido, não foi possível que o professor fizesse uma leitura com vistas a corrigir desvios gramaticais, ortográficos ou de pontuação, assim como não era o objetivo da atividade, ou mesmo com sugestões a acrescentar,

devolvendo as cartas para serem ajustadas e para que os alunos fizessem a devida refacção. No entanto, o professor se colocou à disposição para que eles perguntassem e tirassem dúvidas em relação a algum elemento textual, o que de fato ocorreu com alguns.

Após escreverem, o professor informou que, se sentissem à vontade, partilhassem suas experiências e expectativas, ou mesmo lessem para a turma sua produção. No entanto, por serem cartas que eles consideraram muito particulares, os alunos preferiram mantê-las no privado, pedindo que o professor as lesse apenas quando estivesse produzindo sua dissertação.

Antes que eles lacrassem suas cartas dentro dos envelopes, o pesquisador fotografou todos os textos para uso posterior neste projeto. Depois de escreverem os nomes no envelope e as entregarem, as cartas foram colocadas dentro da cápsula do “Tempo perdido” diante de todos e com a ajuda de alguns. O professor prometeu reabri-la e entregar todas as cartas no final do ano letivo de 2019, o que provocou muita animação e ansiedade à turma. Ao selar a cápsula com adesivos, os alunos colocaram suas iniciais no lacre.



Figura 41: Cápsula do “Tempo perdido”.

A seguir, apresentamos algumas produções dos alunos, contendo seus sonhos, anseios e desejos para 2019.

06/11

Olá, [REDACTED], não esqueça de seus amigos e não esqueça quem você é porque se você mudar pode perder as pessoas que você gosta e se mudar mude para melhor para conseguir os mais amigos, quero que você tenha a certeza que eu tenho hoje e sempre seja bondoso, mas momentos ruins lembre dos momentos bons, porque não temos tempo a perder, parece que você sempre vai ter as pessoas que ama mas saiba que a vida vai te fazer chorar, rir e ser feliz só você ~~você~~ sabe o todo momento desde agora até aí que está sendo mas não esqueça que você sempre pode contar com "meu amigo" diga nos pensamentos e deixe as pessoas te ajudarem.

[REDACTED]

Figura 42: Produção de carta do aluno G.P.M.O.

Vassouras, 6 de novembro de 2017.

Olá [REDACTED], eu espero que aqui a 2 anos você tenha juízo, sabedoria e muita felicidade. Eu não sei como você será aqui a 2 anos, mas estuda bastante, porque através do estudo você consegue algo na vida, como uma vida boa por exemplo. [REDACTED], espero que você seja uma menina boa, caprichosa, que você tenha responsabilidade e dar o seu melhor em tudo. Siga em frente e esqueça o que já se passou. Faça coisas boas no presente que eu te garanto que seu futuro será muito feliz. Tudo de bom que você tem que fazer, faça agora. Beijos e abraços, quero ver em você todas as características que estão escritas na carta.

Ass. [REDACTED]
[REDACTED]

Figura 43: Produção de carta da aluna G.C.R.C.M.

Vassouras, 06 de novembro de 2017

Oi [redacted], Tudo Bom

É já se passaram dois anos né, com muita alegria e também de tristezas e você já está aí no nono ano terminando o ensino fundamental, lembre-se de tudo que você já conquistou e aquilo que você não conquistou. Afinal nem foi tempo perdido. Somos tão jovens!!!

Seque os seus sonhos sempre em frente não temas, toda a tempo do mundo, quero ver você correndo naquilo que você ama, não lembre daquilo que ficou pra trás, e amim e que venha pela frente quero ver você sempre sorrindo.

Beijos da [redacted]!!!

Figura 44: Produção de carta da aluna I.S.

06/11/2017

KK Iai [redacted] do Futuro?!

Já inventaram como voocar e
Pizza de chocolate?

será que meu eu de agora ainda
é "eu"?! , deixa de ser trezeano
e vai se feliz!

Não perca as suas amizades mais
preciosas! seja inteligente, fofo,
amigo, para de ser triste menina,
para de chorar, chorar não vai mudar
nada! ninguém liga KK! , a propósito
ainda fez palmintas? não sei se
Você lembra, mas Você queria ser
escritora KKK, parabéns pelas coisas
que conquistou nesse tempo, e se
coisa não conquistou nada, Você? tá
pior que eu heim! , Ah não para Você
sou eu?!, BJS, e eu tô do lado pra
colocar como sou eu com 15 Anos

ASS: Você? mesmo 

Figura 45: Produção de carta da aluna da aluna R.D.G.S.

Vassouras, 6 de novembro de 2017.

Oi [redacted] do futuro, há 2 anos atrás escrevi essa carta para você e peço que leia com muita atenção!

Espero que você esteja muito feliz e com muita saúde. Quero te pedir para que nunca se esqueça do quanto bom foi o ano de 2017, apesar das dificuldades e tristezas, foi um ano de muito amor e alegria. Você conheceu tantas pessoas novas, formou novas amizades, festejou muito, fez tantas coisas que se eu citar todas vão precisar de umas 5 folhas dessas KKKK

Te desejo tantas coisas, mas acima de todas elas te desejo muita fé e que você seja muito abençoada!

Também peço a você que não seja tão tristonha por favor KKKK!

Continue linda meu amor, deixe sua marca por onde passar! Faça as coisas acontecerem, não deixe de ser você mesma! É um recado pra que não goste de você (EU): "MORRE QUE PASSA BEBÊ!"

Muitas felicidades Amor da minha vida, muitas beijos e abraços, Tchazimbo meu bem!

Figura 46: Produção de carta da aluna K.B.O.

2ª parte: “Perfeição”, um olhar crítico do aluno sobre o mundo

Tendo passado o momento de o aluno olhar para si, como um processo de autoconhecimento, de construção da autonomia e de formação da sua identidade, propomos o olhar crítico para fora de si, para o mundo. Algumas das atividades foram realizadas em grupo, uma vez que — segundo o professor informou à turma — olhar criticamente para os problemas do país exige participação e união, pois assim se torna possível construir a cidadania.

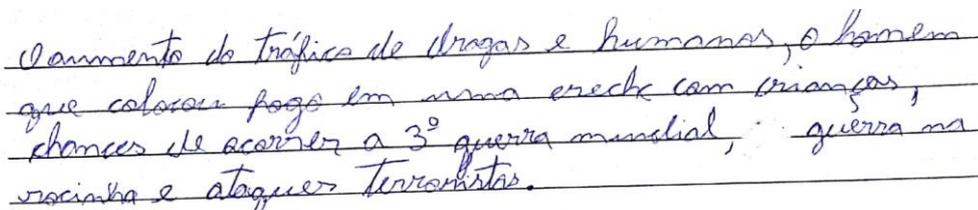
“Perfeição”, canção de 1993, presente no álbum “O descobrimento do Brasil”, propõe que os alunos tenham um olhar crítico diante dos problemas do país e procurem enxergar a esperança que cada um deve ter para que o mundo possa ser um lugar melhor para se viver, com a participação ativa de todos.

5º ENCONTRO

1º passo: Motivação

O professor motivou os alunos a falarem sobre o país, sobre suas belezas e problemas, sobre o povo brasileiro e suas atitudes no dia a dia. O que eles mais veem na TV? Quais as notícias boas e ruins que leram ou ouviram recentemente? O que os jornais e telejornais mais mostram? Será que também não ajudamos a espalhar notícias ruins quando fazemos fofocas no colégio ou compartilhamos imagens e vídeos de brigas, violências, e ainda achamos engraçado? Foi deixado que os alunos falassem sob mediação do docente, partilhando suas ideias sobre o assunto. Para a realização da pesquisa, com fins de registro, foram entregues folhas com perguntas para que as respostas partilhadas em grupo fossem anotadas. Apresentaremos as perguntas, assim como algumas respostas:

1. Cite uma notícia negativa que você tenha lido ou ouvido recentemente.



Aumento do tráfico de drogas e humanas, o homem que colocou fogo em uma escola com crianças, chances de ocorrer a 3ª guerra mundial, guerra na Ucrânia e ataques terroristas.

Figura 47: Atividade do aluno C.M.T.

Terrorismo na Síria do norte e Estados Unidos.
O tráfico no Rio de Janeiro, dezenas de policiais e
vítimas inocentes morreram.
Um homem que colocou fogo na creche.
Hospital não tem recurso para investir na Saúde

Figura 48: Atividade da aluna G.C.R.C.M.

A notícia que eu recebi recentemente, que
assaltaram minha avó, me preocupa dela.

Figura 49: Atividade da aluna H.C.S.S.

Uma notícia negativa é que a velha cidade de
Beirute não pertence mais a Israel e sim a Síria.
O Brasil está entre os países que mais matam.
Nossos representantes políticos nos roubam.
Líderes mundiais não se entendem e comen-
çam iniciar a terceira guerra mundial.

Figura 50: Atividade do aluno P.M.E.S.F.

Um aluno que sofria bullying, pegou uma arma e matou
dois alunos de sua escola.

Figura 51: Atividade da aluna K.B.O.

As respostas nos mostram que eles têm conhecimento do que acontece à sua volta, citando problemas do Brasil e do mundo, até mesmo locais, como a aluna H.C.S.S., que mencionou o assalto que a sua avó sofreu. Outros problemas foram lembrados, como o governo Temer, o rompimento da barragem de Mariana-MG (que mesmo já tendo ocorrido há dois anos, ainda afeta o meio ambiente e as famílias locais) e tragédias provocadas pela fúria da natureza em alguns lugares do mundo, como os furacões Irma e José.

2. Cite uma notícia positiva que você tenha lido ou ouvido recentemente.

O Brasil tem o sistema eleitoral mais moderno e seguro do mundo, territórios que ele havia perdido agora foram reconquistados.
Evoluções constantes na medicina.

Figura 52: Atividade do aluno P.M.E.S.F.

Eu vi na TV uma org que convertava brinquedos e doavam para crianças.

Figura 53: Atividade do aluno G.P.M.O.

Muitos alunos tiveram dificuldade em se lembrar de alguma notícia positiva que tivesse acontecido recentemente. Por isso, deixaram em branco ou simplesmente responderam que não conseguiam se lembrar de nada. Essa dificuldade ajudou a refletirmos sobre a próxima questão.

3. Os meios de comunicação e as pessoas em geral nos apresentam mais que tipo de notícia, positiva ou negativa? Por que você acha que isso acontece?

Negativa, pois dá mais audiência, hoje em dia as pessoas estão nem aí para as notícias boas, preferem ver a desgraça dos outros.

Figura 54: Atividade da aluna N.D.O.E.

negativa, porque causa mais impacto e porque as pessoas incentivam a violência.

Figura 55: Atividade do aluno G.P.M.O.

Não foi difícil para que os alunos chegassem a um consenso e percebessem que os meios de comunicação, em especial os jornais e programas televisivos, anunciam mais as notícias negativas, uma vez que estas são as que dão mais audiência e são as que provocam maior interesse entre as pessoas.

4. O que você esperaria do conteúdo de um texto ou de uma notícia cujo título fosse “Perfeição”?

Esperaria notícias otimas, por exemplo
que a poluição tivesse acabada, que não
tivesse mortes, que hospitais melhorasse
os atendimentos com as necessidades, etc...

Figura 56: Atividade da aluna N.O.S.S.

O presidente temer não da Comanda, acaba a
Corrupção no mundo, por as tiratias nas
parcelas, acaba a guerra na Síria, e muito mais
coisas (Acaba o preconceito, o racismo e o
Bullying).

Figura 57: Atividade da aluna M.P.T.S.C.

Esperaria notícias otimas, como menos
mortes, hospitais com melhor atendimento,
menos assaltos etc...

Figura 58: Atividade da aluna A.C.S.

Essa última pergunta fez com que muitas respostas positivas surgissem. Além das apresentadas acima, mencionaram a paz mundial, a cura do câncer, o Brasil se tornar uma superpotência mundial, entre outras notícias que sugerissem “perfeição”.

Esse primeiro passo foi importante para preparar os alunos diante da temática da próxima canção, que traz versos contundentes sobre a realidade do país e dos diversos problemas que afligem a população.

2º passo: Introdução

Após o 1º passo, o professor apresentou a próxima canção que seria trabalhada, “Perfeição”, que faz uso do recurso da ironia. Foi explicado também que a banda escreveu muitas canções de protesto criticando os problemas do país, como a mais conhecida de todas, “Que país é este”, que mostra a indignação com a situação do país e, mesmo sendo antiga (escrita em 1978), continua sendo atual, como tantas outras canções da Legião Urbana. O professor lembrou ainda o contexto em que ela foi lançada, mencionando o *impeachment* que o presidente Fernando Collor de Mello sofreu em 1992, após denúncias de corrupção em seu

governo. Diante disso, em 1993 — época em que a canção foi composta —, o Brasil passava por uma enorme crise em diversos setores, além de ser um período de muita desesperança e pessimismo para o povo. O professor mencionou que a canção se divide em 5 partes, prevalecendo a todo momento uma crítica contundente, iniciando a maioria dos versos com “Vamos celebrar” seguidos de algum problema social. O aluno P.M.E.S.F. comentou que se tratava, portanto, de uma ironia, o que foi propício para que o docente explicasse essa figura de linguagem, dando exemplos simples a partir do cotidiano dos adolescentes.

3º passo: Leitura

Os alunos receberam a letra de “Perfeição” e fizeram uma leitura de reconhecimento. Em seguida, foi feita uma leitura expressiva, a partir da audição da canção, para que eles ficassem atentos também à melodia e ao ritmo. A canção, como já havia sido informado, é dividida em 5 partes, no entanto o professor retirou da folha a sua última parte e deu pausa quando a canção se aproximava para o seu final, o que gerou comentários dos alunos, curiosos por saber o que continha a parte que estava faltando.

6º ENCONTRO

4º passo: Interpretação

O professor dividiu o momento da interpretação em 4 momentos. O 1º foi uma pequena produção textual em grupos: com a letra incompleta em mãos, eles deveriam imaginar como seria o final da canção, a quinta parte. Foi um momento para usar a criatividade, e o professor deixou claro que eles não deveriam se preocupar com um final correto, tal como constava na letra original. O que importava, muito mais, era a criatividade ao analisar todo o contexto da letra. Concluindo essa primeira parte da interpretação, os alunos partilharam suas produções e tiveram que comentar por que escolheram esse final para a canção.

Boas produções foram apresentadas, seguidas de suas justificativas, como podemos observar a seguir:

5

Vamos comemorar a ignorância
Esse povo tão leigo por falta da credade
Querendo acabar com a nossa felicidade.
Mesmo não tendo muita idade, já sabem da credade.

As essas pessoas corruptas que não valem nem exceder
Jogando dinheiro por cima de tudo para ninguém saber
Onde esse mundo vai parar
A cada notícia que eu vejo está me fazendo piorar.

Por que vocês escreveram esse final para a canção?

Exercencemos pensando na realidade do Brasil, pois é isso
que está acontecendo de credade.

Figura 59: Produção dos alunos C.M.T. e L.J.D.

5

Vamos comemorar a morte
Vamos cantar e rir enquanto outros morrem
na beira desse precipício que é a sociedade
O racismo bate na porta de quem trabalha uma vida
A sociedade incoerente e invejosa
Fala mal de quem não conhece
negro, branco, rico, pobre o que importa se o sangue é igual
A violência aumenta sem escala sem estudo e a vida segue

Por que vocês escreveram esse final para a canção?

Porque é a realidade vivida hoje.

Figura 60: Produção dos alunos E.S.S., U.S.A., P.H.G.P. e G.P.M.O.

Vamos acalhar com a guerra.
 Acalhar com a depressão
 Vamos alimentar o mundo com amor e compreensão.
 Vamos arrastar o peso.

É acalhar com a derrota
 Assim eu termino.
 Com o fim dessa história

Por que vocês escreveram esse final para a canção?

Bom, a gente querio diferenciar, ao
 invés de falar de coisas ruins, e tristes a
 gente decide falar sobre coisas boas e
 legais, além de mais, o mundo não
 a so feita de tristezas e infelicidades,
 no mundo, na fundinha do coração de
 todo mundo existe amor e carinho
 e tem certeza que tudo vai mudar.

Figura 61: Produção das alunas R.D.G.S., A.C.S., A.K.M.C., N.D.O.E. e N.O.S.S.

5

Vamos festejar as drogas
E o mau trata aos animais
Vamos comemorar a falta de amor no mundo
Vamos arrumar briga.

Vamos sair quebrando tudo
Matando pessoas em todos os lugares
Vamos roubar
Vamos beber os colegas

Por que vocês escreveram esse final para a canção?

Porque eu e a minha amiga achamos
que combina com o tema da música.

Figura 62: Produção das alunas K.B.O. e L.C.L.B.

5

Vamos festejar a imperfeição do mundo,
De todas as coisas que o ser humano não tem direito,
Vamos ser compreensivos, deixarmos de ser incapazes
de entender o que o mundo tem a nos oferecer.

Vamos deixar de ser estúpidos, e tentar entender
uma razão que hoje em dia está um horror.
Vamos mudar para melhor o mundo
que hoje em dia está na pior.

Por que vocês escreveram esse final para a canção?

Porque o mundo, mesmo com o passar do tempo,
continua do mesmo jeito que a música fala.

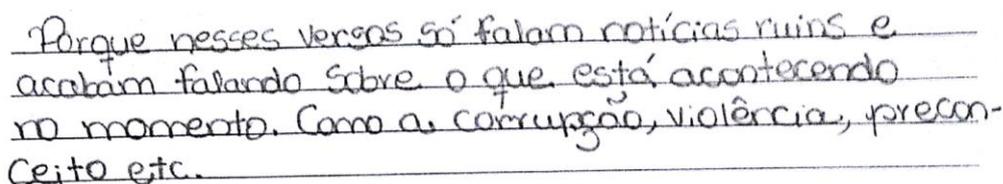
Figura 63: Produção das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.

7º ENCONTRO

Antes de iniciar o 2º momento da interpretação, o professor entregou a última parte da canção. Os alunos colaram o trecho que faltava na folha contendo a letra e ouviram a canção novamente, desta vez na íntegra. Houve comentários se o último trecho se aproximou do que eles imaginaram nas suas produções. Foi visto que poucos mudaram o foco para o lado positivo, tendo a maioria mantido o tom pessimista, como pudemos observar nas produções apresentadas.

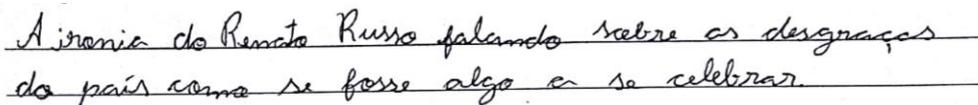
Depois, o pesquisador fez perguntas para que os alunos partilhassem suas percepções sobre a letra: em primeiro lugar, o que sentiram ao ouvir as partes irônicas; depois, a parte esperançosa. O professor perguntou ainda sobre o que pensavam agora sobre o título e o conteúdo da letra, e essa discussão foi importante para ver a mudança de expectativas que havia antes de ouvir a canção. Lembrou que a última parte contém uma conotação, e lembrou novamente o que isso significava. Para fins de registro, o professor entregou uma folha contendo 3 perguntas para que colocassem o resultado das discussões.

1. O que mais chamou sua atenção nos versos da primeira à quarta parte? Por quê?



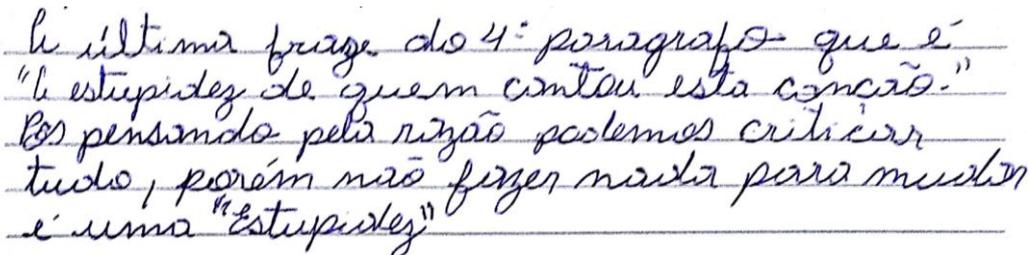
Porque nesses versos só falam notícias ruins e acabam falando sobre o que está acontecendo no momento. Como a corrupção, violência, preconceito etc.

Figura 64: Atividade das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.



A ironia do Renato Russo falando sobre as desgraças do país como se fosse algo a se celebrar.

Figura 65: Atividade das alunas K.B.O. e L.C.L.B.

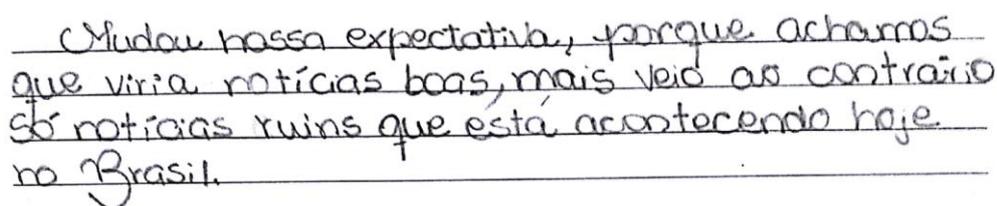


É a última frase do 4º parágrafo que é "a estupidez de quem contou esta canção." Por pensar pela razão podemos criticar tudo, porém não fazer nada para mudar é uma "estupidez".

Figura 66: Atividade do aluno P.M.E.S.F.

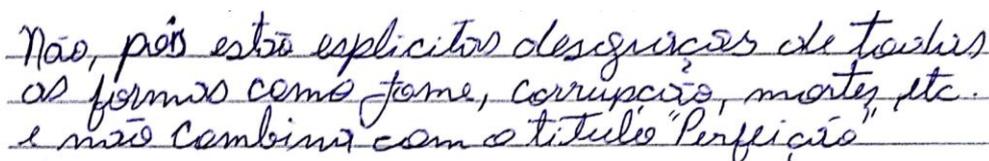
As respostas, no geral, mostram a surpresa dos alunos em versos cuja ironia celebra um país com tantos problemas. No entanto, eles entenderam o que de fato provoca essa ironia e perceberam que na verdade o eu lírico se propõe a fazer uma denúncia contra esse quadro de estupidez e ignorância.

2. A expectativa ao ler essas partes da canção estava de acordo com o que vocês pensavam sobre o título “Perfeição” no início da atividade (motivação)? Explique.



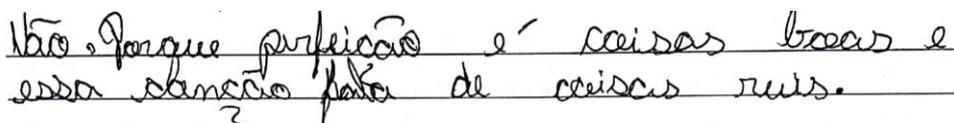
Mudou nossa expectativa, porque achamos que viria notícias boas, mais veio ao contrário só notícias ruins que está acontecendo hoje no Brasil.

Figura 67: Atividade das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.



Não, pois estão explícitos desgruças de coisas os formos como fome, corrupção, mortes etc. e não combina com o título "Perfeição".

Figura 68: Atividade do aluno P.M.E.S.F.



Não, porque perfeição é coisas boas e essa canção fala de coisas ruins.

Figura 69: Atividade das alunas K.B.O. e L.C.L.B.

Essa questão foi importante para que o professor percebesse ter havido um consenso entre todas as respostas: a expectativa do início, ao saber do título da canção, mudou depois de ler a letra e ouvir a canção.

3. Na última parte da canção, como pudemos ler e ouvir, surge a esperança (a “Perfeição”) por meio de uma linguagem figurada, expressiva, conotativa: “Venha, meu coração está com pressa / Quando a esperança está dispersa / Só a verdade me liberta / Chega de maldade e ilusão. // Venha, o amor tem sempre a porta aberta / E vem chegando a primavera – / Nosso futuro recomeça: / Venha, que o que vem é perfeição”. O que esses versos sugerem? Por que o amor é tão importante para as pessoas? Qual seria o sentido da chegada da primavera para o nosso país e para o nosso povo?

Esses versos sugerem esperança, que nosso país não é um país tão ruim. O amor é importante porque ele ajuda a gente se reerguer, fazer bondade ao próximo. Chegaria coisas boas. Que o presidente do Brasil aja de forma respeitosa com o povo brasileiro, parando de roubar o dinheiro do povo. E que o Senado vote para que o impeachment seja feito e que a violência acabe.

Figura 70: Atividade das alunas G.C.R.C.M., M.P.T.S.C. e H.C.S.S.

O amor ao próximo, respeito e união é referente a parte "Venha amor tem sempre a porta aberta" e a parte "E vem chegando a primavera" se refere a chegada de uma nova era onde a paz e todas as coisas boas são abundantes.

Figura 71: Atividade do aluno P.M.E.S.F.

O amor é importante para respeitar um ao outro, ter confiança, etc...
O sentido da primavera é que coisas novas estão vindo, por exemplo melhorar a educação nas escolas, melhorias nos hospitais, mais pessoas honestas no país, etc...

Figura 72: Atividade das alunas R.D.G.S., A.C.S., A.K.M.C., N.D.O.E. e N.O.S.S.

As respostas da 3ª questão foram muito boas, pois havia uma liberdade em dar sentido às imagens que a letra sugere, e os alunos alcançaram os objetivos. Importante ainda foi o professor deixar claro que não havia respostas erradas, pelo contrário, esses versos se abrem a múltiplos significados por conterem uma linguagem simbólica, figurada. Em sintonia com o tom social da letra, os alunos citaram uma melhoria nas atitudes do povo e nos serviços públicos básicos.

Após esse momento, o professor iniciou a 3ª parte da interpretação, levando os alunos a refletirem sobre o conceito de cidadania, sobre direitos e deveres que já começam desde cedo. Desse modo, fomentou uma discussão e uma partilha sobre como eles observavam a rua, o bairro, a cidade onde moram, pensando nos aspectos positivos e negativos, e como cada

um pode agir localmente para tornar o meio em que vivemos um lugar melhor. O pesquisador deixou claro para eles que isso se chama cidadania.

Após ouvir todos que queriam comentar, dando sua opinião, o professor entregou uma folha com perguntas, para que eles, individualmente, colocassem o resultado de suas próprias reflexões.

1. Observe a sua rua, o seu bairro, a sua cidade.

a) Quais são os aspectos negativos que você vê à sua volta?

- Lâmpadas queimadas, quebradas
- Buracos nas calçadas.
- Quando chove, as luzes acabam.
- O desinteresse do governo em consertar casarões históricos da cidade.
- Quadra que ainda não foi coberta.

b) E os aspectos positivos? Quais são?

- Postos de Saúde.
- Colégios Públicos.
- Hospital, no Rio de Janeiro os hospitais estão uma vergonha, pessoas nem conseguem se consultar, pelo menos em várias vezes não pronto de sorriso e conseguimos ser atendidos.
- Cidade pequena, não tem muita violência.

c) O que falta na nossa cidade para que ela seja "perfeita"?

O governo investir e consertar os problemas que eu citei na questão 1 letra a. E os cidadãos respeitar seus direitos e deveres.

2. Todos temos direitos e deveres na sociedade, como cidadãos que somos. Para você, o que é ser cidadã(o) no local onde moramos?

- Respeitar o próximo.
- Nós temos o direito de estudar em escolas. O mínimo que podemos fazer é ter educação.
- Respeitar o local onde moramos como por exemplo jogar lixo no lixo.

Figura 73: Atividade da aluna G.C.R.C.M.

1. Observe a sua rua, o seu bairro, a sua cidade.

a) Quais são os aspectos negativos que você vê à sua volta?

As calçadas que estão em mal-Estado, os Bueiros
estão sempre destampados,, os prédios
Históricos que estão caídos e as ruas
esburacadas etc..

b) E os aspectos positivos? Quais são?

As Escolas públicas que são muito boas,
os postos de Saúde,, Jardim etc..

c) O que falta na nossa cidade para que ela seja "perfeita"?

Falta investimento do governo para
reforma os prédios antigos, arrumar as
ruas e calçadas etc..

2. Todos temos direitos e deveres na sociedade, como cidadãos que somos. Para você, o que é ser cidadã(o) no local onde moramos?

Ter o direito de um ensino de qualidade,
Ter direito de uma saúde melhor.
Ter o dever de

Ter o dever de Não sujar as ruas,
Ter o dever de Respeitar as estatuas Históricas

Figura 74: Atividade da aluna M.P.T.S.C.

1. Observe a sua rua, o seu bairro, a sua cidade.

a) Quais são os aspectos negativos que você vê à sua volta?

O descaso dos nossos líderes políticos em não resolver os seguintes problemas: Buracos por todas as ruas, Bancos abertos ou intuspidos, Escolas com cheiros putridos, construções históricas deixadas pelas nossas antepassadas e que agora calmas pade. E enquanto isso eu um aluno do 7º ano de Ciências Esquecemos corruptos dentro de nossa cidade.

b) E os aspectos positivos? Quais são?

São poucas como o fato de termos uma cidade histórica, temos uma faculdade, grandes hospitais e Escolas.

c) O que falta na nossa cidade para que ela seja "perfeita"?

Falta bons políticos, consciência da população, Investimentos para reconstruir nossa história e o principal que é menos corrupção e mais consciência, não só dos políticos, mas também da população.

2. Todos temos direitos e deveres na sociedade, como cidadãos que somos. Para você, o que é ser cidadã(o) no local onde moramos?

É ter o direito de ter o conhecimento, porém também ter o deveres de consciência, como não comprar mercadorias piratas, não roubar, não sujar nossas ruas entre outros regras básicas. E sobre ter o direito do "conhecimento" é saber todos os seus direitos.

Figura 75: Atividade do aluno P.M.E.S.F.

1. Observe a sua rua, o seu bairro, a sua cidade.

a) Quais são os aspectos negativos que você vê à sua volta?

Falta de calçadas, buracos nas ruas, alagamentos em dias de chuvas, etc.

b) E os aspectos positivos? Quais são?

Por ser uma cidade pequena há menos violência, menos analfabetos etc.

c) O que falta na nossa cidade para que ela seja “perfeita”?

Shopping grande, muitas livrarias, uma biblioteca pública, etc.

2. Todos temos direitos e deveres na sociedade, como cidadãos que somos. Para você, o que é ser cidadã(o) no local onde moramos?

Não jogar lixo no chão, respeitar os vizinhos, os colegas, não pôr música alta que atrapalhe as pessoas, etc.

Figura 76: Atividade da aluna R.D.G.S.

As respostas que se seguem nas figuras 73 a 76 mostram que os alunos são capazes de refletir sobre os problemas do local onde moram e apontar para as maiores necessidades em vista de melhorias. Isso nos faz perceber que estão desenvolvendo seu senso crítico e construindo a cidadania desde jovens, entendendo que possuem direitos e deveres para com a população. Os alunos também conseguiram fazer apontamentos sobre o que falta para que a cidade seja “perfeita”, apontando melhorias em diversas áreas. Além disso, eles conseguiram perceber, no meio das diversas reflexões e pela mediação do professor, que todos nós temos

direitos e deveres, não importando a idade de cada um. Desse modo, ser cidadão para eles — após tantas reflexões — é ter respeito e educação para com as pessoas, é ter o direito ao estudo e ao conhecimento, não sujar a cidade, não incomodar os vizinhos com música alta, entre tantas outras coisas.

8º ENCONTRO

Por fim, na 4ª e última parte da interpretação da letra de “Perfeição”, o docente entregou jornais, cartolinas e canetas hidrocor para os alunos. Divididos em 8 grupos, cada um deles ficou com uma parte da canção. Eles deveriam novamente usar a criatividade e o senso crítico, desta vez para montar cartazes usando matérias e/ou gravuras, relacionando-as a um ou mais versos da letra e produzindo breves textos. Os grupos que ficaram com as partes 1 a 4 montaram cartazes intitulados “O mundo que não queremos”. O restante dos grupos ficou com a parte 5, com cartazes intitulados “O mundo que queremos”. Por fim, cada grupo apresentou à turma o resultado dessa atividade.

9º ENCONTRO

Os alunos deram prosseguimento à 4ª parte da interpretação, confeccionando os cartazes propostos na aula anterior. Por fim, os trabalhos foram expostos, por iniciativa de um grupo de alunos, no mural da escola que se encontra no corredor, para que outras turmas pudessem ver o resultado das atividades, encerrando assim as propostas de atividades.

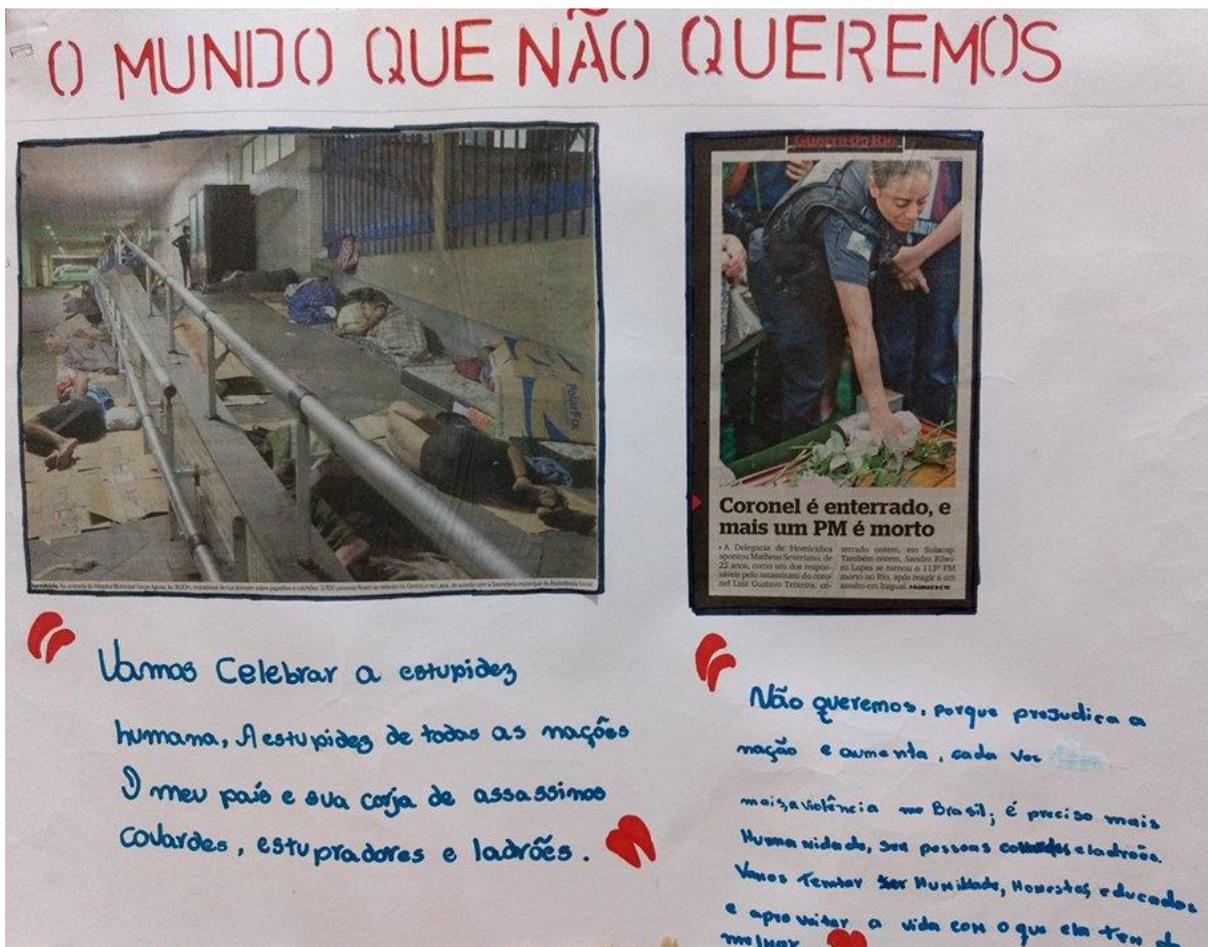


Figura 77: cartaz do grupo 1 – o mundo que não queremos.

O grupo 1 ficou com a 1ª parte da canção e escolheu os seguintes versos: “Vamos celebrar a estupidez humana / A estupidez de todas as nações / O meu país e sua corja de assassinos / Covardes, estupradores e ladrões”. No cartaz confeccionado, vemos pessoas dormindo nas ruas e o enterro de um policial militar assassinado. Sobre os versos escolhidos, as alunas H.C.S.S., K.B.O., L.C.L.B., L.C.A.R. e L.R.T. comentaram o motivo de não quererem esse mundo: “Não queremos, porque prejudica a nação e aumenta, cada vez mais, a violência no Brasil; é preciso mais humanidade, sem pessoas covardes e ladrões. Vamos tentar ter humildade, (ser) honestos, educados e aproveitar a vida com o que ela tem de melhor”.

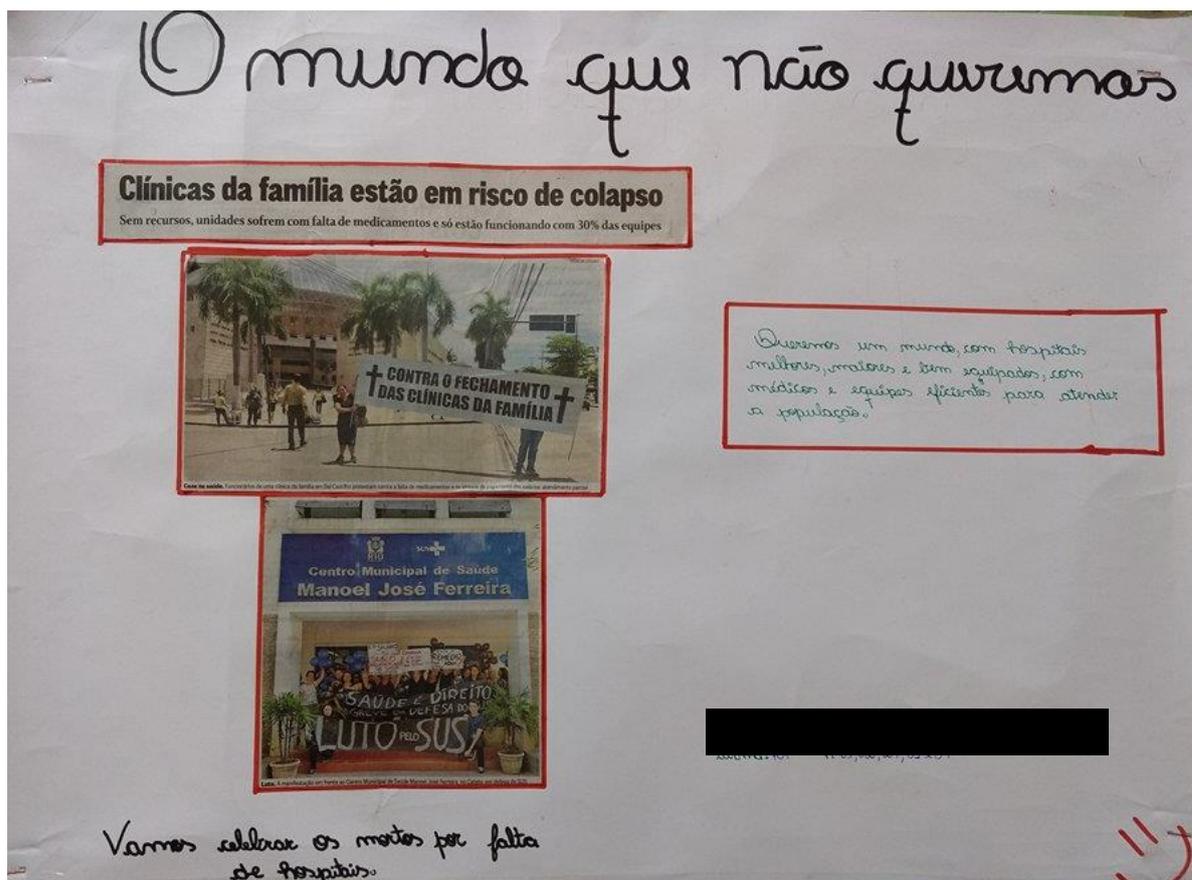


Figura 78: cartaz do grupo 2 – o mundo que não queremos.

O grupo 2 preparou um cartaz muito interessante mostrando a precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS), em que as pessoas protestavam e reivindicavam por melhorias. Como contraponto ao verso “(Vamos celebrar) os mortos por falta de hospitais” da 2ª parte, as alunas A.C.S., A.K.M.C, N.O.S.S., N.D.O.E. e R.D.G.S. afirmaram: “Queremos um mundo com hospitais melhores, maiores e bem equipados, com médicos e equipes eficientes para atender a população”.



Figura 79: cartaz do grupo 3 – o mundo que não queremos.

O grupo 3 mostrou muita criatividade ao utilizar vários versos da 3ª parte: Vamos celebrar a fome / [...] / Vamos machucar um coração / Vamos celebrar nossa bandeira / Nosso passado de absurdos gloriosos”. Para realçar esses versos, os alunos G.C.R.C.M., I.S., M.P.T.S.C. e P.V.B. fizeram desenhos e colaram gravuras e pequenas notícias de jornais.

Vale destacar que a crítica à corrupção com uma gravura com os ex-presidentes Dilma e Lula, mesmo sendo uma opinião baseada no senso-comum, foi respeitada pelo professor, que — mesmo não concordando — buscou dialogar com eles para mostrar um outro lado, sem tentar mudar sua opinião, no entanto fazendo-os refletir sobre o assunto.

O texto que resume as ilustrações é o seguinte: “Por que não queremos o mundo assim? Porque queremos o mundo sem violência, racismo, corrupção, fome etc. Assim, as pessoas terão um futuro melhor”.

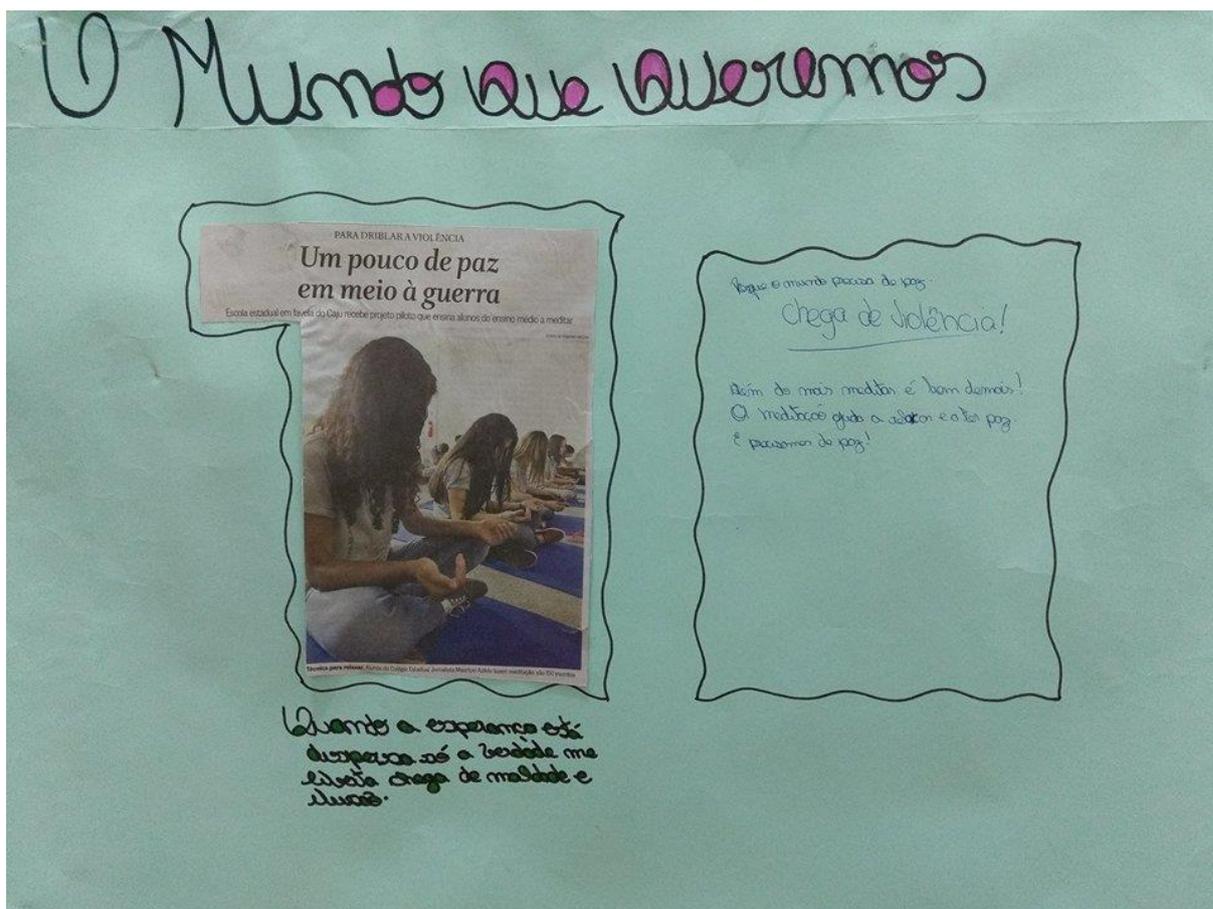


Figura 81: cartaz do grupo 5 – o mundo que queremos.

O grupo 5 deveria preparar um cartaz mostrando o mundo que queremos, a partir dos versos da última parte da canção. As alunas K.S.F. e F.P.S.M. escolheram uma notícia em que jovens de uma escola do Rio de Janeiro, que sofrem com a violência, aprenderam a meditar. Sobre isso, o grupo escreveu no cartaz: “Porque o mundo precisa de paz. Chega de violência! Além do mais, meditar é bom demais! A meditação ajuda a relaxar e a ter paz. E precisamos de paz!”.

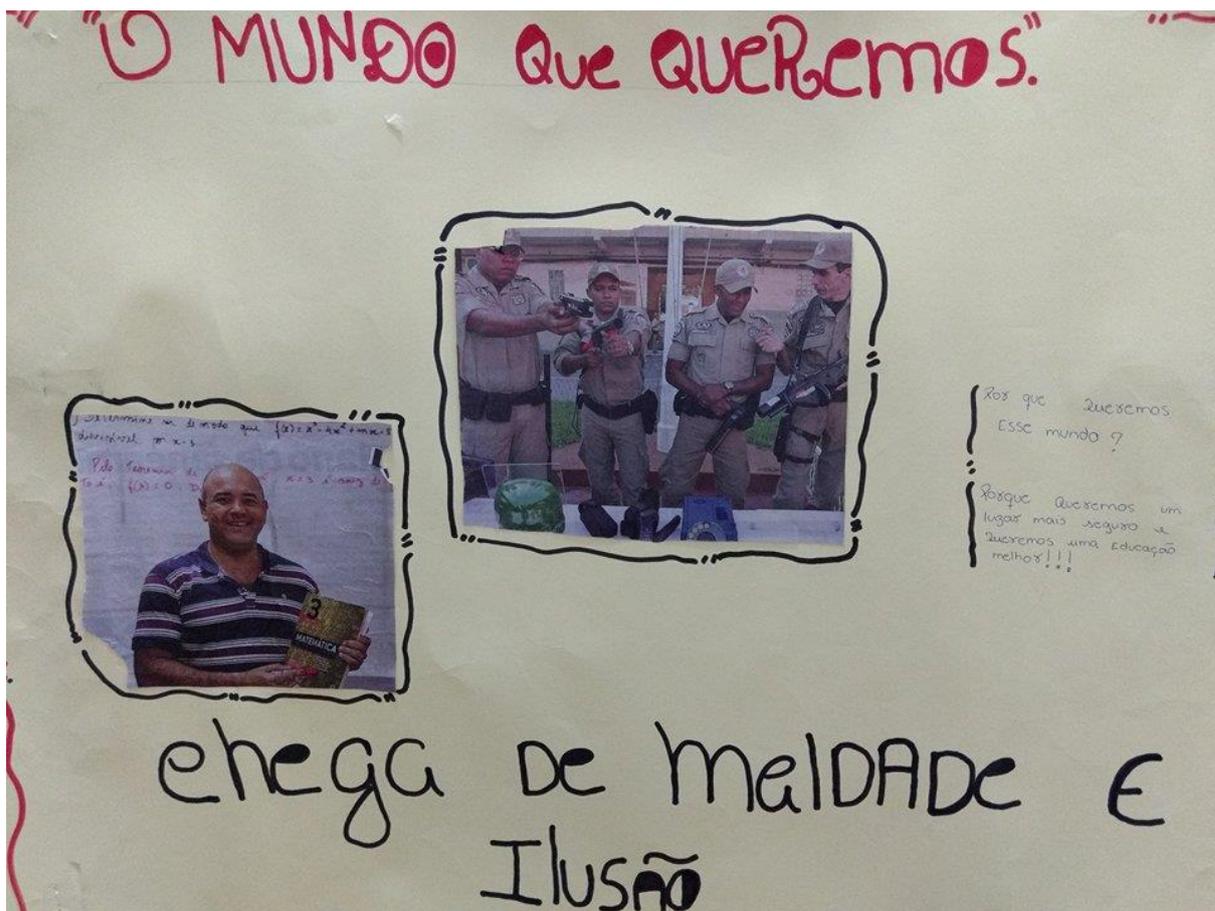


Figura 82: cartaz do grupo 6 – o mundo que queremos.

Os alunos do grupo 6, E.S.S., G.P.M.O., J.A.S.G. e U.S.A., usaram o seguinte verso da 5ª parte da letra: “Chega de maldade e ilusão”. Colaram gravuras de um professor e de policiais, escrevendo: “Por que queremos esse mundo? Porque queremos um lugar mais seguro e queremos uma educação melhor!!!”.

O professor julgou por bem conversar com a turma sobre o uso de armas num cartaz que tem o objetivo de mostrar um mundo melhor, pois armas nem sempre dão a ideia de segurança; no entanto, os discentes do grupo retrucaram, ressaltando a importância do policial na sociedade para proteger as pessoas.

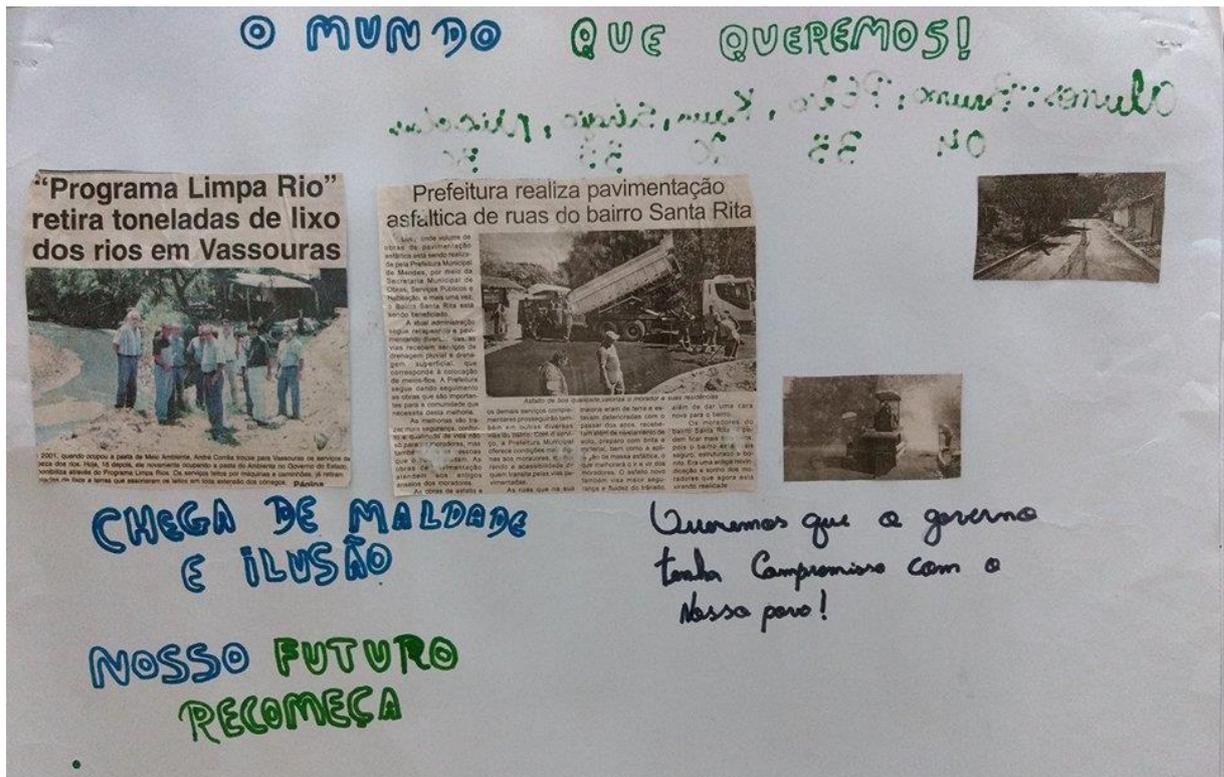


Figura 83: cartaz do grupo 7 – o mundo que queremos.

O grupo 7, continuando a produzir sobre o mundo que queremos, colou notícias do jornal local, mostrando a importância de o poder público investir em projetos no município, como o “Programa Limpa Rio”, que retira lixo dos rios de Vassouras, e a realização de pavimentação asfáltica num bairro da cidade. Para ilustrar isso, os alunos B.A.S., K.N.T., N.S.B. e P.H.G.P. escreveram: “Queremos que o governo tenha compromisso com o nosso povo”. Além disso, utilizaram os seguintes versos do final da canção: “Chega de maldade e ilusão” e “Nosso futuro recomeça”.

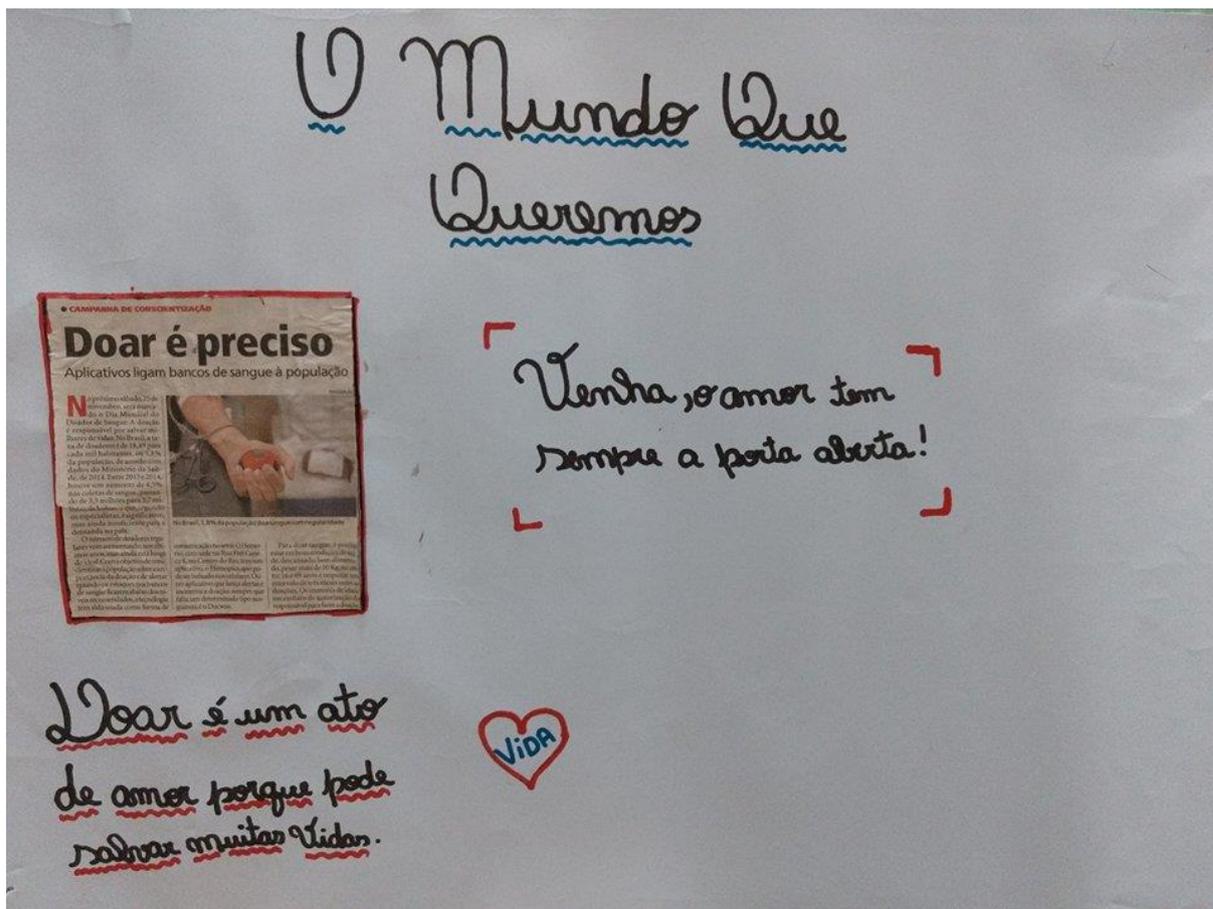


Figura 84: cartaz do grupo 8 – o mundo que queremos.

O último grupo colou, em seu cartaz, uma notícia interessante sobre uma campanha de conscientização de doação de sangue por meio de um aplicativo de celular. As alunas B.A.O., C.S.S.S., E.O.N. e I.S.R.L. escolheram o seguinte verso da última parte: “Venha, o amor tem sempre a porta aberta”. Além disso, afirmaram que “doar é um ato de amor porque pode salvar muitas vidas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber, de acordo com o trabalho realizado com a turma 701, que o uso de letras de canção se mostrou um instrumento facilitador para o ensino de Literatura e para a leitura literária no Ensino Fundamental II. Isso porque a música em sala de aula desperta o interesse e a atenção dos alunos.

Temos a consciência de que se afastar de métodos de aprendizagem tradicionais (uso do texto como pretexto para o ensino da gramática, por exemplo) pode ser o melhor caminho para que os alunos desenvolvam o gosto pelo texto literário, tendo em vista que a proposta é muito mais do que encontrar o sentido que o autor deu a ele: debruçando-se sobre as palavras e os versos, devem ser capazes de buscar novos sentidos, a partir de suas experiências pessoais, de seu conhecimento de mundo, usando sua criatividade para realizar as atividades. Essa forma de pensar o(s) sentido(s) do texto é importante para transformar a ideia fechada de interpretação para uma visão mais livre e aberta, numa interação constante com o texto e com o autor, assim como num processo dialógico com os colegas em sala de aula. Isso porque construímos sentidos não apenas sozinhos, mas uns com os outros.

Desse modo, não apenas reproduzimos canções no aparelho de som para que eles ouvissem e respondessem a questionários, mas que — a partir da leitura das letras — houvesse atividades que levassem à reflexão sobre a descoberta (ou a reafirmação) de si e do outro, dentro de sua realidade social, política, econômica e cultural. Assim, estamos certos de que um trabalho bem planejado e com objetivos bem definidos pode nos trazer resultados satisfatórios.

Os alunos puderam perceber ainda que canções podem ser muito mais que entretenimento ou um passatempo no caminho de casa para a escola em seus fones de ouvido: podem ser também um passaporte para novas ponderações acerca de si, das pessoas e do mundo. Uma letra pode conter elementos poéticos que se abrem para os mais diversos significados, uma vez que o texto literário é — por natureza — conotativo, expressivo, plural em seus sentidos. As letras de canções da Legião Urbana mostraram aos alunos, dessa forma, que a música popular pode trazer reflexões, beleza, crítica, simplicidade e, ao mesmo tempo, riqueza poética.

Os resultados obtidos pela proposta de intervenção com a sequência básica desenvolvida despertaram em muitos alunos a criticidade e o interesse pelo literário, ultrapassando a visão de ouvir música apenas por entretenimento.

O trabalho mostrou-se válido, alcançando as expectativas do pesquisador, à medida que as análises feitas pelos alunos ao longo dos 9 encontros (18 aulas no total) demonstraram que eles são capazes de pensar de forma mais crítica a partir das duas letras apresentadas (“Tempo perdido” e “Perfeição”). As discussões e a partilha de ideias sobre tais textos, nas interpretações, seguidas de propostas — como as produções de carta, de estrofe e de cartaz — mostraram como os alunos podem ser criativos ao olhar para essas letras de um modo diferente. Esses resultados surpreendentes — tendo em vista o ano de escolaridade e a média de idade da turma — mostram o quanto esse trabalho obteve bons resultados.

Além disso, fazer os alunos entenderem que um texto de valor literário pode ter mais de um sentido — dependendo de como cada um faz sua leitura e o interpreta a partir de seu conhecimento de mundo —, faz-nos crer na possibilidade de se trabalhar com o letramento literário em sala de aula, utilizando letras de canções que, num primeiro momento, pareciam estar muito distantes do universo de cada um deles. No entanto, isso não impede que eles se identifiquem e trabalhem as questões propostas, encontrando mais pontos de convergência do que imaginavam, ainda que à primeira vista pudessem pensar estar diante de textos difíceis, estranhos, confusos e enigmáticos. Vale, nesse sentido, ressaltarmos a figura do professor como mediador, não como aquele que dá respostas prontas, mas faz perguntas e incentiva que todos falem, questionem, exponham seus pontos de vista, concordando ou discordando uns dos outros.

Percebemos ainda que, na grande mídia, circulam canções de fácil assimilação, que nem sempre aprofundam questionamentos pessoais e sociais, cujas letras são mais diretas e fáceis de serem interpretadas. Não queremos proibir que eles ouçam essas canções, mas que lhes seja oferecido um outro formato musical, com cunho social e político e que permita a leitura crítica. Ao contrário de proibir, o correto é ampliar os horizontes e as experiências estéticas dos alunos, permitindo a audição e a leitura de letras que até então eles nunca haviam ouvido ou que tenham ouvido de uma casa vizinha ou num programa de rádio ou TV por acaso, sem prestar atenção ao que está sendo cantado. Esse pensamento do professor de contribuir com o repertório cultural do aluno surtiu efeito em sala de aula, pois não foram poucos aqueles que solicitaram que lhes fossem enviadas as canções da Legião Urbana via celular ou que demonstrassem interesse em ler alguma biografia sobre Renato Russo.

Isso se torna possível quando percebemos claramente que a Legião Urbana fez muito mais do que canções para entreter os jovens, mas também para levá-los à autodescoberta, à reflexão, à rebeldia, à indignação do atual cenário pelo qual o Brasil passa. Essas letras podem ser um instrumento de conscientização juvenil e, mesmo tendo sido escritas nas décadas de 80

e 90, continuam atuais e influenciando várias gerações. As reflexões sobre a vida e sobre a condição do jovem diante da sociedade estão presentes na obra desse grupo musical, que aliou seu discurso à função que possui a Literatura de tornar as pessoas melhores, mais sensíveis, mais capazes de dialogar e construir a esperança de um mundo mais justo.

Assim, a cada letra trabalhada — com as atividades individuais e em grupo sendo desenvolvidas ao longo do bimestre — notamos que os alunos puderam se apropriar de cada uma delas, tornando isso evidente à medida que buscavam dar sentidos a elas, refletindo, indagando ao professor, conversando entre eles, interagindo a todo momento e produzindo textos que mostram o quanto estavam integrados à proposta das atividades.

Pela sequência básica e pela metodologia do ensino de Língua e Literatura que seguimos para a elaboração da intervenção em sala, outras propostas de atividades podem ser criadas com outras letras de canção populares e até com poemas. Para que isso ocorra, a criatividade e o planejamento do professor são fundamentais, sem perder de vista os objetivos que se deseja alcançar a cada atividade.

Este trabalho tem ainda a função de inquietar o profissional da educação diante de tantos desafios, problemas e impossibilidades de levar o texto literário até os alunos. A prática docente, tendo como objetivo a educação literária, deve trazer um sopro de esperança aos alunos, para que estes entrem em contato com um ensino significativo, que lhes dê a oportunidade de pensar criticamente sobre si e sobre as questões sociais à sua volta, com textos que realmente façam sentido e os ajudem a refletir. Para tanto, é preciso questionar os modelos tradicionais engessados, que buscam desenvolver nos discentes as capacidades técnicas, mecânicas e repetitivas voltadas somente — ou quando muito — para o vestibular ou para o mercado de trabalho. Pelo contrário, a escola deve ser um espaço de formação de seres críticos que desenvolvem sua cidadania, conscientes de seus direitos e deveres. Acreditamos que a Literatura, se pensada assim nos bancos escolares, pode ser um elemento de transformação pessoal e social, conduzindo o indivíduo — de forma dialógica e interativa — à humanização.

Nossa afirmação sobre a função da Literatura vai ao encontro do pensamento de Todorov (2009, pp. 23-24). Segundo o autor,

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e belo. Longe de ser um simples

entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Desse modo, acreditamos na importância do ensino-aprendizagem de Literatura que esta pesquisa buscou desenvolver, assim como na possibilidade de contribuir para a formação de novos leitores de textos literários — leitores críticos, conscientes, reflexivos, cidadãos e humanos. Além disso, tal pesquisa poderá, ainda, contribuir para a compreensão do processo educacional, sendo um elemento de reflexão e ação sobre a abordagem apresentada pela teoria utilizada no processo de ensino-aprendizagem de Literatura, tendo como maior ferramenta a prática do letramento literário em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada, literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: Critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. pp. 85-105.
- _____. O saldo de leitura. In: DALVI, Maria Amélia; Rezende, Neide Luzia de; JOVERFALEIROS, Rita (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. pp. 153-161.
- AGUIAR, Joaquim. **A Poesia da Canção**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- ASSAD, Simone. **Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana**. Campo Grande: Letra Livre, 2000.
- AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. pp. 63-83.
- AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, Aparecida [et al] (orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. pp. 75-83.
- BARROS, José D'Assunção. **Os trovadores medievais e o amor cortês: reflexões historiográficas**. In: “Alethéia”, UFG, Ano 1, vol.01, n°1, abril/maio de 2008.
- BORDINI, Maria da Glória. Política, criança e poesia infantil. In: PAULINO, Graça (org.). **O jogo do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1997. pp. 45-57.
- _____. Literatura na escola: Propostas para a educação básica. In: OURIQUE, João Luis Pereira (org.). **Literatura e formação do leitor: escola e sociedade, ensino e educação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. pp. 15-44.
- _____; AGUIAR, Vera Teixeira. **Propostas metodológicas para o ensino de Língua e Literatura**. Letras de Hoje, Porto Alegre, n.53, pp. 17-43, 1983.
- BOSCO, Francisco. Letra de música é poesia? In: BUENO, André (Org.). **Literatura e sociedade: narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**. Português. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 1988a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>.

- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. v 3. Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998b. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade**. Brasília, DF: FNDE, Estação Gráfica, 2007.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In: In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. pp. 76-91.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: LIMA, Aldo de (org.). **O direito à literatura**. Recife: UFPE, 2012. pp. 17-40.
- CAPACCHI, Candice Cláudia. **As letras de canção de Renato Russo e seu diálogo com a poesia dos anos 80**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.
- CASTILHO, Angélica; SCHLUDE, Erica. **Depois do fim: Vida, Amor e Morte nas Canções da Legião Urbana**. Rio de Janeiro: Hama Editora, 2002.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. **Música Popular Brasileira, poesia menor?** Travessias (UNIOESTE. Online), v. 03, pp. 01-33, 2008.
- COENGA, Rosemar. **Leitura e letramento literário: diálogos**. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato, 2010.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- CORRÊA, Hércules Tolêdo. Adolescentes leitores: eles ainda existem. In: PAIVA, Aparecida [et al] (orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. pp. 51-74.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. **Círculos de literatura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.
- _____; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2, pp. 101-108.

- DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. pp. 67-97.
- DAPIEVE, Arthur. **Brock - O Rock Brasileiro dos Anos 80**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000a.
- _____. **Renato Russo: O Trovador Solitário**. Coleção Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000b.
- _____. Licenças Poéticas. In: CASTILHO, Angélica; SCHLUDE, Érica. **Depois do fim: vida, amor e morte nas canções da Legião Urbana**. Rio de Janeiro: Editora Hama, 2002. pp. 11-14.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- ENEDINO, Wagner Corsino; SOUZA JUNIOR, Paulo Nogueira de. **A Pós-Modernidade e os Estudos Culturais na Obra de Renato Russo: Uma Leitura de Perfeição**. Papéis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS, Campo Grande, pp. 65-85, 2006.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. Letramento literário no contexto escolar. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (orgs.). **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011. pp. 321-348.
- FERNANDES JÚNIOR, Antônio. **Esboço de uma poética das canções de Renato Russo**. OPSIS (UFG), Catalão - GO, v. 3, n.-, pp. 69-81, 2003.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. pp. 107-131.
- _____. Para formar leitores e combater a crise da leitura na escola: acesso à poesia como direito humano. In: **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras. Momentos da Poesia – Dossiê Mario Quintana**. Porto Alegre, JUN./JUL. 2006.
- _____; MARCHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**. Erechim, RS: Edelbra, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: Uma Biobibliografia**. Cortez Editora/Instituto Paulo Freire, São Paulo, 1996.

JOSÉ, Elias. **A poesia pede passagem:** um guia para levar poesia às escolas. São Paulo: Paulus, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura:** Teoria e Prática. 6.ed. Campinas, SP: Pontes, 1993.

KLEIMAN, Ângela. Introdução: O que é letramento? In: _____ (org.). **Os significados do letramento.** Campinas-SP: Mercado das Letras, 1995. pp. 15-61.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. pp. 51-62.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993a.

_____. **O que é literatura.** 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993b.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social:** Desvios e rumos. Niterói: EdUFF, 2000.

_____; LAGE, Cláudia (colab.). **Língua e literatura:** questão de educação? São Paulo: Papyrus, 2001.

LEBRUN, Marlène. A emergência e o choque das subjetividades de leitores do maternal ao ensino médio graças ao espaço interpretativo aberto pelos comitês de leitura. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura.** São Paulo: Alameda, 2013. pp. 133-148.

LEGIÃO URBANA. **Legião Urbana.** Emi-Odeon Brasil, 1985.

_____. **Dois.** Emi-Odeon Brasil, 1986.

_____. **Que País é Este – 1978/1987.** Emi-Odeon Brasil, 1987.

_____. **As Quatro Estações.** Emi-Odeon Brasil, 1989.

_____. **V.** Emi-Odeon Brasil, 1991.

_____. **Música para Acampamentos.** Emi-Odeon Brasil, 1992.

_____. **O Descobrimento do Brasil.** Emi-Odeon Brasil, 1993.

_____. **A Tempestade ou O Livro dos Dias.** Emi-Odeon Brasil, 1996.

_____. **Uma Outra Estação.** Emi-Odeon Brasil, 1997.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes; MARQUES, Regina Maria Hubner. Ao pé do texto na sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. pp. 37-49.

- LIMA, Aldo J. R. de. **Letramento poético no ensino fundamental**. Recife: Ed. FASA, 2016.
- MAGI, Érica Ribeiro. **Rock and Roll é o nosso trabalho: A Legião Urbana do underground ao mainstream**. São Paulo: Alameda, 2013.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MARCELO, Carlos. **Renato Russo: O Filho da Revolução**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- MAROVATTO, Mariano. **As quatro estações**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2015.
- MARTINS, Angélica Pereira; CARDOSO, Helânia Cunha de Souza. **Literatura e música: a abordagem didática dos textos**. Disponível em: <www.encontro.proex.ufu.br>, 2013 (Relatos de Pesquisa e de Experiência).
- MICHELETTI, Guaraciaba. A leitura como construção do texto e construção do real. In: _____ (Coord.). **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOLITERNO, Isabel de Andrade; ZAMUNER, José Alaercio. **Gêneros literários e a formação do leitor**. São Paulo: Publicações Mercuryo Novo Tempo, 2012.
- MUCURY, Julliany Alves. **Uma Legião de poemas**. Revista Brasileira de Estudos da Canção. Natal, n.3, jan-jun 2013. Disponível em: <www.rbec.ect.ufrn.br>.
- NICOLA, José de. **Painel da literatura em língua portuguesa: teoria e estilos de época do Brasil e Portugal**. São Paulo: Scipione, 2006.
- _____; INFANTE, Ulisses. **Como ler poesia**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1988.
- PAULINO, Graça. **Literatura: participação & prazer**. São Paulo: FTD, 1988.
- _____. **Letramento literário: Por vielas e alamedas**. Revista da FAGED, Salvador, n.5, pp. 117-126, 2001.
- _____; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.
- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdenia da. **Letramento literário como prática de provocação do leitor**. In: III Congresso Internacional de leitura e literatura infantil e juvenil, Porto Alegre, 2012.

- PEREIRA, Lindjane; REGIS, Lílian. **Música e poesia em sala de aula: uma proposta de sequência didática.** In: V Encontro Nacional de Literatura Infanto-juvenil e Ensino-Enlije, 2014, Campina Grande. Anais Enlije V, 2014. v. 1.
- PEREIRA, Maria Matos; CAVALCANTE, Moema; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Metodologia de ensino da Literatura.** Curitiba: InterSaber, 2013.
- PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva.** São Paulo: Editora 34, 2009a.
- _____. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Editora 34, 2009b.
- _____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** São Paulo: Editora 34, 2013.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. Letramento literário: da escola para o social e do social para a escola. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos (orgs.). **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente.** Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011. pp. 299-320.
- PORTO, Ana Paula Teixeira; TEIXEIRA, Luana. Ensino de Literatura e formação do leitor na era digital: algumas proposições. In: OURIQUE, João Luis Pereira (org.). **Literatura e formação do leitor: escola e sociedade, ensino e educação.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. pp. 89-109.
- POUND, Ezra. **ABC da Literatura.** Cultrix: São Paulo, 1977.
- PROENÇA FILHO, Domicio. **Leitura do texto, leitura do mundo.** Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: “Os amores difíceis”. In: In: PAIVA, Aparecida [et al] (orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007. pp. 127-145.
- RENNÓ, Carlos. Poesia literária e poesia de música: convergências. In: OLIVEIRA, Simone Ribeiro de [et al]. **Literatura e Música.** São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú cultural, 2003.
- RIBEIRO NETO, Amador. **Linguagem da poesia.** João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Mínimo: Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, 2011a.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Mínimo: Leitura e Produção Textual.** Rio de Janeiro, 2011b.

- ROSA, Cristina Maria. **Letramento Literário**. Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 11, pp. 188-195, Set. 2011. Disponível em: <<http://www.acoalfpplp.net>>.
- ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. pp. 17-33.
- SANTAELLA, Lucia. Poesia e música: semelhanças e diferenças. In: SEKEFF, Maria de Lourdes; ZAMPRONHA, Edson S. (Orgs.). **Arte e cultura: Estudos interdisciplinares II**. São Paulo: Annablume - FAPESP, 2002.
- _____; NÖTH, Winfried. **A poesia e outras artes**. CASA (Araraquara), v. 9, pp. 1-17, 2011.
- SANTOS, Anaclécia Maria; ALVES, Thauanny Santos. **A inteligência musical e suas implicações na formação do leitor**. 2015. (Apresentação de Trabalho/Congresso)
- SANTOS, Giliane Vicente dos; LIMA, Aline Gisele da Silva; SILVA, Jacineide Virgínia Borges O. da. **O uso do gênero letra de música para o desenvolvimento das competências linguístico-discursivas dos alunos**. In: II Congresso Nacional de Educação, 2015, Campina Grande - PB. Anais do II CONEDU. Campina Grande - PB: Editora Realize, 2015. v. 1. pp. 83-97.
- SILVA, Eliseu Ferreira; JESUS, Wellington Gomes de. **Como e por que trabalhar com a poesia na sala de aula**. Revista Graduando, v. 02, 2011. pp. 21-34.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. In: PG Letras 30 Anos, 2006. Anais do PG Letras 30 anos, 2006.
- SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. Estratégias de mediação: em busca de um leitor literário. In: SILVA, Débora Cristina Santos e; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; GUIMARÃES, Maria Severina Batista. **Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012. pp. 45-56.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.
- _____. A escolarização da Literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. pp. 17-48.
- _____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.
- SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. pp. 135-151.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- TRES, Thanisa Aparecida de Souza Camargo De Dordi; IGUMA, Andréia de Oliveira Alencar. **A importância da poesia na formação do leitor**. Interletras: Dourados, v. 3, 2014.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n.3, set/dez, 2005. pp. 443-466.
- TURCHI, Maria Zaira; MENEZES, Sônia Maria dos Santos. Fruta no ponto: um diálogo entre a poesia e a adolescência. In: SILVA, Débora Cristina Santos e; CAMARGO, Goiandra Ortiz de; GUIMARÃES, Maria Severina Batista. **Olhar o poema**: teoria e prática do letramento poético. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012. pp. 147-164.
- VASCO, Júlio; GUIMA, Renato (orgs.). **Conversações com Renato Russo**. Campo Grande: Letra Livre, 1996.
- VIANNA, Hermano. Texto de apresentação da coleção de CDs **Legião Urbana Por Enquanto**. Emi-Odeon Brasil, 1995.
- VILLA-LOBOS, Dado; DEMIER, Felipe; MATTOS, Romulo. **Dado Villa-Lobos**: memórias de um legionário. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: anti-lições. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. pp. 49-58.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- _____; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia**: Ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Prezados pais e responsáveis dos(as) alunos(as) da turma 701 do Colégio Ministro Raul Fernandes, turno vespertino, ano de 2017;

Sou professor da Área de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC), atuando na Unidade Escolar mencionada acima. Atualmente, estou realizando o curso de pós-graduação em nível de Mestrado Profissional do programa PROFLETRAS da Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O meu objetivo de estudo é a formação do leitor literário a partir da leitura de letras da Legião Urbana no Ensino Fundamental.

Dessa forma, para realizar minha pesquisa, preciso proceder à coleta de dados, que incluirá a análise das interpretações, das atividades e das produções realizadas pelos alunos e alunas.

Nesse sentido, solicito a autorização dos senhores para utilizar os dados que foram coletados em sala de aula. Esclareço que esses dados serão utilizados estritamente para análise e que os nomes dos alunos e alunas não serão divulgados. Quando for necessário me referir a eles(as), utilizarei as iniciais do nome, resguardando totalmente a identidade dos(as) participantes da pesquisa. Não será cobrado nada; não haverá gastos, nem riscos na sua participação nesse estudo, como também não serão previstos ressarcimentos ou indenizações. Gostaria de deixar claro ainda que sua participação é voluntária.

Ao final desse estudo, a minha intenção é contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa nas escolas de Ensino Fundamental.

Desde já, agradeço sua atenção e consentimento, colocando-me à disposição para maiores informações.

Atenciosamente,

Paulo Silva de Avila
Professor da Área de Língua Portuguesa/SEEDUC

Autorizo ao professor Paulo Silva de Avila a coleta de dados das atividades de Língua Portuguesa realizadas, em sala de aula, por meu(minha) filho(a) _____, para utilização em seu trabalho de pesquisa, cujo título provisório é LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE LETRAS DA LEGIÃO URBANA: UM OLHAR CRÍTICO DO ALUNO SOBRE SI E SOBRE O MUNDO, desde que de forma a resguardar a identidade do(a) menor acima mencionado(a). Confirmando que o professor explicou-me os objetivos dessa pesquisa, bem como a forma de participação de meu(minha) filho(a). Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto concordo em dar meu consentimento para que meu(minha) filho(a) participe como voluntário(a) dessa pesquisa, da qual ele(a) também concorda em participar.

Ciente (pai/mãe/responsável): _____
Concordância do(a) aluno(a): _____

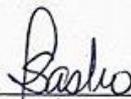
Vassouras, ____ de _____ de 2017.

ANEXO 2

CARTA DE ANUÊNCIA – ESCOLA PÚBLICA

Pela presente, o Colégio Estadual Ministro Raul Fernandes, sediado na Rua Nilo Peçanha, nº 166, Centro, Vassouras-RJ, representado por sua diretora Salete da Penha Freire Coelho, declara que tem plena e total consciência e concordância com a realização da pesquisa LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE LETRAS DA LEGIÃO URBANA: UM OLHAR CRÍTICO DO ALUNO SOBRE SI E SOBRE O MUNDO, realizada pelo pesquisador Paulo Silva de Avila, para a obtenção do Título de Mestre pela UFRRJ, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche, durante o ano letivo de 2017.

Vassouras, 24 de novembro de 2017.



Diretora da Unidade Escolar

Salete da Penha F. Coelho
Diretora
Mat.: 0282046-2 / ID 4021964-0
C. E. M. Raul Fernandes

ANEXO 3

Questionário Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno(a): _____ Turma: _____

1. Qual gênero musical você mais ouve?
2. Qual seu cantor, cantora ou grupo musical preferido?
3. Cite as suas canções preferidas.
4. Escreva abaixo um verso ou um trecho de uma letra de que você gosta.
5. Geralmente, as canções que você mais ouve abordam que temas?
6. As letras das canções que você ouve geralmente são fáceis de entender? Explique.
7. Você gosta de analisar as letras das canções que você ouve?
8. Você conhece a banda de rock Legião Urbana e o vocalista Renato Russo?
9. Cite alguma canção ou algum verso que você já tenha ouvido da Legião Urbana.
10. Você gosta de ler? Se a resposta for sim, de que tipo de leitura você mais gosta?
11. Cite os seus livros preferidos.
12. Você prefere ler ou ouvir música? Por quê?

ANEXO 4

Tempo perdido

Letra e música: Renato Russo

Todos os dias quando acordo,
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo:
Temos todo o tempo do mundo.

Todos os dias antes de dormir,
Lembro e esqueço como foi o dia:
“Sempre em frente,
Não temos tempo a perder”.

Nosso suor sagrado
É bem mais belo que esse sangue amargo
E tão sério
E selvagem.

Veja o sol dessa manhã tão cinza:
A tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos
Então me abraça forte e me diz mais uma vez
Que já estamos distantes de tudo:
Temos nosso próprio tempo.

Não tenho medo do escuro,
Mas deixe as luzes acesas agora.
O que foi escondido é o que se escondeu,
E o que foi prometido, ninguém prometeu.

Nem foi tempo perdido;
Somos tão jovens.

In: LEGIÃO URBANA. **Dois**. Emi-Odeon, 1986.

ANEXO 5

Perfeição

Música: Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá

Letra: Renato Russo

1

Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos
Covardes, estupradores e ladrões
Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso Estado, que não é nação
Celebrar a juventude sem escola
As crianças mortas
Celebrar nossa desunião
Vamos celebrar Eros e Thanatos
Persephone e Hades
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade.

2

Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro e feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta de hospitais
Vamos celebrar nossa justiça
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água podre
E todos os impostos
Queimadas, mentiras e sequestros
Nosso castelo de cartas marcadas
O trabalho escravo
Nosso pequeno universo
Toda hipocrisia e toda afetação
Todo roubo e toda a indiferença
Vamos celebrar epidemias:
É a festa da torcida campeã.

3

Vamos celebrar a fome
Não ter a quem ouvir
Não se ter a quem amar
Vamos alimentar o que é maldade
Vamos machucar um coração
Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado de absurdos gloriosos
Tudo o que é gratuito e feio
Tudo que é normal
Vamos cantar juntos o Hino Nacional
(A lágrima é verdadeira)
Vamos celebrar nossa saudade
E comemorar a nossa solidão.

4

Vamos festejar a inveja
A intolerância e a incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente a vida inteira
E agora não tem mais direito a nada
Vamos celebrar a aberração
De toda a nossa falta de bom senso
Nosso descaso por educação
Vamos celebrar o horror
De tudo isso - com festa, velório e caixão
Está tudo morto e enterrado agora
Já que também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou esta canção.

5

Venha, meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão.

Venha, o amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera –
Nosso futuro recomeça:
Venha, que o que vem é perfeição.

In: LEGIÃO URBANA. **O descobrimento do Brasil**. Emi-Odeon Brasil, 1993.

ANEXO 6

Aluno(a): _____ Turma: _____

Se você ganhasse o direito de pedir três desejos mágicos, um para voltar ao passado, um para o presente e outro para o futuro, o que pediria?

Passado:

Presente:

Futuro:

ANEXO 7

Aluno(a): _____ Turma: _____

Interpretação - Tempo Perdido

1. O eu lírico, ou seja, a voz que fala na letra é a de um jovem. Ser jovem é bom ou ruim? Por quê?

2. Quais as reponsabilidades de ser jovem para consigo e para com o outro? Ou você acha que um jovem não deve ter responsabilidades? Comente.

3. Por que o eu lírico afirma que “Temos todo o tempo do mundo” e logo depois que “Não temos tempo a perder”?

4. Renato Russo criou uma imagem poética na letra: “Veja o sol dessa manhã tão cinza: / A tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos”. Quais seriam as manhãs cinza e as tempestades que o jovem tem que enfrentar em sua vida?

ANEXO 9

Aluno(a): _____ Turma: _____

1. Cite uma notícia negativa que você tenha lido ou ouvido recentemente.

2. Cite uma notícia positiva que você tenha lido ou ouvido recentemente.

3. Os meios de comunicação e as pessoas em geral nos apresentam mais que tipo de notícia, positiva ou negativa? Por que você acha que isso acontece?

4. O que você esperaria do conteúdo de um texto ou de uma notícia cujo título fosse “Perfeição”?

ANEXO 10

Nomes: _____

Turma: _____

5

Por que vocês escreveram esse final para a canção?

ANEXO 11

Nomes: _____

Turma: _____

1. O que mais chama a sua atenção nos versos da primeira à quarta parte?

2. A expectativa ao ler essas partes da canção estava de acordo com o que vocês pensavam sobre o título “Perfeição” no início da atividade (motivação)? Explique.

3. Na última parte da canção, como pudemos ler e ouvir depois, surge a esperança (a “Perfeição”) por meio de uma linguagem figurada, expressiva, conotativa: “Venha, meu coração está com pressa / Quando a esperança está dispersa / Só a verdade me liberta / Chega de maldade e ilusão. // Venha, o amor tem sempre a porta aberta / E vem chegando a primavera – / Nosso futuro recomeça: / Venha, que o que vem é perfeição”. O que esses versos sugerem? Por que o amor é tão importante para as pessoas? Qual seria o sentido da chegada da primavera para o nosso país e para o nosso povo?

ANEXO 12

Aluno(a): _____ Turma: _____

1. Observe a sua rua, o seu bairro, a sua cidade.

a) Quais são os aspectos negativos que você vê à sua volta?

b) Quais são os aspectos positivos? Quais são?

c) O que falta na nossa cidade para que ela seja “perfeita”?

2. Todos temos direitos e deveres na sociedade, como cidadãos que somos. Para você, o que é ser cidadã(o) no local onde moramos?

Data: 6/10/2017

Olá [redacted], este é o ano 2017, espero que daqui a 2 anos, o mundo já terá mudado, este ano foi um ano difícil porém nós sabemos que o mundo continua a passar largas em direção ao fim.

Espero que até lá em seus últimos suspiros de paz seja você de denominação "Petrista Brasileiro".

Espero também que já tenha esquecido o mundo do jeito que você sonha. Na letra da música tempo perdido é dito "Temos todo tempo de mundo" mas sabemos que nem nós e nem o "mundo" tem tempo, por isso faça a diferença não deixe de seguir a sua fé pois ela é a sua passagem para o que é bom, sei que daqui a 2 anos o mundo já estará em ruínas, com última palavra temo que você não deva estar morto. [redacted]

ANEXO 14

06/11/2017

Se eu do futuro, nunca dista dos seus sonhos
trabalhe muito para não ter as coisas não tenha tempo
a perder.

Sempre em frente nunca desista dos seus sonhos
seja um músico sem ambição, frase em português um
músico. [REDACTED]

ANEXO 15

Wassouras 6 de novembro de 2017

Olá [REDACTED] no futuro você tem todo o tempo do mundo, mas você não ~~perde~~ tempo, porque o tempo passa e você não pode voltar atrás e seja um menino ~~soxidente~~ como você é não mude de casates nunca esqueça do seu amigo Gustavo que te fez sorrir nos momentos ruins e minha mãe e meu pai sempre vai te amar e segue em frente mesmo se muita gente falar que você não vai conseguir segue com seu sonho nunca esqueça.

[REDACTED]

ANEXO 16

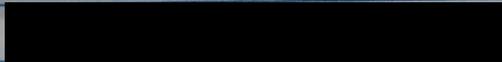
06/11

Uá, não esqueça de seus amigos e não esqueça quem você é porque se você mudar pode perder as pessoas que você gosta e se mudar mude para melhor para conseguir os mais amigos, quero que você tenha a pureza que eu tenho hoje e sempre seja bondoso, mas momentos ruins lembre dos momentos bons, porque não temos tempo a perder, parece que você sempre vai ter as pessoas que ama mas saiba que a vida vai te fazer chorar, sofrer, rir e ser feliz só você sabe o todo momento desde agora até ai que está sendo mas não esqueça que você sempre pode contar com "migo" diga nos pensamentos e deixe as pessoas te ajudarem.

ANEXO 17

Vassouras, 6 de novembro de 2017

Olá Eu do futuro, se você se lembra do dia que você mesmo escreveu esta carta, você ainda tinha 12 anos, eu ainda te aconselho você a não sair do bom caminho, você sabe o que eu estou falando, lembre-se "Somos três Jovens". espere que ninguém esteja morto daqui a 2 anos, duvido que você se lembre de todos os seus amigos, se não lembrar, pense neles agora quando você chegar em casa abraça seu pai, e sua mãe.



Vassouras, 6 de novembro de 2017.

Oi [redacted] do futuro, há 2 anos atrás escrevi essa carta para você e peço que leia com muita atenção!

Espero que você esteja muito feliz e com muita saúde. Quero te pedir para que nunca se esqueça do quanto foram boas as anos de 2017, apesar das dificuldades e tristezas, foi um ano de muito amor e alegria. Você conheceu tantas pessoas novas, formou novas amizades, festejou muito, fez tantas coisas que se eu citar todas Vou precisar de umas 5 folhas dessas KKKK

Te desejo tantas coisas, mas acima de todas elas te desejo muita fé e que você seja muito abençoada!

Também peço a você que não seja tão tristonha por favor KKKK!

Continue linda meu amor, deixe sua marca por onde passar! Faça as coisas acontecerem, não deixe de ser você mesma! É um recado pra que não goste de você (EU): "MORRE QUE PASSA BEBÊ!"

Muitas felicidades Amor da minha vida, muitas beijos e abraços, Tchazimbo meu bem!

[redacted]

ANEXO 19

Montouras, 6 de novembro de 2017.

Oia [redacted], eu espero que você daqui à dois anos seja muito feliz, que siga o caminho de Deus nunca fazer besteira aquilo que você sempre quis quem sabe um dia vai ter, esqueça o passado não pense no futuro sempre em frente, tem muito tempo mais não tem tempo a perder. Você ainda tem muito tempo nunca deixe de perde a esperança não deixe de amar quem você ama, acredite em quem acredite em você.

Beijos

ASS: [redacted]

Vassouras, 06 de novembro de 2017.

Olá [REDACTED]!

Bom... Espero que daqui a 2 anos, eu possa estar inteligente né!? E também que eu possa me lembrar que eu escrevi essa carta.

Todos os dias antes de dormir, lembro e esqueço como foi o dia:

"Sempre em frente,

Não temos tempo a perder".

E também que eu tenha um futuro certo né!

[REDACTED]

Parabéns, do dia noventa e dois

Mãe [REDACTED]

Estou aqui para dizer que você será muito feliz, mais feliz do que você já é. Que você será muito afofo e amoroso com a sua mãe e com seu irmão, e você ganhará muito com eles.

O seu pai sempre a pensou, e você será muito bonita igual a sua mãe, você terá amigos de verdade e fique como você tem muito tempo, você tem todo o tempo do mundo.

Amor: [REDACTED]

Vassouras, 6 de novembro de 2017.

Olá [REDACTED], eu espero que aqui a 2 anos você tenha juízo, sabedoria e muita felicidade. Eu não sei como você será aqui a 2 anos, mas estuda bastante, porque através do estudo você consegue algo na vida, como uma vida boa por exemplo, [REDACTED], espero que você seja uma menina boa, caprichosa, que você tenha responsabilidade e dar o seu melhor em tudo. Siga em frente e esqueça o que já se passou. Faça coisas boas no presente que eu te garanto que seu futuro será muito feliz. Tudo de bom que você tem que fazer, faça agora. Beijos e abraços, quero ver em você todas as características que estão escritas na carta.

Ass. [REDACTED]
[REDACTED]

Tubstancia, 6 de novembro de 2017

Olá [redacted], eu espero que daqui a dois
anos, você começa a ler inglês, começa a estudar
bastante para se formar em medicina que
você seja educada e muito amável pelas pessoas

Todos os dias antes de dormir, lembre e
esqueço como foi o dia: "Sempre em frente, não
deixa tempo a perder".

Eu espero de agora você esteja com
muitos amigos, que as recalcadas mordam a
língua por falar de você e que a vovó
Emilly cesse que você odia ela.

Eu espero que seus sonhos se realizem
que o fluminense vá para a série C
e que o flamengo sempre ganhe.

Atura ou vsta
fluminense

ANEXO 24

Bassouras, 06 de novembro de 2014

Olá [REDACTED], Eu lembro que aqui a dois anos foi tempo
Muito feliz, muito educado pois não sei como foi
Só, pois não temo mais o tempo que passou, a mão
temos muito tempo, a vida é curta de mais, eu sou
um menino muito jovem e tão só uso a
tecnologia na hora eia todos os dias antes de dormir
Lembro e loguei como foi o dia, Eu gostava
muito de 2016 pois tinha muitos amigos verdadeiros
Mais vamos ver se até 2019 será melhor do que
todas as anos passadas.

até 2019

ASS: [REDACTED]

Vassouras, 6 de novembro de 2017.

Olá querida [REDACTED] de 2019.

Bom eu queria que a minha
amizade NÃO acabasse com:

ANA K

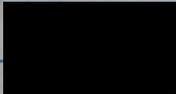
NATY

NIHH

REEH

Assi: [REDACTED]

Vassouras 6 de novembro de 2017
Olá eu do futuro eu espero
Não me envolva em drogas
Sempre serrei a plus
Nunca mentis
Eu espero ter saúde ~~atual~~
Comemorar e festejar
Eu espero fazer novas amizades
E ter um relacionamento
verdadeiro



ANEXO 27

06/11/2018

Sei que você é um menino legal e respeitoso e muito inteligente. Sei que está mandando esta carta para você estudar bastante, para ser alguém na vida, temos todo o tempo do mundo até daqui a dois anos abraços e estude bastante.



Turner: 701

Seu pai e mãe

ANEXO 28

Vassouras, 6 de novembro de 2017

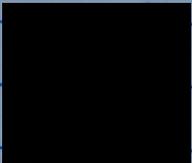
ola' [REDACTED] como você está? como o tempo passou em quando você escreveu essa carta so tinha 13 anos olha agora você deve ter uns, 15 Anos Nossa como o tempo passou em como e que sua vida tar no geitinho que você sempre sonhou. você ainda aquela menina, forte de sempre, marrenta e Baraqueira Parece que você não mudou nada em uma pergunta que eu esqueci você ainda e aquela baixinha mais Baraqueira que eu conhecia? aquela amiga que sempre protegia suas amigas?

Nem foi um tempo perdido
SOMOS TÃO JOVENS

Ass: [REDACTED]

06/08/18

Fala aí mamãe Beliza? Mamãe sou more
do que do passado, sei que tu tá
com mais saudades do Lucas do que eu
hoje, não sei o que tu vai ser
daqui pra frente, mais você sabe,
mamãe aproveita todo o tempo que você
tiver dezoito meses sempre em frente
Não desista. Daqui a dois anos você
vai abrir essa carta com muito orgulho
tamo só tendo uma coisa pra falar
pra tu, Mãe é Pura tamo junto irmão.



amãe

ANEXO 30

Vassouras, 6 de novembro 2017

Olá [REDACTED] sou seu futuro,
Quero ir para Vitória-Serra para
fazer faculdade federal
pretendo fazer medicina com a
minha melhor amiga Sarah.

[REDACTED]

ANEXO 31

Olá [redacted] eu sou o seu futuro, eu
que sou filho da faculdade de Engenharia, mais
quero ficar bastante tempo com a minha
família.

Amor [redacted]

ANEXO 32

Ola [REDACTED] eu sou o seu futuro eu
quero ir para o seu para fazer concurso de
policial pra me eu consigo fazer.

[REDACTED]

ANEXO 33

Vassouras, 6 de novembro de 2014

Ola [REDACTED] Eu sou o seu
futuro. Eu quero ir para João Pessoa,
quero fazer faculdade de medicina
veterinária, mais quero ficar bastante
tempo com a minha família

Ass: [REDACTED]

Assouros, 6 de novembro de 2017

Oi [REDACTED], hoje você tem 13 anos de-
 qui a 2 anos você vai estar com 15 anos
 essa idade que você pensa Toda hora
 a idade que você percebe que é uma
 moça e que a sua infância já passou. Enfim
 como está sua vida e do jeito que você
 sempre sonhou, você tá mamando, você
 já foi para Disney se foi como foi de
 ve ser super legal massa deve ser ma-
 gico, você ainda mora com seus pais? Você
 ainda é essa garota Maluca, dispendida, lerda
 , brincalhona, orgulhosa. É bem Ter 15 anos?
 sua Mãe mudou o jeito de cuidar de você
 ela não trata como criança né. Você tra-
 balha o canal que você criou hoje está
 com muitos inscritos.

Nem foi tempo perdido.

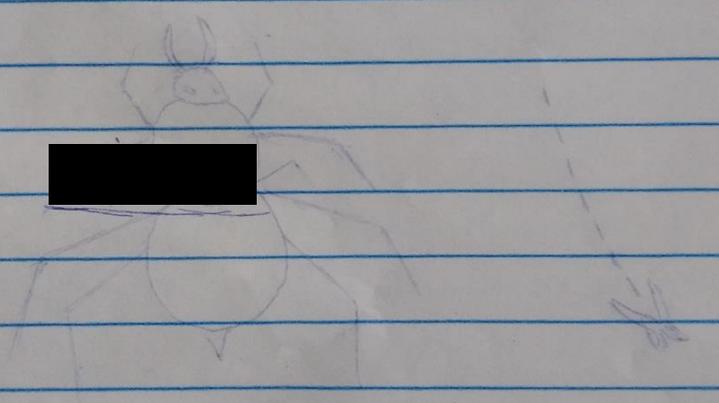
Shau Bjs

Assinado: [REDACTED]

ANEXO 35

Vassouras, 6 de novembro de 2014

Eu espero que você esteja trabalhando de forma produtiva no hospital escola, continue sendo humilde e obedeça sua mãe, não se acicile com seus amigos. Se essa carta for entregue daqui a dois anos, espero que eu leia e me lembrare desse momento.



Parassurus, 6 de novembro de 2014

Salve [REDACTED] de 2019. Bom eu espero que eu com 15 anos, eu seja uma Boa aluna, que tire nota boa, e que eu não seja tão traurica etc... Já, vou falar um pouco de mim e das meus pensamentos com 13 anos. Eu tenho um sonho de ser pediatra, agora uma coisa que eu quero muito e que não sei se vou ter, e minha festa de 15 anos. Eu não se não lembra de você com 13 anos, mas eu sou baixinha, gordinha, etc... E isso eu espero que você tenha encontrado alguem que te faça feliz, e que eu não perca a amizade com Ana Clara, Nathalia, Nicolly, Rebeca.

Ass: [REDACTED]

ANEXO 37

namorada, o momento

Eu quero me ver trabalhando cedo, me tornar
aprendiz, de alguém que não consegue estagnar, não
fazer coisas erradas, digo, duas coisas de dar por
- rido, não brigar com a família, e ser feliz

- [REDACTED]

ANEXO 38

Vassouras, 6 de novembro de 2012

Olá, [REDACTED]!

Daquí a dois anos, sua família será reunida, seu pai te dará mais atenção, o mundo vai dar volta, e minha situação vai melhorar.

Você vai ser um bom aluno e vai estar no nível 572 no GTA V.

"Não tenho medo de escuro"

ASS: [REDACTED]

Vassouras, 6 / 11 / 2014.

Olá eu do futuro, Espero que você tenha aprendido alguma coisa com o passar dos anos, Nem foi tempo perdido.

Somos tão jovens para não lamentar do passado.

Bem ao mesmo tempo que quero saber como eu estarei, que ficar mais um pouco na pré-adolescência, Espero que eu tenha amadurecido mais e mais.

Que tenha conquistado tudo o que você planeja e conquiste o que está planejando, espero que esteja Bem não só de Saúde, mais também nos Estudos, falando dos estudos já está no nono ano "é o que Espero", Quero que eu continue sendo a mesma pessoa de sempre tá bfgs.

Um grande beijo da Muni pra mim
Mesmabf ♡♡♡

ANEXO 40

Vassouras, 06 de novembro de 2017

Oi [redacted], Tudo Bom

É já se passaram dois anos né, com muita alegria e também de tristezas e você já está aí no nono ano terminando o ensino fundamental, lembre-se de tudo que você já conquistou e aquilo que você não conquistou. Afinal nem foi tempo perdido. Somos tão jovens!!!

Seque os seus sonhos sempre em frente não temas, toda a tempo do mundo, quero ver você brilhando naquilo que você ama, não lembre daquilo que ficou pra trás, e avisa o que vem pela frente quero ver você sempre sorrindo.

Beijos da [redacted] !!!
♡♡♡

ANEXO 41

embora também que você não tem culpa do
que aconteceu no passado. Então se abraçe
Bem forte e diga pra si mesmo, Já estamos
distante de tudo e que temos novo proprio
tempo, não vá pela cabeça dos outros siga
o seu coração, não machuque as pessoas
em seu resto, não se desentenda a sua família
e espero que em 2029 você possa ser
uma pessoa melhor ainda

Vassouras, 06 de novembro de 2017

Sai [REDACTED] do futuro!!

Bom espero que quando eu tiver 14 anos, eu ainda tenha as amigas que tenho hoje, que eu não mude pra pior, que eu aproveite bastante o tempo, que eu não desanimar com os dias ruins, que eu lembre de todos os momentos bons que passei, que eu consiga realizar todos os meus sonhos! Que a Ana Clara, Ana Klara, Nicolly e Heléna me aturem para a vida toda!! E que eu seja muito feliz!!

Ass: Eu ooo

06/11/2017

KK Iai [redacted] da Futura?!

Já inventaram como voada e
Pizza de chocolate?

será que meu eu de agora ainda
é "emo"?! , deixa de ser treuxo
e vai se feliz!

Não perca os seus amigos mais
preciosos! seja inteligente, fofo,
amigo, para de ser triste menino,
para de chorar, chorar não vai mudar
nada! ninguém liga KK! , a propósito
ainda fez palmintos? não sei se
Você lembra, mas Você quis se
esquecer KKK, parabéns pelas coisas
que conquistou nesse tempo, e se
coisa não conquistou nada, Você tá
pior que eu heim! , Ah não para Você
sou eu? , BJS, e eu tô de volta pra
salvar como sou eu com 15 Anos

ASS: Você? mesmo 

ANEXO 44

